



ISPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

A DEPENDÊNCIA À INTERNET:
FUNDAMENTAÇÃO EMPÍRICA,
TEÓRICA E CLÍNICA – DA PSICOLOGIA
E PSICOMETRIA À CIBER-PSICOLOGIA

HALLEY DE OLIVEIRA MIGUEL

PONTES

Orientador de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA IVONE PATRÃO

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA IVONE PATRÃO

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob orientação da Professora Doutora Ivone Patrão, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES nº 19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

AGRADECIMENTOS

Antes de verdadeiramente concluir esta etapa, seria injusto não mencionar e agradecer algumas pessoas que, com todo o seu amor, amizade e partilha tornaram o caminho mais fácil.

À minha avó Emília, por nunca ter desistido de mim e por sempre ter estado à minha procura, mesmo quando o nosso caminho estava desencontrado. Sem o seu interminável investimento, suporte emocional, familiar e financeiro nada teria sido possível. Obrigado por me teres ensinado e mostrado o que realmente o amor é, ainda que eu não consiga explica-lo, posso senti-lo.

À professora Ivone Patrão, que sem o seu total empenho, orientação, mestria e toda troca infundável de e-mails e seminários, nada teria sido possível.

Ao ISPA, professores, alunos e funcionários por me terem ajudado em graus diferentes, a ser quem sempre quis e nunca soube até iniciar este maravilhoso percurso, e por me terem ajudado a compreender o porquê do ISPA realmente ser mais do que uma simples Universidade.

À professora Celina, obrigado por ter acreditado em mim num período muito especial da minha vida e ter estado sempre presente dentro de mim. Jamais me esquecerei de si.

Aos colaboradores indirectos deste projecto, que sem a sua discussão, olhar crítico e sugestões o resultado não seria o mesmo: Dr.^a Kimberly Young, Dr. Mark Griffiths, Dr. Cristiano Abreu, Professor e Amigo Bruno Rodrigues, e a todos os demais psicólogos e investigadores que partilharam o seu trabalho comigo via e-mail.

Ao João Neves, meu amigo, primo e irmão que nunca tive, por termos partilhado e teres feito parte de alguns dos melhores momentos da minha vida ao longo de uma fase especial: a adolescência e agora na adultícia.

Ao Wilson Santos, pela amizade, partilha e por me ajudar a pensar criticamente.

Ao Ricardo Fernandes, pela amizade e por ter sido o meu objecto securizante nos momentos mais difíceis a nível emocional ao longo destes cinco anos.

À Susana Barroso, por me ter inspirado de um modo estatisticamente significativo e pela amizade madura que partilhamos.

À todos e todas que não pude mencionar, mas que de certo modo estarão sempre presentes...

Por fim, mas não por último, àquele que me ensinou o valor da vida, a amar e a lutar por um futuro melhor, o José Miguel Pontes.

“Will the technologies of communication in our culture, serve to enlighten us and help us to understand one another better, or will they deceive us and keep us apart?” (Roger Waters, Pink Floyd)

Resumo

A dependência à Internet constitui-se como um tema de investigação proeminente nos países anglo-saxónicos desde a década de noventa. Apesar das suas várias definições e crescente interesse de investigação, em Portugal até ao momento, esta área de investigação em Psicologia mantém-se pouco desenvolvida.

O presente estudo procurou 1) realizar o estudo das qualidades psicométricas e de adaptação do *Internet Addiction Test* (Young, 1998) à população portuguesa do ensino secundário e superior; 2) testar a existência de associações entre a dependência à Internet e a sintomatologia depressiva e; 3) avaliar relações entre a dependência à Internet em relação aos dados sócio-demográficos recolhidos.

Participaram neste estudo um total de 545 estudantes portugueses do ensino secundário e universitário (161 masculino e 383 feminino), com idades compreendidas entre os 15 e os 39 anos ($\bar{X} = 19.52$), onde foi preenchida a versão portuguesa do *Internet Addiction Test* (Young, 1998); *Beck Depression Inventory-II* (Beck et al., 1996); e o questionário sócio-demográfico (Pontes & Patrão, 2013).

Os resultados revelaram que a dependência à Internet encontrava-se associada positivamente não só aos sintomas depressivos ($R_s = 0.222$; $p\text{-value} = 0.000$), mas também a factores sócio-demográficos como o sexo do participante, estado civil, idade e ano académico em graus diferentes. Além disso, a versão adaptada do *Internet Addiction Test* apresentou propriedades psicométricas bastante satisfatórias.

Com base nos resultados obtidos, discutiu-se a importância da prevenção e intervenção da dependência à Internet na população jovem, bem como a necessidade de alargar o sentido de consciência e literacia digital dos técnicos de saúde, educadores e pais para a problemática da dependência à Internet.

Palavras-chave: Dependência à Internet; Internet Addiction Test; Sintomatologia Depressiva.

Abstract

Internet Addiction is a prominent research field in the Anglo-Saxon countries since mid-nineties. Despite its various definitions and increasing research interest internationally, so far in Portugal, this new research area remains to be further investigated.

The present study attempted to: 1) study the psychometric properties and to adapt the Internet Addiction Test (Young, 1998) to the Portuguese young adult population; 2) to test whether there was any association between Internet Addiction and depressive symptoms in current sample; 3) to assess Internet Addiction simultaneously with relevant socio-demographic data collected.

A total of 545 Portuguese students, from secondary schools and universities (161 males and 383 females), participated in this study. Ages ranged from 15 to 39 years ($\bar{X} = 19.52$). All participants filled in the Portuguese version of the Internet Addiction Test (Young, 1998); Beck Depression Inventory-II (Beck et al., 1996); and the socio-demographic questionnaire (Pontes & Patrão)

The results showed a statistically significant association between the measures of Internet Addiction and the incidence of the depressive symptoms ($R_s = 0.222$; $p\text{-value} = 0.000$). Additionally, Internet Addiction scores differed significantly according to sex, relationship status, age and academic year. The results obtained allowed us to adapt a short version (12-items) of the Internet Addiction Test with good psychometric properties and reliability.

The impact of these results along with the importance of prevention and intervention within the Portuguese young population were further discussed in the study. The authors also reflected on the importance to extend the sense of awareness and also the importance of digital literacy among health practitioners, educators and parents in order to better understand Internet Addiction.

Key-words: Internet Addiction; Internet Addiction Test; Depressive Symptoms

Índice

I) Introdução	1
1.1) Dependência à Internet: Definição e Contexto de Emergência	2
1.2) Critérios de Diagnóstico: Fronteiras e Limites	5
1.3) Dependência à Internet: Perspectivas Psico-etiológicas.....	7
1.3.1) Modelo Cognitivo-Comportamental	9
1.3.2) O Modelo ACE	11
1.3.3) O Modelo do Triplo A.....	12
1.3.4) Escape From Self Theory	13
1.4) A Adolescência e Implicações Deste Ciclo Vida	15
1.4.1) A Adolescência Enquanto Ciclo de Vida	15
1.4.2) Os Marcadores de Transição	17
1.4.3) Adolescência e Depressão	19
1.4.4) Adolescência e Dependência à Internet	21
1.4.5) Factores de Risco: Uma Infinitude de Possibilidades	22
II) Método.....	28
2.1) Tipo do Estudo.....	28
2.2) Amostra	29
2.3) Material.....	30
2.3.1) Questionário Sócio-Demográfico	30
2.3.2) Beck Depression Inventory-II (BDI-II)	31
2.3.3) Young's Internet Addiction Test (IAT).....	33
2.4) Procedimentos	34
III) Resultados	38
3.1) Relações Entre a Dependência à Internet e a Sintomatologia Depressiva	38
3.2) Estudo das Qualidades Psicométricas do Internet Addiction Test (Young, 1998)	39
3.2.1) Estudos da Sensibilidade dos Itens	39

3.2.2) Estudos de Validade	41
3.2.2.1) Análise Factorial Exploratória.....	41
3.3) Estudos da Fiabilidade do Instrumento	53
3.4) Epidemiologia: Avaliação Geral e Percentual dos Níveis de Dependência à Internet e Sintomatologia Depressiva	54
3.5) Dependência à Internet e Factores Sócio-Demográficos Relevantes.....	56
3.5.1) A Dependência à Internet e Sexo.....	56
3.5.2) A Dependência à Internet e o Estado Civil.....	58
3.5.3) A Dependência à Internet e a Idade.....	59
3.5.4) A Dependência à Internet e a Prática de <i>Hobbies</i>	61
3.5.5) A Dependência à Internet e o Ano Académico.....	61
IV) Discussão.....	65
V) Considerações Finais.....	71
VI) Referências Bibliográficas.....	75
VII) Anexos.....	88

Lista de Tabelas

Tabela 1 Dados sócio-demográficos dos participantes (N = 545) do estudo	30
Tabela 2 Coeficiente de Correlação de Spearman entre as Variáveis Score Total IAT e Score Total BDI	40
Tabela 3 Output com os Valores Relativos ao Estudo da Sensibilidade dos Items	41
Tabela 4 Tabela de Frequências do Item 15 IAT	41
Tabela 5 Output com os Valores do KMO e do Teste de Esfericidade de Bartlett	43
Tabela 6 Valores Relativamente à Primeira Extracção dos Factores e a Percentagem da Variância Total	43
Tabela 7 Matriz com os Valores das Cargas Factoriais dos Items em cada Dimensão na Primeira Extracção de Factores através da Rotação Varimax	44
Tabela 8 Matriz com os Valores das Cargas Factoriais dos Items em Cada Dimensão na Segunda Extracção de Factores através da Rotação Varimax	45

Tabela 9 Matriz com os Valores das Cargas Factoriais dos Items em Cada Dimensão na Terceira Extração de Factores através da Rotação Varimax	46
Tabela 10 Matriz com os Valores das Cargas Factoriais dos Items em Cada Dimensão na Quarta Extração de Factores através da Rotação Varimax	47
Tabela 11 Matriz com os Valores das Cargas Factoriais dos Items em Cada Dimensão na Quinta Extração de Factores através da Rotação Varimax	48
Tabela 12 Output com os Valores do KMO e do Teste de Esfericidade de Bartlett	49
Tabela 13 Valores Relativos à Sexta Extração de Factores e a Percentagem da Variância Total Explicada por Estes	50
Tabela 14 Matriz com os Valores das Cargas Factoriais dos Items em cada Dimensão na Sexta Extração de Factores através da Rotação Varimax	50
Tabela 15 Organização e Distribuição dos Items pelos Factores	51
Tabela 16 Output com os Valores do KMO e do Teste de Esfericidade de Bartlett	53
Tabela 17 Valores Relativos à Sétima Extração de Factores e a Percentagem da Variância Total Explicada pelo Modelo Unifactorial	53
Tabela 18 Valores do alfa de Cronbach (Consistência Interna)	54
Tabela 19 Estatísticas Item-Total, Valores do Alpha de Cronbach Face à Exclusão de Items	55
Tabela 20 Níveis de Dependência à Internet Observados na Amostra	55
Tabela 21 Níveis de Sintomatologia Depressiva Observados na Amostra	56
Tabela 22 Estatística de Teste para Diferenças das Médias nos Níveis de Dependência à Internet entre Homens e Mulheres	57
Tabela 23 Correlação entre o Score Total no IAT e o Sexo do Participante	58
Tabela 24 Teste de Mann-Whitney U Para Participantes que Estavam Numa Relação de Compromisso vs. Os Participantes Que Não Estavam Numa Relação de Compromisso	59
Tabela 25 Correlação Biserial Entre os Níveis de Dependência à Internet e o Tipo de Relacionamento	60
Tabela 26 Coeficiente de Correlação Ró De Spearman para as Variáveis Idade e Score Total Obtido No IAT	60
Tabela 27 Correlação Entre o Score Total no IAT e a Prática de Hobbies	62
Tabela 28 Estatística do Teste de Kruskal-Wallis para a Comparação Múltipla das Médias entre Alunos do 10º Ano do Ensino Secundário até o 5º Ano do Ensino Universitário	63

Lista de Figuras

Figura 1. Gráfico Scatter com o Sentido da Correlação entre os Scores no IAT e o Sexo	58
Figura 2. Gráfico Scatter a Ilustrar o Sentido da Correlação Entre os Níveis de Dependência à Internet e a Idade dos Participantes	61
Figura 3. Níveis Médios de Dependência à Internet em Função do Ano Académico do Participante	64
Figura 4. Gráfico Scatter com os Níveis de Dependência à Internet entre os Alunos do Ensino Secundário e Universitário Quando Considerados no seu Conjunto	65

Índice dos Anexos

Anexo A1 – Instrumentos Finais	89
Anexo A2 – Autorização Inquérito em Meio Escolar (DGE)	98
Anexo A2 – Pedido de Autorização aos Alunos do Ensino Secundário	101
Anexo B1 – Correlação Dependência à Internet e Sintomas Depressivos	103
Anexo B2 – Teste da Normalidade Dependência à Internet e Sexo	105
Anexo B3 – Análise Estatística: Dependência à Internet e Tipo de Relacionamento	107
Anexo B4 – Teste da Normalidade Independência à Internet e Idade	109
Anexo B5 – Análise Estatística: Dependência à Internet e Ano_Académico	112
Anexo C – Estudo da Sensibilidade dos Items do IAT	114
Anexo D1 – Primeira Análise Factorial Exploratória	122
Anexo D2 – Segunda Análise Factorial Exploratória	128
Anexo D3 – Terceira Análise Factorial Exploratória	134
Anexo D4 – Quarta Análise Factorial Exploratória	140
Anexo D5 – Quinta Análise Factorial Exploratória	146
Anexo D6 – Sexta Análise Factorial Exploratória	152
Anexo D7 – Sétima Análise Factorial Exploratória Forçada a 1 factor	158
Anexo E1 – Coeficiente do Alfa de Cronbach do IAT Versão Portuguesa Reduzida	164
Anexo F1 – Percentagem de Participantes com Níveis de Depressão Relevantes	167
Anexo F2 – Distribuição do Estado Civil dos Participantes	169
Anexo F3 – Análise Estatística: Dependência à Internet e Ano Académico Participante	171
Anexo F4 – Dependência à Internet entre Alunos do Secundário vs. Universitário	173
Anexo G1 – Submissão Abstract III Fórum Internacional de Psicologia Clínica Lisboa	175
Anexo G2 – Submissão Abstract Estudo Psicométrico IAT 34 STAR Conference Faro	177
Anexo G3 – Publicação Internacional do Abstract do Novo Estudo IAT e Solidão	179

I) Introdução

O tema da dependência à Internet vem sendo alvo de sucessivas investigações no contexto internacional desde os meados da década de noventa. Em Portugal, à excepção de um ou outro estudo empírico (Gaspar & Carvalheira, 2012; Patrão, Rita & Pontes, 2013), que apesar de não versarem na temática e nos aspectos centrais da dependência à Internet *per se*, pouco foi feito até o momento.

Não menos importante, é a crescente e gradual preocupação de investigadores nacionais e internacionais que começam, a cada vez mais, a chamar a atenção para a importância de se estudar o comportamento *online* (Barak & Suler, 2008). Por outras palavras, parece haver cada vez mais, uma preocupação e interesse que justificam o estudo da ciber-psicologia enquanto área científica que procura compreender o comportamento humano no ambiente virtual (Barak & Suler, 2008).

A este propósito, é digno de menção alguns projectos e parcerias entre investigadores portugueses e outras redes de investigação a nível europeu, como por exemplo o Projecto EU Kids Online (www.eukidsonline.net) que conta uma rede internacional de 33 países a nível europeu (incluindo Portugal) e países afiliados fora do panorama europeu (e.g., Brasil e Austrália), e que tem vindo a desenvolver importantes investigações no contexto da dependência à Internet. Este projecto, tem como objectivo a estimulação e coordenação da investigação sobre o uso das novas tecnologias pelas crianças.

Nesta mesma linha, poderíamos mencionar o Projecto Aventura Social & Risco (<http://aventurasocial.com>) que para além de ter vindo a desenvolver diversas investigações no domínio da promoção da saúde e comportamento social, atendendo às questões da ciber-psicologia, encontra-se contextualizado no Núcleo de Estudos do Comportamento Social na FMH/Universidade Técnica de Lisboa e integrado em diversas redes Europeias: *Health Behaviour in School Aged Children* – HSBC/OMS; Kidscreen/EU; Tempest/EU; TICHE/EU; DICE/EU; YSAV-EU.

Deste modo, gostaríamos igualmente de poder contribuir, através do presente estudo, para um maior entendimento sobre uma dimensão específica da ciber-psicologia, que se prende essencialmente com a dependência à Internet na população jovem.

Posto isto, o objectivo geral deste estudo será avaliar as relações entre a dependência à Internet medida através da versão adaptada por Pontes e Patrão (2013) do *Internet Addiction Test* (IAT) de Young (1998), com a severidade da sintomatologia depressiva medida através do *Beck Depression Inventory-II* (BDI-II) (Beck, Steer & Brown, 1996), versão adaptada para Portugal por Ponciano, Cardoso e Pereira (2004).

Em termos dos objectivos específicos, procurar-se-á investigar as seguintes questões 1) estudo das qualidades psicométricas e adaptação do *Internet Addiction Test* (IAT) (Young, 1998) à população portuguesa do ensino secundário e superior; 2) o teste de hipótese relativamente à existência de maior incidência de sintomatologia depressiva em indivíduos com maiores níveis de dependência à Internet; 3) a avaliação geral e percentual dos níveis de dependência à Internet e sintomatologia depressiva na amostra em estudo; 4) a avaliação dos aspectos sócio-demográficos da amostra, procurando perceber as características dos sujeitos que apresentam níveis estatísticos significativamente elevados de dependência à Internet em concomitância quando tido em conta factores sócio-demográficos específicos.

1.1) Dependência à Internet: Definição e Contexto de Emergência

O fenómeno do uso excessivo da Internet, também conhecido por *Internet Addiction Disorder* (Goldberg, 1996), *Internet Addiction* (Young, 1996, 1998), *Pathological Internet Use* (Young, 1996, 1998), *Compulsive Computer Use* (Black, Belsare & Schlosser, 1999), *Virtual Addiction* (Greenfield, 1999), *Internet Use Disorder* (Black et al., 1999), *Problematic Internet Use* (Shapira et al., 2003) e *Internet Dependency* (Lu, 2008), constitui-se como um problema generalizado entre indivíduos de vários países nas mais díspares sociedades (Hasanzadeh, Beydokhti & Zadeh, 2012), requerendo por isso uma maior atenção por parte dos clínicos (Liu & Potenza, 2007).

A favor desta constatação, estão os dados do relatório do *Internet World Stats* (IWS, 2012) de Junho de 2012, onde podemos verificar que globalmente 34.3% da população mundial têm acesso à Internet. Mais especificamente, o continente Asiático por si só, representa 44.8% de toda a população internauta, seguido da Europa com 21.5%, do continente Norte Americano com 11.4%, América Latina e Caraíbas com 10,6%, África 7%, Médio Oriente com 3.7% e, por fim a Austrália e Oceânia com 1.0% respectivamente.

Só na China, aproximadamente 33.8 milhões de pessoas tiveram acesso à Internet no ano de 2009, sendo que mais da metade destes utilizadores (62.8%) tinham idades compreendidas entre os 10 e 29 anos (Wang et al., 2011).

Ainda no contexto asiático, Chen (cit. por Lin & Tsai, 2002) refere que no ano de 2000 estimou-se que 30% da população total da Tailândia (i.e., cerca de 6 milhões de indivíduos) tinha utilizado a Internet pelo menos uma vez nas últimas quatro semanas relativamente ao mês de Julho. Curiosamente, as taxas epidemiológicas verificadas na Tailândia sugeriam que cerca de 19.8% dos adolescentes estariam dependentes da Internet (Ko, Yen, Yen, et al., 2005).

Num recente estudo realizado pela EU Kids Online em Novembro de 2012 (Smahel, Helpser, et al., 2012), foram recolhidos dados junto de uma amostra de 19.834 crianças com idades compreendidas entre os 11 e 16 anos, junto de 25 países europeus, incluindo Portugal. Atendendo ao objectivo de verificar a existência do uso excessivo da Internet pelas crianças, os resultados sugeriram que 29% das crianças exibiam um ou mais dos componentes associados ao uso excessivo.

Todavia, apenas 1% do total da amostra exibiam efectivamente níveis patológico de uso da Internet (Smahel, Helpser, et al., 2012), o que acaba por realçar a diversidade das taxas epidemiológicas reportadas na literatura, pois as investigações realizadas nesta área tendem a recorrer a diferentes critérios e metodologias de avaliação, sem mencionar obviamente a heterogeneidade das amostras.

Embora as estatísticas indicam, um pouco por todo o mundo, a forma como as pessoas das mais díspares culturas e sociedades utilizam a Internet, não nos podemos esquecer que uma das inspirações e influências desta nova área de investigação, deveu-se aos estudos sobre a dependência ao computador, outrora referenciado em trabalhos da década de 80 e 90 (Shotton, 1989, 1991; Yip & Potenza, 1994). Foi portanto, por volta dos finais dos anos noventa, que se começou a falar no surgimento deste novo problema relacionado com a Internet (O'Reilly, 1996).

A Ivan Goldberg, psiquiatra de Nova Iorque, é atribuída a autoria do termo *Internet Addiction Disorder* no ano de 1996 para identificar as pessoas que estariam a ter problemas em função do uso excessivo da Internet. Não obstante, a sugestão desta nova perturbação foi feita de forma irónica e paródica a partir do critério de dependência de substância (Pezoa-Jares, Espinoza-Luna & Vasquez-Medina, 2012).

Ainda que o número de pesquisas feita nesta área continue a crescer exponencialmente no panorama internacional, a verdade é que ainda não temos uma definição consensual sobre o problema, para além de não parecer haver acordo quanto à terminologia a utilizar (Chou & Hsiao, 2000; Davis, 2001; Frangos, Frangos & Kiohos, 2010; Pezoa-Jares et al., 2012; Sherer, 1997).

Em função do pouco consenso conceptual e terminológico, outros autores (Griffiths, 1995a) procuraram descrever a dependência à Internet sob a forma de uma dependência comportamental (não química), que envolve interacções entre o indivíduo e o computador. Por seu turno, Young (1996) descreve o fenómeno através de um modo análogo ao jogo patológico, como sendo uma perturbação do controlo dos impulsos sem a presença de um intoxicante. Já Beard e Wolf (2001) centraram-se mais nos problemas criados ao nível psicológico, social, académico e ocupacional na vida do indivíduo decorrentes do uso problemático da Internet.

Já Satel (cit. Por Shapira et al., 2003) defende que a expressão do termo dependência, quando utilizada para descrever qualquer comportamento compulsivo auto-destrutivo, pode gerar vários problemas conceptuais. Além disso, acresce que o significado de dependência, torna-se diluído e os riscos de se tirar conclusões precoces aumenta, dificultando assim a exploração de outras co-morbidades ou tratamentos para estas, para além da aplicação dos tradicionais métodos de 12 passos.

O uso problemático da Internet, também foi caracterizado por Shapira (cit. por Shapira et al., 2003) através da incapacidade do sujeito controlar o seu próprio uso, com isso, a forma experimenta consequências negativas originados por esta incapacidade, bem como, a forma como as actividades desempenhadas no dia-a-dia são prejudicadas negativamente.

Beard (2005) propôs uma definição mais actualizada e ampla do fenómeno, tendo em vista o facto de o indivíduo estar dependente quando certas áreas da sua vida estão a ser prejudicadas, como seja o seu estado psicológico mental e emocional, desempenho académico, ocupacional e as interacções sociais. Paralelamente, Griffiths (1995b) descreve a dependência à Internet na medida em que esta acarreta sintomas como por exemplo, dominância comportamental, alteração do humor, tolerância, abstinência e conflitos.

Além das várias definições evidenciadas e descritas ao longo da literatura, outra questão que se coloca prende-se com a tipologia, isto é, as modalidades em que se apresenta o fenómeno da dependência à Internet.

A este propósito, Young, Pistner, O'Mara e Buchanan (2000) identificaram cinco sub-tipos de dependência à Internet, sendo estes, os seguintes: a) ciber-sexo; b) ciber-relacionamentos; c) transacção de acções e apostas *online*; d) pesquisa de informações e; e) jogos de computador. Adicionalmente, outros autores (Karaiskos, Tzavellas, Balta & Paparrigopoulos, 2010; Kuss & Griffiths, 2011) sugerem a inclusão de um sub-tipo que medeia o uso excessivo dos sites de rede sociais – *Facebook Addiction* ou *Social Networking Site Addiction*.

A última revisão do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (4th ed., text rev.; *DSM-IV-TR*; American Psychiatric Association, 2000) não incluiu esta nova forma de dependência enquanto uma entidade clínica. Todavia, para além de já estar inserida no apêndice da próxima edição do DSM, previsto para Maio de 2013, o mérito desta nova perturbação parece merecer a inclusão no mais famoso manual de diagnóstico do mundo (Block, 2008).

Os dados referentes ao uso destas novas tecnologias a nível nacional, são bastantes elucidativos relativamente à pertinência do estudo da dependência à Internet. A este propósito, os dados do último relatório do Instituto Nacional de Estatística (INE, 2011) revelam que, 64% dos agregados domésticos dispunham de acesso ao computador em casa e, 58% à internet no ano de 2011. De facto, em Portugal, desde de 2002 que o acesso ao computador e à Internet, apresentam um crescimento médio anual de 11% e 17% respectivamente.

Se tivermos em conta as regiões, Lisboa e os Açores apresentaram proporções de agregados com acesso à Internet superiores à média do país, 68% e 59,6% respectivamente. Seguido do Algarve, a terceira maior região com 58,3% (INE, 2011). Não obstante, verificou-se também, que a maior parte dos utilizadores da Internet concentravam-se na região de Lisboa (68,2%) e Algarve (58,7%) (INE, 2011).

Por outro lado, foi estimado que cerca de 58% dos indivíduos entre os 16 e os 74 anos de idade, utilizaram o computador, sendo que destes, uma taxa de 55% acederam a Internet, relevando assim, comparativamente a 2002, um crescimento médio anual de 9% na utilização do computador e 13% na utilização da Internet.

1.2) Critérios de Diagnóstico: Fronteiras e Limites

Além de ter inaugurado esta área de investigação, Young (1996, 1998) foi também a primeira autora a definir a dependência à Internet do ponto de vista científico e em termos clínicos, através da adaptação de vários critérios associados ao diagnóstico do jogo patológico. Devido aos seus trabalhos iniciais (Young, 1996, 1998), foram reunidos os esforços para desenvolver um questionário de avaliação e diagnóstico.

O Questionário de Diagnóstico (Young, 1996) tem como referência os critérios de diagnóstico contidos no *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (4th ed.; *DSM-IV*; American Psychiatric Association, 1994) para o jogo patológico, porém com algumas modificações e adaptações. Na sua essência, este questionário consiste numa lista de oito questões de “sim” e “não” sobre o uso da Internet, em que, os sujeitos ao responderem “sim” a pelo menos cinco destas, preenchem os critérios de diagnóstico de dependência à Internet, sendo o restante, classificados como não dependentes.

Embora este esforço inicial tenha sido amplamente profícuo e inspirador para as investigações que se seguiram, Widyanto e Griffiths (2006) questionaram a validade da operacionalização conceptual feita pela autora, que teria que ver com o pressuposto adoptado de que a dependência à Internet constituir-se-ia como um fenómeno semelhante ao jogo patológico na sua base.

A partir destes critérios vários estudos foram sendo realizados, como por exemplo, o estudo de Fu, Chan, Wong e Yip (2010) onde se verificou que, as pessoas que possuíam cinco ou mais sintomas de dependência à Internet, apresentavam maior ideação suicida e sintomatologia depressiva.

Tonioni et al. (2012) sugerem que o mal uso da Internet, caracterizado pelo grande número de horas despendidas *online* e o evitamento das interacções sociais com pessoas conhecidas e reais, formam um importante critério a ser avaliado na entrevista clínica que visa o diagnóstico da dependência à Internet. Além disso, a associação entre a perda do interesse em comunicar com pessoas reais e os sintomas psicológicos (e.g., ansiedade e depressão), são relevantes na detecção destes pacientes.

Embora tenha sido Young (1996) a primeira autora a propor o critério de diagnóstico para a dependência à Internet de um modo rigoroso, outros autores (Ko, Yen, Chen, Chen & Yen, 2005; Shapira et al., 2003) propuseram diferentes critérios para o diagnóstico desta nova forma de perturbação.

Para Griffiths (2000), o indivíduo só pode ser considerado dependente à Internet ao preencher todos os componentes presentes no seu critério de diagnóstico, a saber a: saliência, alterações do humor, tolerância, sintomas de abstinência, conflitos intra e inter-pessoais e as recaídas.

Por outras palavras a dependência verifica-se através de um conjunto de critérios que medeiam a saliência do uso da Internet na vida do sujeito, as alterações do humor que esta produz neste, a tolerância e a necessidade crescente de se aumentar as horas despendidas, a presença de sintomas de abstinência face ao não uso, os conflitos interpessoais ou intra-pessoais derivado do uso excessivo e, a recaída face às sucessivas tentativas de parar o uso continuado e patológico da Internet.

Por seu turno, Shapira et al. (2003) conceptualiza a dependência à Internet sob a égide de uma perturbação do controlo dos impulsos, onde os sujeitos experimentam um aumento da tensão ou excitação prévias à utilização, e que, subsequentemente, são aliviados sob a forma de prazer face ao uso da Internet. Portanto, para estes autores, o critério de diagnóstico da

dependência à Internet situar-se-ia face às preocupações desajustadas com o uso (i.e., a utilização da Internet enquanto experiência irresistível.

Neste sentido, o critério de diagnóstico para o uso patológico da Internet segundo Shapira et al. (2003), teria que ver com a) uma preocupação desajustada com o uso da Internet, tal como indicada por um dos seguintes factores: preocupações com o uso enquanto experiência irresistível ou uso excessivo por períodos de tempo maiores do que o planeado; b) o uso da Internet ou preocupação com esta enquanto causador de um significativo *distress* ou impacto negativo ao nível ocupacional ou em outras áreas importantes do funcionamento; c) o uso excessivo da Internet não ocorre exclusivamente durante períodos de hipomania ou mania, não sendo por isso, atribuído às perturbações do Eixo I do DSM.

No que respeita ao diagnóstico na adolescência, Ko, Yen, Chen, et al. (2005) apresentaram um critério de diagnóstico diferente, baseado em três eixos. Desta forma, o Critério A contém nove sintomas característicos da dependência à Internet, incluindo a preocupação, impulso não controlado, utilização para além do tempo pretendido, tolerância, abstinência, controlo deficiente, tempo e esforço excessivo gasto na Internet e, deficiente tomada de decisão. Destes critérios, seis ou mais devem ser preenchidos. O Critério B descreve a forma como a Internet prejudica o funcionamento do sujeito. Por fim, o Critério C, estipula que o sujeito não pode preencher os critérios para o diagnóstico da perturbação bipolar I.

1.3) Dependência à Internet: Perspectivas Psico-etiológicas

À medida que o problema se torna mais abrangente e intensificado na actualidade, até os dias de hoje pouco se conhece sobre o que verdadeiramente leva a que as pessoas a se tornem dependentes da Internet (Young, Yue & Ying, 2011).

Fornecer modelos etiológicos ou causais psicológicos que se inscrevam num quadro teórico é importante, tanto do ponto de vista académico como clínico. Se por um lado, ao desenvolver tais modelos estaremos a contribuir para que sejam identificadas futuras áreas de investigação, por outro, estaremos a apoiar os clínicos com métodos empíricos de avaliação e tratamento aos seus clientes com potencial dependência à Internet (Young et al., 2011).

Por si só, o termo "*addiction*" implica uma doença médica, e não incorpora adequadamente as componentes biológicas, psicológicas e sociais do fenómeno (Moss & Dyer, 2010). Porém, em termos gerais, a dependência é muitas vezes entendida como a condição em que há um elevado envolvimento em um comportamento adictivo (e.g., consumo de álcool), ainda que este resulte em consequências negativas. Além disso, o sujeito desenvolve tolerância,

sintomas de abstinência, compulsão para o comportamento; e um diminuto controlo sobre o mesmo (McMurrin, 1994).

As dependências podem ser melhor compreendidas, nem tanto pela questão da quantidade em si, mas também pela forma como impactam negativamente na vida do indivíduo, e o modo como perturba negativamente as múltiplas áreas da sua vida (Doan, 2012).

A definição da dependência constitui-se um desafio digno de pouco consenso. Contudo, autores como Young et al. (2011) procuram defini-la sob a forma de uma compulsão recorrente que leva o sujeito a envolver-se em certas actividades ou utilização de substâncias, independentemente de toda e qualquer consequência negativa que esta lhe cause em termos do seu bem-estar físico, social, espiritual, mental e financeiro.

Estes sujeitos, ao invés de identificarem os seus obstáculos, enfrentar o *stress* diário ou confrontarem-se com traumas passados ou presentes, acabam por responder a um nível comportamental e psicológico de um modo desajustado através de uma fuga a pseudos mecanismos de *coping* (Young et al., 2011).

Esta noção vai à favor da teoria que procura compreender o fenómeno da dependência à Internet através do uso como forma de compensação das necessidades psicológicas do indivíduo. Neste sentido, estas abordagens mais psicológicas sugerem que as pessoas utilizam a Internet excessivamente para compensarem dificuldades sociais ou psicológicas, bem como os défices no seu bem-estar pessoal em termos do dia-a-dia.

Como corolário desta ideia, tem-se que os indivíduos que se encontram em maior situação de vulnerabilidade psicológica, são por vezes descritos como estando em maior situação de risco para virem a desenvolver a dependência à Internet, pois esta poderá servir como uma forma de compensar faltas, e proporcionar novas formas de lidar com os problemas decorrentes da vida *offline* (Smahel, Helpser, et al., 2012).

Young e Klausning (2007) comentam quanto ao facto de que, normalmente, quando ouvimos a palavra dependência ou *addiction* (do inglês), pensamos logo na dependência física às drogas ou álcool, qualquer coisa que envolva o uso de um intoxicante e que origina a dependência química. No entanto, nas últimas décadas, os investigadores identificaram um outro tipo de dependência.

Seguindo este raciocínio, Hanson, Venturelli e Fleckenstein (2011), estes autores sugerem que a dependência pode estar associada a reacções físicas e psicológicas. Relativamente à sua dimensão física, esta reflecte as mudanças no modo como os órgãos e os sistemas do corpo humano respondem a uma substância ingerida. Por seu turno, a dependência psicológica é causada por uma mudança nas atitudes e expectativas.

A dependência à Internet é uma forma de dependência comportamental, em que o aumento do seu “consumo” é melhor compreendido através do enfoque nas variáveis psicológicas (Young et al., 2011). Deste modo, a dependência psicológica torna-se evidente quando o indivíduo experimenta sintomas de abstinência tais como a depressão, *cravings*, insónias e irritabilidade.

Como sugerem Young e Klausing (2007) em relação à dependência psicológica, também referenciada como dependência de processo (*process addictions*), “esta nova forma dependência, envolve a existência de padrões disfuncionais e, sintomas passivos de serem observados através de comportamentos, tais como: comer, jogar, sexo, relacionamentos, compras” (p. 6).

Além disso, estes comportamentos impactam negativamente na vida das pessoas do mesmo modo que as dependências físicas o fazem, de várias maneiras, afectam negativamente o casamento, produtividade no trabalho e o bem-estar pessoal, pois os sujeitos acabam por ser consumidos por um comportamento particular – consumidos ao ponto de se tornarem dependentes (Young & Klausing, 2007).

Por outro lado, Pezoa-Jares et al. (2012) enfatizam a importante ideia de que qualquer tipo de dependência que o indivíduo possua, resulta de uma interação entre factores biológicos, psicológicos e ambientais. Por isso, torna-se imprudente assumir que a Internet por si só causa dependência. Pelo contrário, a dependência à Internet pode ser uma manifestação em determinadas pessoas, cujo antecessente bio-psico-social as torna mais predisposta.

Em suma, a dependência à Internet enquanto um tipo de dependência psicológica, comportamental ou de processo, constitui-se por: a) uma síndrome psicológica e comportamental reconhecida; b) expressar-se num sujeito particular em relação a substâncias ou processos específicos; c) exibir semelhanças entre os sujeitos dependentes, independentemente das suas circunstâncias específicas e dependência particular (Young & Klausing, 2007). Além disso, deverá ser contextualizada e compreendida no próprio contexto bio-psico-social do indivíduo (Pezoa-Jares et al., 2012).

1.3.1) Modelo Cognitivo-Comportamental

O modelo cognitivo-comportamental de Davis (2001) sobre o uso patológico da Internet conceptualiza o fenómeno como sendo mais do que uma simples dependência comportamental. Neste sentido, o uso problemático da Internet é entendido como um padrão distinto de cognições e comportamentos relacionados com a Internet, e que resultam em consequências negativas para o indivíduo.

Para o autor, existem duas formas diferentes de dependência à Internet, uma mais específica e outra mais generalizada. Na sua forma específica, o uso problemático, envolve a sobre-utilização ou abuso de funções e conteúdos específicos da Internet (e.g., jogos, pornografia). Além disso, esta perturbação é manifestada de um modo alternativo caso o indivíduo não disponha de acesso à Internet. Por seu turno, a sua vertente mais generalizada é conceptualizada como uma forma de sobre-utilização multidimensional da Internet, resultando assim em consequências negativas a nível pessoal e profissional.

Davis (2001) atenta ainda quanto aos sintomas da forma generalizada do uso problemático da Internet, incluem cognições e comportamentos desajustados relativamente ao uso da Internet em si, e não a um conteúdo específico. Deste modo, o uso problemático da Internet generalizado ocorre quando o indivíduo desenvolve certos problemas devido ao contexto de comunicação único da Internet, ou seja, o sujeito é atraído para a experiência de estar *online* ainda que esteja desconectado, demonstrando assim, preferência pela comunicação interpessoal virtual ao invés da comunicação face-a-face.

Caplan e High (2011) oferecem uma visão complementar ainda à luz da teoria cognitivo-comportamental. Para estes autores, as dependências tecnológicas são entendidas como um sub-tipo das dependências comportamentais. Deste modo, a dependência à Internet contempla os componentes básicos de uma dependência, a saber: saliência, alteração do humor, tolerância, abstinência, conflito e recaída.

O modelo cognitivo-comportamental sugere, que as cognições e comportamentos relacionados com a Internet que resultem em prejuízos para o indivíduo, são a consequência e não a causa dos problemas psicossociais mais generalizados (e.g., depressão, ansiedade social, solidão, pobre competência social) (Caplan & High, 2011).

Por outras palavras, esta perspectiva afirma que os problemas psicossociais predis põem os sujeitos a desenvolverem cognições desajustadas que, por conseguinte, levam a uma deficiente auto-regulação, resultando assim em última instância, nos prejuízos associados ao uso da Internet.

Perante a tendência destes sujeitos preferirem a comunicação *online* em detrimento da face-a-face, Caplan e High (2011) falam das diferenças cognitivas individuais, pois os sujeitos dependentes da Internet sentem-se, aquando das comunicações *online*, mais seguros, eficazes, confiantes e confortáveis comparativamente às interações face-a-face. Não obstante, a preferência pela comunicação *online* associa-se positivamente ao bem-estar psicológico e aos elementos da dependência à Internet (e.g., uso compulsivo).

Neste modelo, os indivíduos dependentes da Internet demonstram saliência para esta actividade, experimentando com isso, o desejo e sentimentos de preocupação em estarem conectados quando estão desconectados. Caplan (cit. por Young et al., 2011), aponta igualmente para o facto da dependência à Internet poder manifestar-se através de um conjunto de sinais, como por exemplo, o seu uso como fuga aos sentimentos mais disruptivos; desenvolvimento de tolerância, isto é, necessidade de utilizar por maiores períodos de tempo para obter os mesmos efeitos de satisfação iniciais; presença de sintomas de abstinência face a redução ou inibição do seu uso; aumento dos conflitos interpessoais devido ao uso da Internet e; a recaída face a tentativa de deixar de utilizar.

Para autores como Greenfield e Orzack (cit. por Young et al., 2011), dentro desta linha cognitiva, o tratamento da dependência à Internet não deve passar pela proibição total do seu uso, mas sim, pelo fomentar do uso moderado e controlado por parte do utilizador.

Apesar das propostas etiológicas quanto à origem do comportamento adictivo face à Internet não serem tão férteis como esperado, concomitantemente, alguns autores (Cooper, 1998; Young, Cooper, Griffiths-Shelley, O'Mara & Buchanan, 2000) desenvolveram outros modelos explicativos aplicados a dependência ao ciber-sexo, e que visam compreender o fenómeno da dependência à Internet de um ponto de vista mais global.

1.3.2) O Modelo ACE

Na tentativa de engendrar um modelo que sublinhasse as origens da dependência à Internet, Young, Cooper, et al. (2000), introduziram o Modelo ACE, onde através da Acessibilidade, Controlo e a Excitação, podemos perceber melhor a raiz do problema. Posto isto, este modelo postula que, a) a acessibilidade da informação, áreas interactivas e imagens pornográficas; b) o controlo pessoal e a privacidade percebida nas interacções *online* e; c) os sentimentos internos excitatórios que originam um estado mental de “pico” face ao uso da Internet – estariam na base do uso patológico.

Em primeiro lugar, o anonimato (*Anonymity*) das transacções electrónicas, permitem aos sujeitos se envolverem secretamente em *chats* eróticos, sem que haja qualquer medo ou preocupação de serem descobertos pelo cônjuge. O anonimato dá ao utilizador um maior sentimento de percepção de controlo sobre o material, tonalidade e natureza da experiência virtual.

Por conseguinte, as experiências virtuais decorrem, muitas vezes, na privacidade da casa, escritório ou cama do sujeito, facilitando assim a percepção de maior anonimato, e de que o uso da Internet não pode ser rastreado (Young, Cooper, et al., 2000).

Para Young, Cooper, et al. (2000), associado às comunicações electrónicas, o anonimato permite aos utilizadores sentirem-se mais abertos e sinceros quando estão a interagir com outros utilizadores *online*. Por isso, permite a estes, sentirem-se, de igual modo, mais confortáveis sem que tenham a necessidade de procurar por sinais de insinceridade ou julgamentos através das expressões faciais, como seria de esperar nas interações da vida real.

Em segundo lugar, a conveniência de aplicações interactivas *online* tais como o *chat* do *facebook* ou o *instant messenger*, salas de *chat*, jogos interactivos, funcionam como um veículo para o sujeito encontrar-se com outros utilizadores. Por fim, aquilo que se inicia a partir de uma simples troca de correios electrónicos, pode facilmente constituir-se como um *ciber-affair* intenso e apaixonado.

Muitas pessoas assumem de um modo errado que, o principal reforço para o adultério *online* é a gratificação recebida através do acto sexual *online*. Porém, acredita-se que a experiência seja reforçada através de um tipo de “pico” que permite ao utilizador uma fuga emocional ou mental, e que, acaba por reforçar o comportamento levando à compulsão (Young, Cooper, et al., 2000).

Deste modo, percebemos a forma como uma mulher que se sente solitária no seu casamento, pode fugir para uma sala de *chat* onde se sente desejada por vários parceiros virtuais, ou o marido sexualmente inseguro que se transforma num amante virtual disputado por várias mulheres ao mesmo tempo na mesma sala de *chat*.

Enquanto a realização sexual fornece um reforço inicial importante, o reforço mais poderoso é aquele que é cultivado no sujeito sob a forma construída de um mundo subjectivo fantasioso onde lhe é oferecido um meio de fuga ao *stress* e dificuldades da vida real diária (Young, Cooper, et al., 2000).

1.3.3) O Modelo do Triplo A

O Modelo ACE de Young, Cooper, et al. (2000), Cooper (1998) expõe um de forma simples e compreensiva alguns factores que estarão na base do comportamento adictivo do ciber-sexo, por fim a generalizá-lo para a dependência à Internet na sua forma mais ampla, que na sua base, estaria em causa o “*Triple A Engine*”, que gira em torno da *Anonymity*, *Acessibility* e *Affordability*.

A natureza anónima (*Anonymity*) da Internet permite aos indivíduos com compulsões sexuais, a passagem ao acto da sua dependência sexual em segredo. Sendo que o mesmo carácter de anonimato encontra-se de uma forma presente quando o utilizador deseja, nas mais variadas actividades que pode desempenhar na Internet.

Além disso, o fácil acesso (*Acessibility*) à Internet permite a qualquer pessoa conectar-se e fazer pesquisas por material de cariz sexual na Internet. O que também pode ser percebido com o facto de que, actualmente na nossa cultura, a Internet pode ser facilmente acedida, virtualmente por todos, a partir de casa, trabalho, escola, cibercafés ou até mesmo do telemóvel a qualquer hora.

Por seu turno, o baixo custo da Internet (*Affordability*) faz com que a sua presença seja quase universal nos mais variados contextos, como por exemplo escola, trabalho, pontos de acesso públicos, etc. Além disso, hoje em dia, por uma quantia acessível a uma grande fatia da população, qualquer indivíduo pode aderir a um serviço de banda-larga ilimitado, o que permite uma melhor e mais rica experiência incursiva no virtual.

Em síntese, à luz deste modelo, os utilizadores podem entrar na Internet a qualquer altura do dia ou da noite, mesmo que isto implique algum, ou quase nenhum custo e, que possam também escolher interpretar as suas verdadeiras identidades de um modo mais obscuro ou variado. Aqui, o elemento em falta, é o contacto humano, porém, isto não constitui necessariamente um factor inibidor (pode até ser um factor facilitador) para os que utilizam a Internet por razões sexuais.

Uma última ressalva relativamente ao modelo ACE proposto por Young, Cooper, et al. (2000) e ao modelo do Triple A de Cooper (1998), prende-se com o facto de que na sua essência, estes modelos não se constituem como modelos no seu sentido mais lato, pois tal como referencia Griffiths (2003), estes não explicam o processo de desenvolvimento da dependência à Internet, limitam-se apenas a fornecerem uma lista de variáveis responsáveis pela aquisição e manutenção de alguns comportamentos.

1.3.4) Escape From Self Theory

Esta teoria visa explicar as origens da dependência à Internet através da adaptação do modelo conceptual de Baumeister (cit. por Kwon, 2011). Nesta perspectiva, tal como qualquer problema adictivo, a dependência à Internet pode ser vista a partir de um *continuum* de comportamentos auto-destrutivos, e por isso, ser melhor compreendida como uma tentativa de eliminar o auto-estranhamento (*self-estrangement*) e o estado de humor negativo que o acompanha (Kwon, 2011).

De facto, já verificámos a possível função da Internet como uma forma de permitir ao sujeito fugir das dificuldades que enfrenta na sua vida diária (Young, 1996, 1998). A Internet também serve como um meio de fornecer sentimentos de dissociação e imersão ao utilizador, podendo com isso facilitar os sentimentos de fuga (Griffiths, 2003).

A dissociação e imersão podem envolver diferentes tipos de sentimentos, como por exemplo a perda da noção do tempo; sentimento de ser como outra pessoa; ter brancas/apagões mnésicos; ou lapsos de memória, bem como propiciar estados semelhantes aos de transe (Griffiths, 2003).

De acordo com a teoria de Baumeister (cit. por Kwon, 2011), num primeiro momento, os indivíduos são confrontados com uma realidade que não vai ao encontro das suas elevadas expectativas. Quando as dificuldades são atribuídas ao *self*, o indivíduo percebe-se como inadequado, incompetente, pouco atractivo ou culpado. De seguida, um afecto negativo (e.g., depressão, ansiedade) emerge da comparação desfavorável que faz do *self* com os seus próprios ideais (*self-standards*).

Por conseguinte, a pessoa responde a este estado desconfortável através da tentativa de fugir aos pensamentos mais significativos relativos a um estado de dormência/anestésico de desconstrução cognitiva. A desconstrução cognitiva é definida como um estado mental caracterizado por uma perspectiva temporal que se orienta no presente, negação do futuro, ausência de objectivos distais e um pensamento demasiado concreto (Kwon, 2011).

Finalmente, as consequências deste estado mental desconstruído, podem contribuir para um aumento do desejo de suicídio (Kwon, 2011). Assim, fugir ao *self* pode ser um processo que leva à dependência à Internet.

Quando os indivíduos têm uma discrepância entre o *self* real e o ideal, estes se avaliam como incompetentes, sem valores e inadequados. Como resultado, estas pessoas tendem a ficar mais deprimidas, ansiosas e derrotadas. Por esta altura, estes indivíduos podem escolher entre resolverem o problema ou tentarem fugir a esta dura realidade (Kwon, 2011).

Quando a Internet é adoptada como meio de fuga do próprio *self* e, é repetidamente visitada, o sentimento individual de um falso sentimento de poder, realização e conexão, obtidos através das actividades na Internet aumentam, potenciando assim a sua indulgência pela Internet (Kwon, 2011).

Este modelo fornece-nos algumas pistas quanto aos adolescentes em particular. Neste sentido, estes quando são alvo de uma auto-avaliação negativa e humor negativo, podem estar mais susceptíveis a desenvolverem a dependência à Internet, especialmente quando os pais estão focados apenas no sucesso académico e, não fornecem uma supervisão ajustada (Kwon, 2011).

Assim, os programas de intervenção deverão tentar perceber não apenas as mudanças quanto ao uso da Internet, mas também, as mudanças comportamentais e cognitivas no adolescente quanto à tendência de fugir ao seu *self* (Kwon, 2011).

1.4) A Adolescência e Implicações Deste Ciclo Vida

1.4.1) A Adolescência Enquanto Ciclo de Vida

De acordo com Hurlock (1979), a partir da etimologia podemos observar que a palavra “adolescência” vem do verbo latino *adolescere*, o que significa “crescer” ou “crescer para a maturidade”. Posto isto, entende-se que a adolescência é um período marcado por uma transição que denota a passagem do indivíduo, em termos das modificações físicas e psicológicas, de criança para adulto.

De facto, reconhece-se na sociedade moderna, um período do ciclo de vida relativamente longo e transitório ao qual designamos de adolescência (Papalia & Olds, 1995). Se antigamente, a sociedade praticava rituais de passagem que sinalizavam a passagem da criança ao mundo adulto, hoje em dia pelo contrário, estas actividades deixaram de ser praticadas.

Quanto à delimitação temporal que caracteriza esta etapa do ciclo de vida, esta é pouco consensual na literatura. Se por um lado, alguns autores (Papalia & Olds, 1995) situam o início da adolescência com a chegada da puberdade por volta dos 12 ou 13 anos, e o seu término próximo dos 20 anos de idade, autores como Hurlock (1979) defendem que, em média, a adolescência das raparigas estende-se dos 13 aos 18 anos e a dos rapazes dos 14 aos 18 anos.

Apesar disso, verificamos que crescimento, maturação e desenvolvimento humano não são processos mutuamente exclusivos, pois ocorrem continuamente durante todo o ciclo de vida (Ré, 2011). De facto, a adolescência também é caracterizada como um período de grandes mudanças cognitivas, psicossociais, físicas e emocionais, sendo que, o que nesta fase ocorrer em termos da compreensão da saúde e da aquisição de hábitos, pode ter um grande impacto nas etapas posteriores do desenvolvimento (Latorre & Montañés, 2004).

Se por um lado, durante a adolescência o corpo sofre importantes modificações que vão desde a uma aparência infantil à outra própria de adultos. Por outro, a maturidade sexual, o desenvolvimento da força e resistência física devem-se às várias e sucessivas transformações físicas externas e internas do adolescente (Latorre & Montañés, 2004).

Ainda que tal como Marcelli (2002) tenha sugerido quanto a adolescência ser um período de crise, podemos observar que nesta fase o processo desenvolvimental comporta características de apelo à beleza, ao deslumbramento, à estranheza e ao fascínio pelo mistério do desconhecido (Gavanha & Marques, 2009). Como tal, designa um convite ao Eu conhecido e desconhecido, ao Outro, ao novo objecto de paixão que adquire novas proporções (Gavanha & Marques, 2009).

Segundo Dunkel e Sefcek (2009), podemos definir este período de vida através da questão dos papéis do adolescente, onde este encontra-se num conflito entre a formação e estruturação da sua identidade enquanto adulto dependente, mas que, ao mesmo tempo, encontra-se num corpo de um jovem dependente de um outro. Já Erikson (1950), reforça a ideia de que o adolescente é confrontado com uma importante tarefa desenvolvimental, que visa desenvolver em si, um sentido de continuidade, em que, a formação da identidade irá resultar no reforço psicossocial da fidelidade.

Papalia e Olds (1995) reforçam a ideia de que a adolescência caracteriza-se igualmente por um período em que a aparência do indivíduo muda em resultado da actividade hormonal pubertária. Neste sentido, Hurlock (1979) situa a puberdade como o período onde ocorre a maturação sexual do indivíduo, e portanto, uma parte da adolescência mas não o seu sinónimo, pois a adolescência inclui todas as fases da maturação e não se restringe apenas à maturação sexual.

Uma outra característica importante da adolescência prende-se com as mudanças na forma do adolescente pensar, à medida que se desenvolve neste a capacidade de recorrer ao pensamento abstracto. Por isso, todas as áreas de desenvolvimento convergem à medida que o adolescente é confrontado com a principal tarefa desta fase, a de estabelecer uma identidade adulta (Papalia & Olds, 1995).

Relativamente aos avanços cognitivos dos adolescentes que se associam à sua nova forma de pensar, podemos reflectir sobre este fenómeno à luz do aumento dos conflitos familiares que é vivido no seio da família.

Assim, Arnett (2007) alerta que a adolescência é marcada de igual modo, e principalmente na sua fase inicial, por um aumento do conflito com os pais, sendo as hipóteses explicativas para este fenómeno inerentes aos factores biológicos, psicológicos e sociais que se vão construindo e modificando ao longo desta fase.

Do ponto de vista biológico, os adolescentes tornam-se maiores e mais fortes fisicamente com a puberdade, o que faz com que seja mais difícil para os pais imporem a sua autoridade através do seu estatuto físico (Arnett, 2007).

No plano cognitivo, as mudanças qualitativas e a aquisição do pensamento abstracto e complexo, fazem com que os adolescentes possam defender melhor os seus argumentos e pontos de vistas divergentes em relação aos outros, o que acaba por dificultar a prevalência dos pais em termos de argumentação (Arnett, 2007).

Se por um lado a vida em família pode constituir-se como fonte das melhores vinculações do indivíduo, por outro, também pode resultar nos piores conflitos. Assim, para muitos pais e adolescentes, vários ajustes são necessários para a manutenção da relação com a família à medida que os adolescentes vão adquirindo mais autonomia, e com isso, afastando-se cada vez mais da família em direcção a um mundo maior e com outras possibilidades de vinculação fora desta (Arnett, 2007).

Por isso, pode ocorrer também, que na base desse aumento do conflito entre o adolescente e os pais, se encontre a maior necessidade autonomia por parte do adolescente, onde os pais têm que se ajustar a este facto através da quantidade de autonomia dada (Arnett, 2007).

Além disso, tal como sugere Hurlock (1979), muitos adolescentes consideram a idade adulta com um misto de antecipação e temor, onde acabam por ponderar se serão ou não capazes de assumirem as responsabilidades resultantes da maior liberdade adquirida.

De facto, tanto a ansiedade como a preocupação parental sobre a capacidade do adolescente enfrentar os seus problemas, desafios e obter um estatuto adulto satisfatório, acabam por vezes, a não ajudá-lo a construir a sua auto-confiança e, ao invés disso, fomentar a sua ansiedade originando neste sentimentos negativos a respeito de si mesmo e das suas capacidades (Hurlock, 1979).

Segundo Papalia e Olds (1995) a doença é uma característica pouco comum do adolescente, pois nesta fase verifica-se uma baixa taxa de problemas relacionados com a saúde ou doenças crónicas. Por norma, a grande maioria dos problemas de saúde que surgem nesta fase da vida, são muitas vezes, passíveis de serem prevenidos uma vez que advêm, na sua grande parte, da personalidade, pobreza e factores relacionados com estilos de vida.

1.4.2) Os Marcadores de Transição

Segundo Papalia e Olds (1995) existem critérios diferentes que marcam a transição da vida infantil para a adulta, por isso, as pessoas podem por vezes achar que atingiram a adultícia através da conquista da sua independência, aquisição de uma carreira, casamento ou constituição de uma família.

Além disso, não podemos esquecer que nem todos os indivíduos conseguem ultrapassar a adolescência do ponto de vista emocional ou social, ainda que a sua idade cronológica seja avançada (Papalia & Olds, 1995).

Considera-se adquirida a maturidade intelectual com a aquisição do pensamento abstracto, enquanto que a maturidade emocional depende do atingir de certas tarefas desenvolvimentais, tais como, a descoberta da identidade, independência dos pais, desenvolvimento de um sistema de valores e a capacidade de formar relacionamentos amorosos e amizades maduras (Papalia & Olds, 1995).

Hurlock (1979) desenvolve uma ideia interessante quanto aos limites desta fase do ciclo de vida, onde sugere que, a adolescência começa quando o indivíduo atinge a maturidade sexual, e termina quando é assegurada legalmente a independência da autoridade adulta. Todavia, apesar destas noções, tal como o autor sugere, determinar exactamente o início da adolescência é difícil, pois a idade de maturação sexual varia em grande medida.

Alguns autores (Agudo, 2008; Aronson, 2008; Rutter, 1996) têm vindo a recorrer cada vez mais ao conceito de marcadores transicionais para poderem apreciar e elaborar uma sistematização da transição do indivíduo para a idade adulta. A vantagem dos marcadores transicionais, é que permitem uma simplificação e melhor compreensão do processo desenvolvimental na sua globalidade.

Levinson (1977) operacionalizou este conceito, pela inclusão de tarefas do desenvolvimento que assinalam a transição para a idade adulta através de marcadores de transições, como por exemplo, sair da casa dos pais, independência económica e, a aquisição de novos papéis e circunstâncias habitacionais. Não obstante, a melhor maneira de compreender o conceito dos marcadores, deriva da ideia de que estes funcionam como indicadores de mecanismos do desenvolvimento (Rutter, 1996).

A partir desta ideia, autores como Aronson (2008) descreve que muitos estudos que visam caracterizar a transição do indivíduo para a idade adulta, focam-se no período e sequência de realização de cinco importantes transições, ou marcos transicionais. A saber, a conclusão do período de escolaridade, aquisição de uma actividade laboral a tempo inteiro, independência financeira, casamento e exercício da parentalidade.

Já Bell e Lee (2006), oferecem-nos uma visão complementar, embora distinta, onde devemos atentar para seis marcos transicionais que estarão na base da transição, sendo eles a conclusão da instrução a tempo inteiro, a saída de casa, começo da actividade laboral a tempo inteiro, o estabelecer de uma relação de coabitação e o casamento seguido da aquisição do papel de progenitor/a.

É importante ter em conta a ideia de que, mais do que o atingir de um dos marcadores descritos, torna-se igualmente importante a conquista de outros marcadores para que se possa definir a transição para a fase adulta de um modo mais consistente e sistemático (Hartmann & Swartz, 2007).

1.4.3) Adolescência e Depressão

Visto que o presente trabalho versa, para além da questão da dependência à Internet e adolescência, noutra variável importante deste ciclo de vida, nomeadamente a depressão, convém salientarmos alguns aspectos. Assim, face ao exposto, podemos verificar que o período de transição do indivíduo para a idade adulta constitui-se como uma fase de vida particularmente desafiante, onde através dos vários processos de mudanças, escolhas, construções e aquisições, poderá ser adquirido um estatuto especial no percurso desenvolvimental.

Por isso, ao mesmo tempo que na adolescência podem ser desenvolvidos hábitos saudáveis, o oposto também é válido. Através de condutas menos saudáveis, como por exemplo o sedentarismo, dietas pouco saudáveis ou o consumo de tabaco, álcool ou drogas, o adolescente acaba por ser prejudicado negativamente no plano imediato ou a longo prazo em termos da sua saúde (Latorre & Montañés, 2004).

Tanto o surgimento como a manutenção de condutas e comportamentos prejudiciais para a saúde na adolescência, devem-se a factores de cariz psicossocial, de personalidade e/ou cognitivos (Latorre & Montañés, 2004).

De acordo com Levinson (1977), associado a esta fase de transição, liga-se muitas vezes, sentimentos de separação e luto do passado, decorrendo assim um estado de conflito interno através de uma forma de suspensão entre as duas fases.

A este propósito, Marcelli (2002) elucida-nos melhor quanto à natureza deste “problema” desenvolvimental, onde, segundo o autor, verificam-se a co-ocorrência de três séries de factores que se apresentam tanto no período de crise da adolescência como na depressão.

Mais concretamente, as perdas com as quais, tanto o deprimido como o adolescente são confrontados; o problema da gestão da agressividade e a culpabilidade que podem daí resultar, agressividade e culpabilidade observadas tanto no adolescente como no deprimido e; a ruptura do equilíbrio entre os investimentos objectais e os investimentos narcísicos (Marcelli, 2002).

Do ponto de vista das perdas e separações que ocorrem na adolescência, quer fantasmáticas ou reais, estas justificam uma comparação ao processo de luto (Marcelli, 2002). Ainda que essas perdas se situem em patamares distintos, podemos descrevê-las ao nível das seguintes perdas: da quietude do corpo; estabilidade da imagem corporal; bissexualidade potencial e; da separação do vínculo infantil com os objectos edipianos.

Se por um lado, o super-ego é o herdeiro do complexo de Édipo, o ideal do ego é o herdeiro directo da adolescência (Marcelli, 2002). Sabemos também que o ideal da criança alimenta-se de três fontes: a) a idealização da criança pelos pais; b) a idealização dos pais pela criança e; c) a idealização da criança por si mesma (Marcelli, 2002).

Atentando mais especificamente para a idealização da criança por si mesma, verificamos que na adolescência há uma espécie de oscilação nesta forma de idealização, onde o adolescente passa, por vezes, muito rapidamente por períodos de contentamento consigo mesmo (i.e., forma de narcisismo exacerbado) e depois, por fases de profundo retraimento, subestima, inquietação, muitas vezes, também elas, exacerbadas (Marcelli, 2002).

Portanto, a linha de divisão entre a desvalorização do outro, sobretudo dos pais, e a desvalorização de si-próprio é sempre ténue, pois esta perda de auto-estima é geralmente acompanhada por um sentimento de mal-estar, desinteresse, aborrecimento e, acima de tudo de vazio (Marcelli, 2002).

Em suma, verificamos que de facto, existem diferentes factores que, em todo o adolescente, podem predispor a uma problemática depressiva. Não obstante, constata-se que os principais eixos habitualmente evocados na psicopatologia de toda a depressão se encontram no decurso do trabalho psíquico da adolescência, onde temos: a) o eixo das perdas de objecto, quer sejam reais ou fantasmáticas; b) o eixo da agressividade e da culpabilidade que daí resulta e; c) o eixo do narcisismo e do questionamento do sistema de idealização (Marcelli, 2002).

De acordo com Regier, Era, Narrow, Kaelber e Schatzberg (1998), os transtornos de ansiedade, quando surgem na adolescência, acabam por relacionar-se com o risco acrescido de consumo de drogas e, sobretudo, de perturbações adictivas. Autores como Latorre e Montañés (2004) e Smahel, Helpser, et al. (2012), demonstram algum consenso quanto ao facto de que factores, como por exemplo, a estabilidade emocional (i.e., capacidade de controlo das emoções) durante a adolescência, podem limitar o futuro consumo de drogas, e como sugere a investigação, predispor à dependência à Internet.

Face ao exposto, podemos então compreender melhor alguns dos factores desenvolvimentais deste ciclo de vida, que tanto pela positiva como pela negativa, permitem facilitar a incursão do adolescente a vias comportamentais mais saudáveis ou menos saudáveis, ou em última instância, à psicopatologia e comportamentos adictivos.

1.4.4) Adolescência e Dependência à Internet

A adolescência enquanto ciclo de vida único, oferece ao adolescente e jovem adulto, um contexto e uma etapa onde este pode exceder-se, testar e romper os limites, afirmar-se enquanto indivíduo, construir a sua identidade nas mais variadas dimensões e inserir-se num grupo de pares ao qual se identifica.

Antes de dissertarmos sobre a problemática da dependência à Internet neste ciclo de vida particular, não podemos omitir o que os dados nos revelam. Deste modo, através de uma série de estudos e relatórios anuais, podemos observar de um modo amplo algumas tendências quanto ao uso do computador e da Internet entre os adolescentes.

São vários os estudos que promovem a necessidade e importância que há em analisar o impacto do uso problemático da Internet no público-alvo mais vulnerável a este fenómeno, os adolescentes (Ferraro, Caci, D'Amico & Di Blasi, 2007; Johansson & Götestam, 2004). De facto, a adolescência é um período do ciclo de vida crítico em termos de susceptibilidade às dependências em função dos factores biológicos, psicológicos e sociais (Panayides & Walker, 2012).

Como salienta Gencer e Koc (2012), a adesão às novas tecnologias digitais é mais elevada nos adolescentes do que nos adultos. Só na Turquia, a maior proporção de utilização do computador e da Internet incide, em grande medida, no grupo etário que vai dos 16 aos 24 anos de idade (Gencer & Koc, 2012). Nesse país, o estudo de Canan, Ataoglu, Nichols, Yildirim e Ozturk (2010) com uma amostra representativa de 300 alunos universitários, verificou que 11.6% dos adolescentes entre os 14 e os 19 anos de idade, podiam ser classificados como dependentes à Internet através do *Young's Internet Addiction Scale* (IAT) (Young, 1998).

Já em Itália no ano de 2006, Rivotella (cit. por Milani, Osualdella & Blasio, 2009) estimou que 77.9% dos pré-adolescentes e adolescentes utilizaram a Internet, sendo que 30% destes, tinham idades compreendidas entre os 14 e 24 anos. Por sua vez, na Grécia em 2008, verificou-se que 70.8% dos adolescentes tinham acesso à Internet (Siomos, Dafouli, Braimiotis, Mouzas & Angelopoulos, 2008).

A situação mais preocupante advém dos jovens da Coreia do Sul, onde os dados do governo de 2006, sugeriram que aproximadamente cerca de 210.000 crianças com idades compreendidas entre os 6 e 19 anos, necessitariam de tratamento para a dependência à Internet (Block, 2008). Ademais, como refere Ahn (cit. por Block, 2008), cerca de 80% destes, estariam a precisar de tratamento medicamentoso e talvez, entre 20% a 24% precisassem de ser hospitalizados, o que remete a dependência à Internet para um fenómeno ao nível da saúde pública populacional.

De facto, os adolescentes estudantes são considerados como o grupo de maior risco devido à maior vulnerabilidade e sobre-exposição à Internet a que são submetidos (Ghassemzadeh, Shahraray & Moradi, 2008; Hall & Parsons, 2001; Kandell, 1998; Khazaal et al., 2008; Wang, 2001; Wang et al., 2011; Yen et al., 2008).

Um dos principais factores que os atrai para as novas tecnologias de comunicação, prende-se com a oportunidade única que estas oferecem aos adolescentes para interagirem com outras pessoas de forma anónima, enquanto experimentam um sentido e comunidade e aceitação social que vai sendo constantemente reforçado através do uso (Milani et al., 2009).

1.4.5) Factores de Risco: Uma Infinitude de Possibilidades

Ao nível dos factores de risco (e também protecção) no adolescente em termos da dependência à Internet, são vários os estudos que vêm contribuindo para a descrição e clarificação cada vez maior, embora por vezes contraditória, de uma série de variáveis biológicas, psicológicas e sociais que poderão estar na base deste fenómeno emergente.

Um estudo interessante realizado recentemente (Lin, Ko & Wu, 2011) que procurou averiguar junto de uma amostra de 3.616 adolescentes do ensino superior, alguns factores de risco psicossociais na base da dependência à Internet, concluiu que a existência de sintomas depressivos, maiores expectativas de resultados positivos decorrentes do uso da Internet, elevado tempo de uso desta, baixa auto-eficácia na regulação do uso da Internet, elevada impulsividade, baixa satisfação com o desempenho académico, o sexo masculino e um padrão de vinculação insegura, estariam positivamente correlacionados com a dependência à Internet.

Embora as investigações realizadas sobre a dependência à Internet tenham proliferado mais recentemente, os estudos sobre as diferenças sociodemográficas nesta área têm sido escassos, e por vezes inconclusivos (Gencer & Koc, 2012). A título de exemplo, a variável género, é uma das mais investigadas e descrita na literatura (Gencer & Koc, 2012).

Contudo, quanto às diferenças de género, há um risco evidente em tentar generalizar a favor de um género em detrimento de outro, uma vez que correríamos o risco de pôr de lado a possibilidade de uma fatia específica significativa de utilizadores da Internet não ficarem dependentes desta.

De um modo geral, os estudos não são conclusivos quanto a este tema, enquanto em alguns não se verificam diferenças significativas entre o género (Ferraro et al., 2007; Fu et al., 2010; Khazaal et al., 2008; Smahel, Brown & Blinka, 2012), em outros essa diferença é evidente (Esen & Gündogdu, 2010; Gencer & Koc, 2012; Ha et al., 2007; Hasanzadeh et al., 2012).

Por seu turno, Peng e Zhou (2009) procuraram explorar através do seu estudo, os factores de risco sociais da dependência à Internet numa amostra de 490 adolescentes estudantes, concluindo assim, que os adolescentes do sexo masculino que percepcionavam a sua rede de suporte social mais pobre, cujo os pais os recusavam, e as mães desempenhavam um papel ambíguo, estavam em maior risco de desenvolverem a dependência à Internet.

Noutro estudo (Tang & Zhou, 2009), foi realçado a importância de se ter em conta certos factores de risco mais específicos na base da dependência à Internet. Tais factores podem mediar a satisfação na rede de suporte social, sentimentos de solidão, controlo interno do sujeito, média de tempo despendido *online* diariamente, ser filho único ou não.

Outro recente estudo entre um grupo de adolescentes (Yen, Yen, Chen, Chen & Ko, 2007) que procurou examinar o impacto dos factores familiares enquanto preditores da dependência à Internet, verificou que as relações conflituosas entre adolescente-pais, pobre funcionamento familiar, uso de álcool habitual de um irmão e, a percepção positiva das atitudes parentais face ao uso de substâncias do adolescente, constituíam um modelo empírico significativo que permitia predizer a dependência à Internet.

A corroborar a dimensão conflitual, Smahel, Brown, et al. (2012) salientam o facto de que os adolescentes dependentes da Internet, que muitas vezes preferem amizades feitas *online* às reais, têm mais conflitos internos entre o mundo real e o virtual.

Em termos gerais, na base da dependência à Internet estão associadas quatro áreas gerais de disfunção, que, têm que ver com 1) o encorajamento desviante de certos actos, tais como, a visualização e *download* de imagens obscenas ou ilegais, amplamente disponíveis em websites adultos; 2) contexto virtual oferecido, permitindo aos utilizadores mais tímidos ou auto-conscientes interacções num ambiente social mais seguro; 3) componentes interactivas da internet que facilitam os *ciber-affairs* ou relacionamentos extraconjugais formados *online*, e que, negativamente impactam na estabilidade marital e familiar; 4) a capacidade dos sujeitos criarem personagens alternativas *online* em função do seu humor ou desejos, e que o fornecem

uma escapatória subjectiva às suas dificuldades emocionais ou situações problemáticas (Young, Pistner, et al., 2000).

Além da questão do anonimato que a Internet oferece, as competências sociais utilizadas no mundo real, não constituem de todo uma barreira na criação de novas relações no mundo virtual, pois muitos dos comportamentos medidos pelas escalas de competência social, perdem o seu significado no mundo virtual ou então, onde os sujeitos podem não ser tão destrutivos nas relações *online* como no mundo real. (Ghassemzadeh et al., 2008).

Um outro factor que explica o maior risco da dependência à Internet na adolescência poderia ter que ver com o facto de que neste período, verifica-se uma maior necessidade e atracção pela busca de informação e tecnologias de comunicação, que está associada à fase de desenvolvimento da identidade (Ferraro et al., 2007).

Paradoxalmente, o estudo de Wang (2001) com adolescentes dependentes, concluiu que a dependência à Internet é independente da maturidade psicossocial e auto-eficácia percebida, o que talvez se reflecta no facto de que a realidade virtual e real não estejam implicadas nos mesmos mecanismos desenvolvimentais do adolescente, onde este pode apresentar-se de uma forma diferente à real no campo virtual.

Pensa-se também que a pressão exercida e o suporte social influenciem na dependência à Internet. A este propósito, Esen e Gündogdu (2010) verificaram que quanto menor a pressão exercida pelo grupo de pares, menor é o nível de dependência à Internet. Além disso, quanto maior o suporte por parte dos pais e professores, menor os níveis de dependência à Internet nos adolescentes.

Em outro estudo (Lin & Tsai, 2002), verificou-se que quanto às dinâmicas relacionais nos grupos de pares, tanto os sujeitos dependentes como os não dependentes percepcionavam o uso da Internet como um factor positivo para as relações entre os grupos de pares.

Ainda quanto ao sub-tipo de dependência à Internet mais relacionado com a dimensão interactiva, nomeadamente os *sites* de redes sociais virtuais, não podemos deixar de referenciar o facto de que, os adolescentes tendem a utilizar a Internet também para manter e enriquecer os seus laços sociais (Smahel, Brown, et al., 2012), o que vai ao encontro das tarefas e necessidades desenvolvimentais que procuram estabelecer relações com pares, sendo a Internet uma ferramenta que pode auxiliar esta etapa do desenvolvimento.

Relativamente aos factores biológicos, um interessante estudo (Lu, Wang & Huang, 2010) procurou observar a relação entre certas medidas fisiológicas e a dependência à Internet em quatro dimensões: fluxo sanguíneo, condutividade da pele, temperatura periférica e a resposta respiratória. Como resultados, os autores observaram padrões específicos de respostas ao nível do sistema nervoso autónomo nos indivíduos dependentes da Internet de alto risco comparativamente aos de baixo risco.

Tais padrões traduziam-se por um maior fluxo sanguíneo, respostas respiratórias e menor temperatura periférica e condutividade da pele nesses sujeitos. Estes padrões de reacções do sistema nervoso autónomo, pode ser utilizado na avaliação em termos de predição e despiste da probabilidade de um maior ou menor risco no desenvolvimento da dependência à Internet (Lu et al., 2010).

Por seu turno, no estudo de Tsai et al. (2009) com adolescentes do primeiro ano da universidade, procurou explorar factores de risco quanto ao desenvolvimento da dependência da Internet numa população de 1.360 adolescentes de Taiwan.

Em função dos dados obtido, os autores observaram uma maior prevalência da dependência à Internet em sujeitos do sexo masculino com piores redes de suporte social, e que não tinham por hábito tomar o pequeno-almoço. A grosso modo, os principais factores de riscos incluíam o sexo masculino, hábito de não tomar o pequeno-almoço, incidência de psicopatologia, suporte social deficiente e a existência de traços neuróticos na personalidade (Tsai et al., 2009).

A nível nacional, um dos raros estudos realizados em Portugal conduzido por Francisco e Crespo (2012), verificou que o uso exacerbado da Internet reduz o tempo em família isolando os sujeitos. Além disso, os dados apontavam para que quanto maior fosse a utilização da Internet e das redes sociais, menor era a coesão e expressividade familiar dos adolescentes, para além de que, quanto mais conflitos existissem no seio da família, as raparigas, mais do que os rapazes, tendiam a refugiarem-se mais na Internet e nas redes sociais aos fins-de-semana, a fim de estabelecerem relações mais satisfatórias com os outros.

Todavia, como podemos calcular, o que inicialmente configura-se como apenas uma simples forma de lazer, rapidamente pode ganhar contornos e formas de utilização mais problemáticas, até que se torne numa dependência real, com características e sintomas similares às outras formas de dependência já conhecidas e independente de qualquer falta de consenso em termos terminológicos, que por vezes, se observa na literatura (Milani et al., 2009).

O objectivo deste trabalho não é demonizar a Internet, pois, de acordo com Young (1998), o seu uso regular e controlado não constitui um problema aos indivíduos uma vez que estes, não ficam dependentes da Internet per se, mas sim das respostas emocionais e mentais que obtêm através do seu uso, bem como daquilo que experimentam e sentem quando estão *online* e que acaba por ser reforçado. Além disso, apesar de mais de um terço da população mundial utilizar a Internet, a verdade é que nem todos ficam dependentes desta, o que remete para a necessidade de encararmos o fenómeno do ponto de vista bio-psico-social e não isoladamente.

Relativamente aos impactos negativos resultantes do uso descontrolado e patológico da Internet, podemos encontrar um corpo de estudos bastante amplos e elucidativos que chamam a atenção para os efeitos da Internet, em particular no que respeita às simples tarefas diárias (Chou & Hsiao, 2000; Young, 1996, 1998), associações a determinadas características da personalidade (Chak & Leung, 2004; Young, 1996, 1998), isolamento social (Kraut et al., 1998; Nalwa & Anand, 2003; Wang et al., 2011; Young, Pistner, et al., 2000), pouca abertura social (Milani et al., 2009; Whang, Lee & Chang, 2003), aos traços depressivos (Ha et al., 2007; Lam & Peng, 2010; Liberatore, Rosario, Martí & Martínez, 2011; Young, 1996, 1998; Young & Rodgers, 1998) e, por fim, mas não por último, à baixa auto-estima (Blinka & Smahel, 2011; Dong, Lu, Zhou & Zhao, 2011; Yang & Tung, 2007; Young, 1998).

Embora os estudos que tentam descrever a personalidade de risco para a dependência à Internet o façam, muitas vezes, sem chegarem a um consenso quanto aos traços mais predominantes neste comportamento, o perfil do dependente à Internet pode contemplar indivíduos que apresentem um ou mais das seguintes dimensões: depressão, distúrbio bipolar, compulsão sexual, hostilidade, transtorno obsessivo-compulsivo e solidão (Dong et al., 2011; Yen et al., 2008).

Adicionalmente, Dong et al. (2011) alertam para o facto de que até ao momento, não existe um preditor sólido em termos de psicopatologia e dependência à Internet, embora o transtorno obsessivo-compulsivo seja um forte candidato.

Segundo Yen et al. (2008), para que possamos compreender melhor a complexidade das interacções entre a dependência à Internet e a psicopatologia, devemos ter em consideração os seguintes aspectos: 1) os sintomas psiquiátricos podem levar ao desenvolvimento e persistência da dependência à Internet; 2) a dependência à Internet pode precipitar os sintomas psiquiátricos; 3) tanto a dependência à Internet como os sintomas psiquiátricos podem aumentar a vulnerabilidade um ao outro no indivíduo; 4) os factores de risco partilhados (i.e., genéticos e

ambientais) podem levar ao desenvolvimento ou persistência da dependência à Internet e dos sintomas psiquiátricos.

Ainda do ponto de vista da fundamentação clínica para o estudo da dependência à Internet, podemos citar o paradigmático trabalho de Kraut et al. (1998), onde o autor demonstrou a forma como o uso excessivo da Internet levava os indivíduos a se deprimirem mais, mesmo quando os resultados prévios quanto a depressão eram controlados. Estes indivíduos, tendiam a retirar-se das relações interpessoais, exibirem níveis de comunicação insatisfatórios com familiares e, a sentirem-se mais solitários como refere o autor.

Para além da associação entre o baixo desempenho académico e a dependência à Internet (Frangos et al., 2010; Tsai & Lin, 2001), baixos níveis da qualidade em termos das relações interpessoais, pode expor os adolescentes ao risco acrescido de desenvolverem a dependência à Internet (Milani et al., 2009). Apesar disso, os adolescentes com níveis de relacionamento interpessoal mais pobres, e com maior predisposição para adoptar estratégias de *coping* de evitamento, parecem estar em maior risco.

Quanto aos estudantes universitários, Young (2004) enuncia uma lista de possíveis causas na base do maior risco destes desenvolverem dependência à Internet, com tudo o que isto implica em termos de consequências negativas para as suas vidas.

A começar, a) os grandes furos nas agendas; b) acesso ilimitado e gratuito à Internet pelas escolas e universidades; c) o facto de muitos deslocarem-se a outras cidades, e como tal, estarem livres pela primeira vez de todo controlo parental; d) os mais novos, por vezes, experienciarem problemas e dificuldades de adaptação à vida universitária, e por isso, acabarem por procurar companhia e amizades *online*; e) o uso da Internet e das suas várias aplicações ser extremamente promovido indiscriminadamente pela faculdade e administradores; f) estarem mais à vontade e preparados para usar as novas invenções tecnológicas e as diferentes aplicações na Internet; g) o desejo de fugir ao *stress* da universidade resultante dos diversos compromissos e obrigações académicas, e por fim; h) o facto de muitos sentirem a vida universitária alheia às actividades sociais, e por isso, ao terminarem o curso, o mercado de trabalho e as suas incertezas, constituem-se como uma área onde devam participar e obterem sucesso na procura de emprego (Young, 2004).

II) Método

2.1) Tipo do Estudo

O presente estudo baseou-se em um *design* ou delineamento do tipo não experimental, mais precisamente, correlacional. Neste sentido, o mesmo permite-nos verificar a existência ou não de relações estatisticamente significativas entre duas variáveis (Fife-Schaw, 2006), sendo o seu principal objectivo, evidenciar e descrever em que medida o *score* obtido no IAT (i.e., níveis de dependência à Internet) se relaciona ou não com o *score* obtido na BDI-II (i.e., os níveis da sintomatologia depressiva).

Desde já, salienta-se que a principal limitação do delineamento correlacional, resulta do facto, de que não poderemos fazer inferências quanto às relações causais a partir da análise do coeficiente de correlação encontrado nos resultados (Elmes, Kantowitz e Roediger, 2011).

Deste modo, um estudo observacional de cariz descritivo, fornece-nos informações acerca da população em causa alvo da investigação (Ribeiro, 2007). A este propósito, o *design* correlacional, ou seja, de comparação entre grupos, permite-nos focar em dois ou mais grupos escolhidos com base no critério de um grupo possuir uma característica de interesse para o estudo e o outro não (Ribeiro, 2007).

Tal como Bowling (1998), entendemos que o método de investigação refere-se também aos processos, técnicas e práticas utilizadas na recolha, processamento e análise dos dados (e.g., investigação por questionário).

Neste sentido, de acordo com Ghiglione e Matalon (1993) o uso dos inquéritos é justificado quando os investigadores precisam recolher informação sobre uma grande variedade de comportamentos de um mesmo indivíduo, comportamentos cuja observação directa, mesmo que possível, levaria demasiado tempo ou seria completamente impossível porque se reporta ao seu passado.

Do mesmo modo, recorre-se ao inquérito quando a observação directa de certos comportamentos pressupõe uma intimidade frequente e, em termos práticos, inaceitável de um ponto de vista deontológico (Ghiglione & Matalon, 1993). Além disso, como postula Haslam e McGarty (2003): “a pesquisa por inquérito tende a preocupar-se mais com a medição natural das relações que ocorrem entre as variáveis” (p. 103).

2.2) Amostra

A amostra utilizada neste estudo foi recolhida através do método de amostragem por conveniência, tendo sido por isso, escolhida a partir de um grupo de pessoas que se encontravam disponíveis e interessadas para participarem na investigação, podendo ser qualquer pessoa capaz de entender as instruções necessárias ao preenchimento dos instrumentos e que forneça o consentimento informado (Haslam & McGarty, 2003).

Contámos por isso com 593 participantes de ambos os sexos, embora o número de participantes com respostas válidas tenha sido apenas 545 devido à incidência de não respostas aos itens do IAT e da BDI-II. De um modo geral, as características sócio-demográficas do total dos participantes pode ser resumida através da Tabela 1.

Tabela 1

Dados sócio-demográficos dos participantes (N = 545) do estudo

Característica	Frequência (n)	Percentagem (%)	Valor Observado
Nacionalidade			
Portuguesa	514	94.3	
Portuguesa e Outra	31	5.7	
Outras Nacionalidades	0	-	
Sexo			
Masculino	161	29.5	
Feminino	383	70.5	
Idade			
Média de Idades	19.57		
Mínimo	32		15
Máximo	4		39
Estado Civil			
Sou solteiro(a)	319	58.5	
Estou a namorar	215	39.4	
Sou casado(a)	8	1.5	
Sou divorciado(a)	2	.4	
Sou viúvo(a)	0	-	
Distrito de Residência			
Lisboa	439	80.6	
Setúbal	60	11.0	
Santarém	13	2.4	
Faro	8	1.5	
Prática de Hobbies			
Sim	234	42.9	
Não	311	57.1	
Resultado IAT			
Não-Dependente	458	84.0	
Dependente	85	15.6	
Dependente Severo	2	0.4	

Resultado BDI-II		
Sem Depressão	459	84.2
Depressão	74	13.6
Depressão Severa	12	2.2
Em que ano Estás?		
10º ano (secundário)	68	12.5
11º ano (secundário)	46	8.4
12º ano (secundário)	102	18.7
1º ano (universidade)	103	18.9
2º ano (universidade)	93	17.1
3º ano (universidade)	94	17.2
4º ano (universidade)	16	2.9
5º ano (universidade)	23	4.2
Curso Universitário		
Psicologia	310	94.2
Psicocriminologia	4	1.2
Gestão	2	.6
Meio de Participação		
Presencial (offline)	492	90.3
Não-presencial (online)	53	9.7

2.3) *Material*

2.3.1) *Questionário Sócio-Demográfico*

O presente questionário sócio-demográfico utilizado, visou a recolha de alguns dados que nos permitissem uma compreensão mais rica dos participantes atendendo às suas características, e que não podiam ser avaliadas pelos instrumentos psicométricos utilizados. Assim, as variáveis contidas neste instrumento foram: a nacionalidade, pois este item encontra a sua justificação na necessidade de uma maior representatividade da amostra para que seja possível a adaptação do IAT para a população portuguesa. As opções desta variável versaram nas seguintes categorias: portuguesa, portuguesa e outra e outras nacionalidades.

Além da nacionalidade, procurou-se avaliar o sexo. A análise desta variável torna-se essencial para melhor percebermos as características dos participantes com e/ou sem dependência à Internet no panorama nacional, além de nos permitir acumular mais evidência empírica para a contraditória literatura sobre as diferenças ou não do sexo na dependência à Internet.

Por outro lado, a idade também foi tida em conta, pois vários estudos reforçam a ideia de haver diferenças significativas entre o nível de dependência à Internet em função da faixa etária do participante. Além disso, procurou-se perceber se os participantes praticavam ou possuíam algum *hobby* específico, na base deste item encontra-se a seguinte questão de investigação pouco explorada na literatura: será que a prática e manutenção de um *hobby* pode constituir-se como um factor de protecção/risco da dependência à Internet?

O questionário sócio-demográfico também contemplou uma pergunta relativa ao ano escolar em que o participante se encontrava, pois foi imperioso analisar até que ponto os participantes de diferentes anos e níveis de escolaridade, apresentavam ou não diferenças significativas quanto ao nível de dependência à Internet. Com isto, poderemos ter uma maior consciência e informação empírica quanto às fases mais críticas da dependência à Internet. As opções de respostas deste item procurou discriminar os participantes do 10º ano (Ensino Secundário) ao 5º Ano (Ensino Superior).

Para os participantes que se encontravam a frequentar o ensino superior, tornou-se pertinente avaliar a área de estudo, inquirindo sobre o curso que a frequentar na altura do preenchimento do questionário para que a caracterização da amostra fosse mais rica. Na mesma lógica, seguiu-se a pergunta que visou perceber o distrito de residência dos participantes, onde foram listados os 20 distritos portugueses e pedido ao participante que assinalasse a opção correspondente à sua situação.

2.3.2) *Beck Depression Inventory-II (BDI-II)*

A BDI-II de Beck et al. (1996), é um dos instrumentos mais úteis e amplamente aceites para avaliar a gravidade da depressão em sujeitos deprimidos ou a possível existência desta na população dita normativa.

Desenvolvida a partir do *Beck Depression Inventory* (BDI) (Beck, Ward, Mendelson, Mock & Erbaugh, 1961), e também da necessidade de ajustamento às mudanças diagnósticas implementadas no DSM-IV para a depressão, este instrumento procura avaliar os sintomas depressivos em indivíduos. Do ponto de vista métrico, nomeadamente da consistência interna, no estudo original realizado por Beck et al. (1996), foi reportado um valor do alfa de Cronbach de 0.93 para a população estudante do ensino superior, e um valor de 0.92 para a população geral.

Tal como Beck et al. (1996) sugere, Campos e Gonçalves (2011) também reforçam a ideia de que a BDI-II, não é um instrumento de diagnóstico, ao invés disso, permite-nos apenas aferir a presença e a severidade da sintomatologia depressiva nos sujeitos. Como resultado, torna-se clinicamente importante prestar atenção às respostas específicas dadas aos itens, particularmente aos que remetem para a ideação suicida (Item 9) e pessimismo (Item 2), pois os pacientes que admitem ter ideação suicida e pessimismo, através de uma resposta entre 2 ou 3, devem ser alvo de um maior escrutínio clínico para que seja despistado um eventual suicídio.

A versão utilizada da BDI-II no presente estudo, foi a versão adaptada à população portuguesa, nomeadamente a do ensino superior português, por Ponciano et al. (2004). Em termos da consistência interna, o alfa de Cronbach reportado pelos autores desta versão foi de 0.93, denotando assim uma excelente consistência interna. Relativamente à estrutura factorial, foi utilizada a medida de adequação da amostragem de Kaiser, onde os autores obtiveram um valor bastante satisfatório cujo valor foi de 0.953. A partir da análise factorial, foram extraídos dois factores que explicam 42,55% da variância total das pontuações na BDI-II. O factor 1, denominado por Depressão Cognitiva, foi constituído por 10 itens (2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 13 e 14). Por seu turno, o factor 2 foi caracterizado por Depressão Somático/Afectiva, composto por 11 itens (1, 4, 11, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 20 e 21).

Não obstante, na presente amostra deste estudo, verificámos que o alfa de Cronbach da BDI-II foi ligeiramente inferior aos estudos reportados anteriormente, pois obtivemos um coeficiente de consistência interna de 0.841, que ainda assim, é uma boa medida de fiabilidade.

Este instrumento consiste numa lista de 21 itens de auto-preenchimento, em que cada item comporta quatro opções de resposta. Cada resposta pode ser classificada de 0 a 3, sendo que 0 corresponde ao menor indicativo da presença de sintomas depressivos, e o 3 representa uma experiência mais intensa do sintoma (Beck et al., 1996). Além disso, os itens procuram avaliar os seguintes aspectos: tristeza, pessimismo, fracasso, perda de prazer, sentimentos de culpa, sentimentos de punição, auto-depreciação, auto-crítica, pensamentos ou desejos suicidas, choro, agitação, perda de interesse, incapacidade de decidir, falta de valor pessoal, perda de energia, alterações do padrão de sono, irritabilidade, alterações do apetite, dificuldades de concentração, cansaço ou fadiga e perda de interesse no sexo.

Em termos da cotação, o *score* total é fornecido tal como nas versões anteriores, através da soma das pontuações obtidas nos 21 itens, podendo ir dos 0 aos 63 pontos. Beck et al. (1996) sugerem que a interpretação dos resultados seja feita da seguinte maneira: de 0 a 13 pontos, caracterizam os sujeitos com uma severidade “mínima” de sintomas depressivos; de 14 a 19, os sujeitos com sintomas “suaves”; de 20 a 28 os sujeitos com sintomas “moderados” e; os que obtêm resultados entre os 29 a 63 são os sujeitos cuja sintomatologia depressiva é “severa”. Além disso, no estudo original, os sujeitos não-deprimidos obtiveram uma pontuação média de 7.65 (5.9 pontos de desvio-padrão).

Uma última sugestão foi feita por Beck et al. (1996) quanto ao ponto de corte a ser utilizado em trabalhos de investigação, sendo os 17 valores o mais indicado, pois tal como revelou o estudo original, a partir deste ponto de corte poder-se-á despistar sujeitos com depressão (verdadeiros positivos) por oposição aos não-deprimidos (falso positivos). Por

consequente, os dados obtidos numa amostra de 127 sujeitos através desta referência, permitiu encontrar 93% de sujeitos deprimidos contra 18% de falsos positivos.

2.3.3) *Young's Internet Addiction Test (IAT)*

O IAT foi o primeiro instrumento de mensuração da dependência à Internet validado psicometricamente (Widyanto & McMurrin, 2004). Além disso, vários estudos têm vindo a atestar positivamente a validade e fiabilidade do instrumento (Law & Chang, 2008), tornando-o no mais utilizado e difundido a nível internacional em investigações deste carácter (Pezoa-Jares et al., 2012).

Segundo Young (2011), o melhor método para realizar o despiste clínico do uso compulsivo da Internet, é através da comparação de critérios já estabelecidos noutras formas de dependência. Por isso, houve uma necessidade de aproximar a dependência à Internet às síndromes adictivas similares às perturbações do controlo-impulsos, recorrendo também, em especial aos critérios estabelecidos para o jogo patológico.

De um modo geral, o IAT procura avaliar o grau de envolvimento do indivíduo com a Internet e a forma como o uso excessivo desta ferramenta o afecta negativamente nas várias áreas da sua vida. Originalmente, tal como referencia Widyanto, Griffiths e Brunsten (2011), o presente instrumento compreendia o Questionário de Diagnóstico inicial proposto por Young (1998), que era composto por 8 itens modificados do critério de diagnóstico para o jogo patológico do DSM-IV, em conjunto com a junção de 12 itens novos.

Por isso, o IAT é constituído por um conjunto total de 20-itens de auto-preenchimento do Tipo Likert numa escala de 5 pontos, fornecendo um índice em termos de prejuízos, suaves, moderados ou severos decorrentes do uso excessivo da Internet. Para além da validação na língua inglesa (Widyanto & McMurrin, 2004), o teste foi validado em vários países como Itália (Ferraro et al., 2007), França (Khazaal et al., 2008), Turquia (Kesici & Sahin, 2010), Estados Unidos (Jelenchick, Becker & Moreno, 2012), Brasil (Conti et al., 2012), Chipre (Panayides & Walker, 2012) e mais recentemente no Líbano (Hawi, 2013).

Do ponto de vista métrico, vários estudos sugerem diferentes estruturas factoriais para o constructo, isso e deve ao facto da autora original não ter fornecido referências quanto a isso. Por isso, as dimensões podem variar de um a sete como se verificam em vários estudos deste género.

No primeiro estudo de validação do teste, Widyanto e McMurrin (2004) sugeriram a existência de seis factores associados ao fenómeno da dependência à Internet, sendo eles: “*Salience*”, “*Excess Use*”, “*Neglecting Work*”, “*Anticipation*”, “*Lack of Self-Control*” e “*Neglecting Social Life*”. Esta estrutura factorial apresenta uma boa consistência interna (α 0.54-0.82) e validade concorrente, sendo a dimensão “*Salience*” a mais fiável. Concomitantemente, o estudo de Conti et al. (2012) também sugerem a existência de uma consistência interna bastante elevada para o IAT (α 0.85).

Não obstante, Law e Chang (2008) apresentaram através do seu estudo, uma estrutura factorial tripartida: “*Withdrawal and Social Problems*”, “*Time Management and Performance*” e “*Reality Substitute*”. A justificação para o menor número de dimensões deveu-se, segundo os autores, à covariação dos items entre as várias dimensões, sendo que, o factor “*Reality Substitute*” consiste num aspecto essencial do ponto de vista da caracterização do fenómeno.

Em termos da cotação do teste, quanto maior for a pontuação obtida pelo indivíduo na soma das respostas dadas aos items, maior é o nível de dependência à Internet e dos prejuízos que esta causa (Young, 2011). Neste sentido, entende-se que, o uso normal varia entre 0-30 pontos; suave entre 31-49 pontos; moderado entre 50-79 e; o severo entre os 80-100 pontos (Young, 2011). De acordo com a literatura, os estudos utilizam o ponto de corte de 50 pontos para definir grupos com problemas de dependência à Internet vs. grupos em que isso não se verifica (Hinić, Mihajlović & Đukić-Dejanović, 2010).

Young (2011) também sugere que, feita a cotação do teste, seja realizada uma análise mais fina das respostas dadas em cada um dos items, a fim de se perceber melhor, junto dos items onde a resposta dada se situa entre o 4 (várias vezes) e o 5 (sempre), as áreas de maior impacto e significância quanto ao uso da Internet na vida do sujeito.

No presente estudo, a dependência à Internet foi avaliada através da versão adaptada por Pontes e Patrão (2013), onde as características psicométricas e outras propriedades psicométricas relevantes deste instrumento serão dadas a conhecer aquando da apresentação do estudo das propriedades do presente instrumento.

2.4) *Procedimentos*

A recolha dos dados decorreu entre o mês de Novembro de 2012 a Abril de 2013, com uma duração de cerca de 6 meses. Além disso, os participantes tiveram a oportunidade de preencher os questionários de dois modos diferentes: *online* (não-presencial) e *offline* (presencial). Aos participantes que preencheram *online*, o processo ocorreu através da

exportação dos instrumentos (ver Anexo A1) para o serviço do *Google Documents* que permitiu a recolha dos dados.

Quanto aos que participaram no estudo presencialmente, os questionários foram disponibilizados em contexto de sala de aula. Para os alunos universitários, foi combinado previamente com os docentes, de diversas cadeiras, a aplicação dos questionários após o término da aula, tendo sido facultado o direito à não participação e explicado a natureza anónima e alguns dos propósitos da presente investigação.

Relativamente aos alunos do ensino secundário, num primeiro momento foi pedido autorização à DGIC (Direcção Geral de Inovação Curricular do Ministério da Educação – ver Anexo A2), num segundo momento após ter sido deliberado o pedido pelo Ministério da Educação que analisou todos os procedimentos do estudo, foram então obtidas autorizações dos encarregados de educação nas respectivas escolas secundárias onde os dados foram recolhidos.

Do ponto de vista do material bibliográfico consultado, recorreu-se a diversas vias, sendo elas por norma o motor de busca de informação do Google, o site *Google Scholar*, *Google Books* para consulta pontual de certos capítulos de livros. Além disso, o material bibliográfico foi obtido via bases de dados científicas como a EBSCO, PubMed ou a Biblioteca do ISPA-IU e outras bases de dados internacionais e nacionais disponíveis para o acesso de artigos publicados. Adicionalmente, alguns artigos foram solicitados e obtidos directamente através dos próprios autores originais via *e-mail*. Uma grande parte da bibliografia também foi adquirida a nível internacional (Estados Unidos e Reino Unido) por *websites* como o eBay e Amazon.

A análise estatística foi feita através do *IBM SPSS Statistics 20*, um programa de computador amplamente utilizado e designado especificamente para ajudar na análise estatística dos dados. O SPSS encontra-se disponível há vários anos, tendo-se tornado no *software* de excelência na análise de dados (Brace, Kemp & Snelgar, 2006). Além disso, é o programa mais utilizado por investigadores de várias universidades, especialmente por psicólogos e profissionais das ciências sociais.

Ao nível dos procedimentos específicos, convém salientar procedimentos realizados ao nível da base de dados do SPSS em termos da organização, codificação e recodificação de variáveis por fim a facilitar a análise dos dados através das diferentes metodologias aplicadas.

O primeiro procedimento realizado na base de dados foi feito pelo ajustamento das opções de respostas aos itens 16 e 18 da BDI-II, onde no instrumento, diferentemente dos restantes itens, o sujeito poderia responder numa escala que ia de: 0, 1a, 1b, 2a, 2b, 3a e 3b, pelo que de início a nível prático estas respostas assumiram valores de 1 a 6 no SPSS para efeitos de inserção dos dados. Por isso, feita a inserção, converteu-se as através da opção “*Recode into Different Variables*” os valores que excediam a opção 3 (i.e., respostas dadas de 4 a 6) para as respectivas equivalências pontuais para efeitos de cotação, ou seja, 0 = 0, 1a e 1b = 1, 2a e 2b = 2 e 3a e 3b = 3.

Feito isto, procurámos criar uma variável na base de dados que se chamou “*DepressionLevel*” à qual foi possível criar categorias de respostas baseadas na pontuação obtida na escala e que circunscreviam às possíveis interpretações dos *scores* totais, tal como fornecido pelo autor da escala. Deste modo, os participantes nesta variável poderiam obter os seguintes resultados: “Sintomatologia Mínima” (*score* de 0 a 13), “Sintomatologia Suave” (*score* de 14 a 19), Sintomatologia Moderada” (*score* de 20 a 28), “Sintomatologia Severa” (*score* 29 a 63). Além disso, foi criada a variável “*DepressionCutOff*” onde os participantes que obtiam um *score* total superior a 17 valores corresponderia à opção “Above Cut Off Point” e, os que obtivessem um *score* total inferior a 17 valores corresponderia à opção “Below Cut Off Point”.

Por outro lado, o mesmo foi feito para os *scores* totais obtidos no IAT. Por isso, a variável “*IADCutOff*” permitia a distinção entre pontuações acima do ponto de corte de 30, tal como realizado anteriormente para a BDI-II. De igual modo, foi também criada a variável “*AddictionLevel*” para que fosse calculado através do SPSS automaticamente e atribuído a interpretação do *score* do participante através das seguintes designações: “Utilização Normal” (*score* de 0 a 18), “Utilização Suave” (*score* de 19 a 29), “Utilização Moderada” (*score* de 30 a 47) e “Utilização Severa” (*score* de 48 a 60). Em termos de operacionalização, os utilizadores considerados dependentes à Internet realizavam uma utilização moderada e severa, sendo óbvia a diferença qualitativa do nível de prejuízos causados pelo uso da Internet nestes dois tipos de utilizadores.

De igual modo, outros procedimentos foram realizados nas variáveis originais “*Ano_Académico*” e “*Estado_Civil*” por fim a facilitar a análise estatística dos dados. Para o ano académico, que ia do 10º ano do secundário até o 5º do ensino universitário, criou-se a variável “*Nível_Ensino*” que pretendeu distinguir entre os participantes que eram alunos do “Ensino Secundário” e do “Ensino Universitário”. Quanto ao estado civil, criámos a variável “*Tipo_Relacionamento*” devido às desigualdades em termos de distribuição de participantes em

cada um dos grupos criados originalmente, por isso, foram distinguidos os sujeitos “Sem Relação de Compromisso” e os “Com Relação de Compromisso”.

Uma última operacionalização em termos das variáveis na base de dados teve que ver com a variável “*Hobbies*”, simplificando as respostas dadas em duas categorias: “Sim” que designavam os participantes com práticas activas de *hobbies*, e “Não” para os participantes sem qualquer prática de *hobbies*.

Em relação aos procedimentos utilizados para a análise da existência de associações ou não entre dependência à Internet e a sintomatologia depressiva, para que pudéssemos perceber o sentido da relação entre a dependência à Internet e os sintomas depressivos, procedemos à verificação dos pressupostos exigidos para o teste de correlação de Pearson, que se aplica a variáveis de nível de intervalar ou rácio, exigindo por isso uma relação linear entre as duas variáveis, e que os dados sejam oriundos de uma distribuição normal bidimensional, para se poder inferir (Pestana & Gageiro, 2008).

Devido à impossibilidade de se obter uma distribuição normal ao nível destas duas variáveis (ver Anexo B1), procedemos à análise do coeficiente de correlação de Spearman ou o R de Spearman em vez do cálculo do coeficiente de Pearson, e que segundo Pestana e Gageiro (2008), mede a intensidade da relação entre variáveis, não exigindo portanto que os dados provenham de duas populações normais.

Relativamente aos procedimentos estatísticos específicos adoptados para a análise dos resultados entre os níveis de Dependência à Internet e as outras variáveis sócio-demográficas, alguns procedimentos específicos foram tidos em conta quanto à metodologia de análise a utilizar (i.e., paramétrica vs. não-paramétrica) em função dos pressupostos para cada uma delas.

Em primeiro lugar, a análise entre os níveis de dependência à Internet e o sexo, relativamente à existência de diferenças estatisticamente significativas entre estas duas variáveis, não foi avaliada com o teste t -Student para amostras independentes, por não apresentar os requisitos necessários para este teste (i.e., distribuição da normalidade em ambos os grupos e homogeneidade das variâncias) (ver Anexo B2).

Por isso, optou-se pelo teste de Wilcoxon-Mann-Whitney, que é um teste não paramétrico adequado para comparar as funções de distribuição de uma variável pelo menos ordinal medida em duas amostras independentes, que constitui como uma alternativa ao teste t -Student quando os pressupostos do teste não são assegurados (Maroco, 2011).

Em segundo lugar, ainda ao nível das variáveis sócio-demográficas, face à constatação de que a variável Tipo de Relacionamento e *Score* Total no IAT não tinham uma distribuição normal (ver Anexo B3), procedemos ao teste de Mann-Whitney para a comparação múltipla das médias entre as médias dos dois grupos em consideração aos níveis de dependência à Internet.

Em terceiro lugar, para analisarmos os efeitos entre os níveis de dependência à Internet e a Idade dos participantes, procedemos ao estudo da normalidade entre estas duas variáveis por fim a utilizar o coeficiente de correlação de Pearson, que exige que as variáveis tenham uma distribuição normal entre as variáveis, o que neste caso particular não se verificou (ver Anexos B4), tendo por isso optado pela coeficiente de correlação de Spearman.

Em quarto lugar, para efeitos de análise entre a dependência à Internet e a prática de *Hobbies*, atendendo às características das variáveis em análise (i.e., quantitativa: dependência à Internet, intervalar e qualitativa: prática de *hobbies* nominal dicotómica), recorremos ao teste de correlação *point-biserial* (R_{pb}) para este efeito.

Por fim, a propósito da análise entre a dependência à Internet e o Ano Académico do participante, realizámos o teste da normalidade e da homogeneidade das variâncias (ver Anexo B5), onde face ao não cumprimento dos pressupostos para a utilização de uma metodologia de comparação múltipla das médias paramétricas, recorreu-se então ao teste de Kruskal-Wallis, que segundo Maroco (2011), é o teste apropriado para comparar as distribuições de duas ou mais variáveis pelo menos ordinais observadas em duas ou mais amostras independentes, utilizado também como alternativa à ANOVA one-way.

III) Resultados

Face aos dados obtidos e após análise dos mesmos através do SPSS, procuraremos ilustrar os resultados encontrados atendendo aos objectivos propostos e à relevância das variáveis em análise para que possamos reflectir sobre os resultados verificados no presente estudo.

3.1) Relações Entre a Dependência à Internet e a Sintomatologia Depressiva

Ao iniciar este trabalho, enquanto investigadores a primeira questão com que nos deparámos foi quanto ao facto de poder haver ou não alguma relação importante e estatisticamente significativa, entre a dependência à Internet e os sintomas depressivos. Para esta questão de investigação, a Tabela 2 permite-nos obter a resposta que procurávamos.

Tabela 2*Coefficiente de Correlação de Spearman entre as Variáveis Score Total IAT e Score Total BDI*

		Correlações	
		Score total IAT	Score Total BDI
	Coefficiente de Correlação	1,000	,222**
	Score Total IAT Sig. (2-tailed)	.	,000
	N	545	545
Ró de Spearman	Coefficiente de Correlação	,222**	1,000
	Score Total BDI Sig. (2-tailed)	,000	.
	N	545	545

** . A Correlação é significativa a um nível de 0.01 level (2-tailed).

A partir do cálculo do coeficiente de Spearman (ver Tabela 2) podemos observar que se verifica uma correlação estatisticamente significativa e positiva, ainda que baixa, entre os níveis de dependência à Internet medidos pelo IAT e os sintomas depressivos medidos pela BDI-II. Por isso, podemos afirmar ainda que, a magnitude desta relação aponta para que 4.92% da variação nos sintomas depressivos é explicada pelos níveis de dependência à Internet.

3.2) Estudo das Qualidades Psicométricas do Internet Addiction Test (Young, 1998)

3.2.1) Estudos da Sensibilidade dos Itens

O estudo da sensibilidade dos itens do teste constitui-se como um passo importante na tentativa de obtenção de indicadores que suportem empiricamente a capacidade e potência do instrumento em termos da confiança que podemos ter na sua medição. Por isso, é importante analisar os indicadores de normalidade de cada item, e saber se algum a viola (ver Anexo C).

Atendendo à Tabela 3, verificámos que apenas o Item 3 violou a normalidade quando se tem como referência valores de *Skewness* superiores a 3 e *Kurtosis* superiores a 8 (Kline, 2011). Todavia, uma análise da mediana de cada item, permitiu-nos concluir que o Item 15 não se constitui como um bom item à semelhança do Item 3.

Tabela 3*Output com os Valores Relativos ao Estudo da Sensibilidade dos Items*

	Estatísticas										
	N		Mediana	Skewness	Desvio-padrão Skewness	Kurtosis	Desvio-padrão Kurtosis	Mínimo	Máximo		
	Válido	Missing									
Item 1 IAT	531	14	3,00	-,140	,106	-,740	,212	1	5		
Item 2 IAT	512	33	2,00	,337	,108	-,784	,215	1	5		
Item 3 IAT	301	244	1,00	3,401	,140	13,508	,280	1	5		
Item 4 IAT	470	75	2,00	,908	,113	,252	,225	1	5		
Item 5 IAT	489	56	2,00	,895	,110	-,262	,220	1	5		
Item 6 IAT	485	60	2,00	1,127	,111	,501	,221	1	5		
Item 7 IAT	537	8	4,00	-,546	,105	-,750	,210	1	5		
Item 8 IAT	503	42	2,00	,824	,109	,000	,217	1	5		
Item 9 IAT	471	74	2,00	1,063	,113	,317	,225	1	5		
Item 10 IAT	456	89	2,00	,907	,114	-,186	,228	1	5		
Item 11 IAT	458	87	1,00	1,412	,114	1,560	,228	1	5		
Item 12 IAT	500	45	2,00	,830	,109	-,177	,218	1	5		
Item 13 IAT	470	75	1,00	1,441	,113	1,593	,225	1	5		
Item 14 IAT	490	55	2,00	,892	,110	-,194	,220	1	5		
Item 15 IAT	438	107	1,00	2,106	,117	4,700	,233	1	5		
Item 16 IAT	509	36	3,00	,253	,108	-,997	,216	1	5		
Item 17 IAT	479	66	2,00	,755	,112	-,319	,223	1	5		
Item 18 IAT	454	91	1,00	1,762	,115	2,230	,229	1	5		
Item 19 IAT	430	115	1,00	1,679	,118	2,234	,235	1	5		
Item 20 IAT	438	107	1,00	2,041	,117	3,768	,233	1	5		

Posto isto, o Item 3 deverá ser excluído das futuras análises uma vez que não se revela como um bom item em termos da sua capacidade de discriminação dos sujeitos nos vários tipos de respostas contidas neste.

Tabela 4*Tabela de Frequências do Item 15 IAT*

Item 15 IAT			
		Frequência	Porcentagem
		(Válida)	
Valido	Nunca	314	71,7
	Raramente	84	19,2
	Ocasionalmente	30	6,8
	Várias vezes	7	1,6
	Sempre	3	,7
	Total	438	100,0
Missing	Não aplicável	107	
Total		545	

Como podemos observar na Tabela 4, também o Item 15 deverá ser retirado das seguintes análises factoriais uma vez que não discrimina todas as respostas a que se propõe medir na população em causa, pois como vemos, 90.9% (n = 84) dos participantes responderam “Nunca” ou “Raramente” neste item em particular.

3.2.2) Estudos de Validade

A validade (*validity*) diz respeito à natureza do constructo medido, pois todo teste deve ser capaz de medir alguma “coisa” de um modo preciso para que a sua mensuração seja válida. A validade não pode existir sem fiabilidade (*reliability*), embora um teste possa ser fiável e não válido, e por isso, a medida só é válida se for fiável (Coaley, 2010)

Um teste é considerado válido quando é capaz de medir aquilo a que se propõe, bem como, quando permite ao investigador realizar inferências apropriadas a partir do *score* obtido pelos sujeitos nesse mesmo teste (Coaley, 2010).

Neste sentido, a validade de constructo engloba vários tipos de validades, sendo que depende apenas da evidência empírica recolhida, podendo ainda incluir outros tipos de validade como a convergente, discriminante e a factorial (Coaley, 2010).

3.2.2.1) Análise Factorial Exploratória

Através do estudo de exploração da estrutura factorial do instrumento, procurámos delimitar o número de factores a ter em conta para os dados recolhidos por fim a cumprir os requisitos psicométricos necessários. Para que fosse avaliada a estrutura factorial do presente instrumento, foram necessárias sete extracções de factores ou estudos sobre a análise factorial exploratória, que nos permitiram avançar com uma matriz aceitável do ponto de vista psicométrico.

Embora hoje em dia prefira-se o estudo confirmatório da matriz factorial dos instrumentos, no caso do IAT em particular, uma vez que este instrumento não tem um referencial sólido em termos da sua estrutura, o que os autores desta área de investigação fazem é precisamente, num primeiro momento, o estudo exploratório tal como iremos realizar. Isto se deve ao facto da autora original da escala não ter feito o estudo das qualidades psicométricas do seu instrumento.

Antes de mais, procurou-se avaliar os valores do KMO e o resultado no Teste de Esfericidade de Bartlett em termos da adequação da amostra, que por conseguinte tal como indica a Tabela 5, o valor obtido do KMO foi de 0.917, que se traduz num valor excelente (Walker, 1999). Já o resultado do teste de esfericidade, assegura o cumprimento dos requisitos

necessários para se prosseguir no estudo da análise factorial exploratória, sem a inclusão dos itens: 3 e 15 que revelaram problemas ao nível da sua sensibilidade.

Tabela 5

Output com os Valores do KMO e do Teste de Esfericidade de Bartlett

KMO e Teste de Esfericidade de Bartlett	
Kaiser-Meyer-Olkin Medida de Adequação da Amostra.	,917
Aprox. Qui-Quadrado	2262,234
Teste de Esfericidade de Bartlett df	153
Sig.	,000

Numa primeira extracção de factores, através da análise das componentes principais, com rotação ortogonal varimax, tal como podemos observar na Tabela 6, foi obtida uma estrutura factorial de três factores a partir de cinco iterações, que explicam 54.872% da variância total da dependência à Internet medida pelos 20 itens.

Tabela 6

Valores Relativamente à Primeira Extracção dos Factores e a Percentagem da Variância Total

Componentes	Total Variância Explicada								
	Eigenvalues Iniciais			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% da Variância	Cumulativa %	Total	% da Variância	Cumulativa %	Total	% da Variância	Cumulativa %
1	7,148	39,712	39,712	7,148	39,712	39,712	4,280	23,776	23,776
2	1,520	8,446	48,157	1,520	8,446	48,157	3,788	21,044	44,820
3	1,209	6,715	54,872	1,209	6,715	54,872	1,809	10,052	54,872
4	,964	5,356	60,228						
5	,921	5,114	65,343						
6	,817	4,538	69,880						
7	,692	3,846	73,727						
8	,601	3,337	77,064						
9	,586	3,255	80,319						
10	,530	2,947	83,266						
11	,496	2,754	86,020						
12	,459	2,547	88,567						
13	,429	2,385	90,952						
14	,404	2,245	93,197						
15	,372	2,066	95,263						

16	,333	1,850	97,113
17	,290	1,611	98,723
18	,230	1,277	100,000

Método de Extração: Principal Component Analysis.

Atendendo à análise do *Scree plot* e à regra do Eigenvalue superior a 1.00 (ver Anexo D1), verifica-se que a estrutura de três factores, embora aparentemente satisfatória, contém um factor que por si só explica 39.712% da variância total da dependência à Internet, pelo que o factor dois outros 8.446% e o factor três 6.715% por conseguinte.

Não obstante, ao atentarmos para a Tabela 7, que exhibe a matriz com as cargas factoriais da saturação dos itens, verifica-se que, a presente estrutura não pode ser considerada como válida, pois os itens: 18 e 19 não saturam em nenhuma das dimensões, pelo que uma segunda extração de factores é justificada sem a inclusão destes dois itens. O valor de referência utilizado para as cargas factoriais foi de 0.5 em todas as extracções de factores que se seguiram, inclusive nesta primeira.

Tabela 7

Matriz com os Valores das Cargas Factoriais dos Itens em cada Dimensão na Primeira Extração de Factores através da Rotação Varimax

	Matriz das Componentes com Rotação ^a		
	Componentes		
	1	2	3
Item 2 IAT	,805		
Item 1 IAT	,719		
Item 8 IAT	,687		
Item 16 IAT	,673		
Item 14 IAT	,657		
Item 17 IAT	,633		
Item 9 IAT		,674	
Item 4 IAT		,666	
Item 10 IAT		,633	
Item 13 IAT		,558	
Item 11 IAT		,556	
Item 12 IAT		,537	
Item 5 IAT		,515	
Item 18 IAT			
Item 6 IAT	,592		,600
Item 7 IAT	,502		-,562

Item 20 IAT ,553 ,558

Item 19 IAT

Método de Extração: Principal Component Analysis.

Método de Rotação: Varimax com Kaiser

Normalization.

a. Rotação convergida em 9 iterações.

Na segunda extração de factores, obteve-se um valor para o KMO de 0.915 e um *p-value* = 0.000 no teste de esfericidade de Bartlett, atestando assim a manutenção das propriedades positivas em termos da adequação da amostra para este segundo procedimento de extração de factores (ver Anexo D2).

Já sem os itens 3, 15, 18 e 19 obteve-se os seguintes resultados referentes à estrutura de três factores tal como sugerido anteriormente, em que na sua totalidade estes três factores explicavam 57.654% da variância total. Além disso, para o factor um a variância explicada foi de 41.392%, enquanto que para o factor dois foi de 8.950%, e para o factor três 7.312%.

Por fim a definir a viabilidade da presente estrutura, analisou-se novamente o output da Matriz das Componentes com Rotação constante na Tabela 8, onde podemos verificar os itens em termos da carga factorial uma vez mais. Desta forma, observa-se que, à semelhança da primeira extração, outros itens revelaram-se problemáticos, nomeadamente o Item 14 que não saturou em nenhuma dimensão.

Tabela 8

Matriz com os Valores das Cargas Factoriais dos Itens em Cada Dimensão na Segunda Extração de Factores através da Rotação Varimax

	Matriz das Componentes com Rotação ^a		
	Componentes		
	1	2	3
Item 4 IAT	,685		
Item 20 IAT	,656		
Item 10 IAT	,645		
Item 9 IAT	,628		
Item 11 IAT	,614		
Item 13 IAT	,606		
Item 12 IAT	,576		
Item 5 IAT	,526		
Item 6 IAT		,852	
Item 8 IAT		,814	

Item 2 IAT	,623	,521
Item 17 IAT	,523	
Item 14 IAT		
Item 7 IAT		,786
Item 1 IAT		,562
Item 16 IAT		,530

Método de Extração: Principal Component Analysis.

Método de Rotação: Varimax com Kaiser

Normalization.

a. Rotação convergida em 6 iterações.

Face aos dados obtidos nesta segunda extração, procedemos a uma nova. Desta vez, o valor do KMO obtido foi de 0.907, o que continua a ser um valor excelente, sendo que o teste de esfericidade de Bartlett também assegurou o cumprimento dos pressupostos ($p\text{-value} = 0.000$) (ver Anexo D3).

Relativamente à extração de factores, esta foi realizada sem os itens problemáticos (i.e., 3, 14, 15, 18 e 19), gerando-se assim, outra matriz de três factores, em que na sua totalidade explicavam 58.508% da variância. Além disso, o factor um por si só explicava 41.463%, o factor dois 9.255% e o factor três 7.790%.

Por fim, ao analisar o output da Matriz das Componente com Rotação (ver Tabela 9), mais um item revelou problemas ao nível do *factor loading*. Neste caso, o Item 16, que nesta extração de factores, não saturou em nenhuma das dimensões suficientemente, por isso, mais uma extração de factores sem este item teve que ser realizada até que o modelo se estabilize.

Tabela 9

Matriz com os Valores das Cargas Factoriais dos Itens em Cada Dimensão na Terceira Extração de Factores através da Rotação Varimax

	Matriz das Componentes com Rotação ^a		
	Componentes		
	1	2	3
Item 4 IAT	,670		
Item 20 IAT	,669		
Item 10 IAT	,659		
Item 9 IAT	,624		
Item 11 IAT	,619		
Item 13 IAT	,611		
Item 12 IAT	,582		
Item 5 IAT	,514		

Item 6 IAT	,852	
Item 8 IAT	,823	
Item 2 IAT	,654	,502
Item 17 IAT	,539	
Item 7 IAT		,780
Item 1 IAT	,502	,554

Item 16 IAT

Método de Extração: Principal Component Analysis.

Método de Rotação: Varimax com Kaiser

Normalization.

a. Rotação convergida em 6 iterações.

Deste modo, realizámos mais uma análise factorial exploratória, em que o valor do KMO obtido foi de 0.892 e o *p-value*. no teste de esfericidade de Bartlett foi igual a 0.000, assegurando assim mais uma vez a adequação da amostra (ver Anexo D4).

Posto isto, observa-se novamente nesta extração de factores, uma estrutura tri-factorial que explica no seu conjunto, 58.430% da variância total. Sendo o primeiro factor é explicativo de 40.481% da variância, o segundo 9.770% e o terceiro 8.179%. Novamente, por fim a decidir a viabilidade desta nova estrutura factorial, verificámos uma vez mais, os indicadores ao nível da saturação dos itens (ver Tabela 10).

Embora não tivesse sido encontrado nenhum item sem carga factorial suficiente para saturar num dos três factores, indicando assim que a estabilidade do modelo estaria próxima de ser obtida, verificámos que o Item 1 apresentou-se ambigualmente (tal como na análise factorial anterior) em dois factores (factor dois e factor três), pelo que, novamente realizou-se uma extração de factores.

Tabela 10

Matriz com os Valores das Cargas Factoriais dos Itens em Cada Dimensão na Quarta Extração de Factores através da Rotação Varimax

	Matriz das Componentes com Rotação^a		
	Componentes		
	1	2	3
Item 4 IAT	,674		
Item 20 IAT	,661		
Item 10 IAT	,659		
Item 9 IAT	,632		
Item 11 IAT	,621		

Item 13 IAT	,615	
Item 12 IAT	,587	
Item 5 IAT	,522	
Item 6 IAT		,846
Item 8 IAT		,829
Item 2 IAT		,686
Item 17 IAT		,558
Item 1 IAT	,538	,523
Item 7 IAT		,784

Método de Extração: Principal Component Analysis.

Método de Rotação: Varimax com Kaiser

Normalization.

a. Rotação convergida em 5 iterações.

Realizada uma quinta extração de factores, sem os itens problemáticos (i.e., 1, 3, 14, 15, 16, 18 e 19), obtivemos um valor de KMO de 0.881 e um resultado igualmente satisfatório no teste de esfericidade de Bartlett, permitindo assim avançar com a presente análise (ver Anexo D5).

A partir da quinta extração de factores foi gerada uma nova solução de três factores que explicavam no seu total 58.960% da variância total, sendo o factor um explicativo de 40.535% desta, o factor dois outros 9.982% e o factor três 8.442%.

Ao observarmos o modo como os item se distribuía entre os três factores através da Tabela 11, constatámos a presença de uma dimensão (i.e., factor três) com apenas um item, o que acaba por ser pouco viável em termos da constituição e sustentação de um factor com um único item.

Tabela 11

Matriz com os Valores das Cargas Factoriais dos Itens em Cada Dimensão na Quinta Extração de Factores através da Rotação Varimax

	Matriz das Componentes com Rotação^a		
	Componentes		
	1	2	3
Item 4 IAT	,687		
Item 10 IAT	,649		
Item 9 IAT	,643		
Item 20 IAT	,642		
Item 11 IAT	,621		
Item 13 IAT	,612		

Item 12 IAT	,600
Item 5 IAT	,531
Item 6 IAT	,849
Item 8 IAT	,845
Item 2 IAT	,704
Item 17 IAT	,572
Item 7 IAT	,850

Método de Extração: Principal Component Analysis.

Método de Rotação: Varimax com Kaiser

Normalization.

a. Rotação convergida em 4 iterações.

Deste modo, optámos novamente por retirar mais um item, neste caso o Item 7, e proceder a mais uma extração de factores com apenas com os itens 2, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 17 e 20, excluindo portanto os itens que se revelaram problemáticos até aqui (i.e., 1, 3, 7, 14, 15, 16, 18 e 19) (Ver Anexo D6).

A partir da nova extração de factores, podemos ver através da Tabela 12 que o valor do KMO obtido foi de 0.884 e o *p-value* = 0.000 no teste de esfericidade de Bartlett, assegurando novamente as condições necessárias em termos da adequação da amostra para o presente estudo.

Tabela 12

Output com os Valores do KMO e do Teste de Esfericidade de Bartlett

KMO e Teste de Esfericidade de Bartlett		
Kaiser-Meyer-Olkin Medida de Adequação da Amostra.		,884
	Aprox. Qui-Square	1447,241
Teste de Esfericidade de Bartlett	df	66
	Sig.	,000

A partir dos dados obtidos na Tabela 13 relativamente ao total da variância explicada para esta sexta extração de factores, decorre algo novo até aqui em termos da estrutura factorial, que desta vez se apresentou sob a forma de dois factores a explicarem 53.958% da variância total. Por seu turno, individualmente, o factor um explica 43.232% da variância total, enquanto o factor dois outros 10.725%.

Tabela 13

Valores Relativos à Sexta Extração de Factores e a Percentagem da Variância Total Explicada por Estes

Componentes	Total da Variância Explicada								
	Eigenvalues Iniciais			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% da Variância	Cumulativa %	Total	% of Variance	Cumulativa %	Total	% da Variância	Cumulativa %
1	5,188	43,232	43,232	5,188	43,232	43,232	3,397	28,310	28,310
2	1,287	10,725	53,958	1,287	10,725	53,958	3,078	25,647	53,958
3	,923	7,689	61,647						
4	,845	7,043	68,690						
5	,671	5,593	74,283						
6	,612	5,099	79,382						
7	,580	4,835	84,217						
8	,456	3,800	88,017						
9	,444	3,702	91,719						
10	,393	3,272	94,991						
11	,358	2,987	97,978						
12	,243	2,022	100,000						

Método de Extração: Principal Component Analysis.

Ao obtermos uma estrutura factorial satisfatória do ponto de vista psicométrico, que incluiu os itens 2, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 17 e 20, procedemos então a uma análise semântica para ver se do ponto de vista conceptual e do conteúdo expresso pelos itens fazia sentido a forma como estes se agruparam nas duas dimensões.

Tabela 14

Matriz com os Valores das Cargas Factoriais dos Itens em cada Dimensão na Sexta Extração de Factores através da Rotação Varimax

	Matriz das Componentes com Rotação ^a	
	Componentes	
	1	2
Item 4 IAT	,688	
Item 10 IAT	,648	
Item 20 IAT	,636	
Item 9 IAT	,630	
Item 11 IAT	,620	
Item 13 IAT	,612	

Item 12 IAT	,607
Item 5 IAT	,527
Item 8 IAT	,847
Item 6 IAT	,829
Item 2 IAT	,750
<u>Item 17 IAT</u>	<u>,594</u>

Método de Extração: Principal Component Analysis.

Método de Rotação: Varimax com Kaiser

Normalization.

a. Rotação convergida em 3 iterações.

Ao atentarmos para a Tabela 14, já com o modelo estabilizado em dois factores, procedeu-se à uma análise semântica atendendo às características conceptuais da dependência à Internet e a sua expressão enquanto padrão comportamental tal como observado pela literatura. Neste sentido, deparamo-nos com a falta de parcimónia da distribuição dos itens que remetiam para conteúdos e comportamentos completamente distintos num mesmo factor.

Tabela 15

Organização e Distribuição dos Itens pelos Factores

Factor 1	Factor 2
Com que frequência...	Com que frequência...
Item 4: crias novas relações com outros utilizadores <i>online</i> ?	Item 2: deixas de fazer as tarefas em casa para poderes ficar mais tempo <i>online</i> ?
Item 5: as outras pessoas se queixam em relação à quantidade de tempo que passas <i>online</i> ?	Item 6: as tuas notas ou trabalhos escolares são prejudicados devido à quantidade de tempo que passas <i>online</i> ?
Item 9: te tornas defensivo(a) ou guardas segredo quando alguém te pergunta o que estás a fazer <i>online</i> ?	Item 8: o teu desempenho ou produtividade no trabalho são prejudicados por causa da Internet?
Item 10: bloqueias pensamentos perturbadores sobre a tua vida com pensamentos calmantes da Internet?	Item 17: preferes ficar mas tempo <i>online</i> do que ir sair com outras pessoas?
Item 11: dás por ti a pensar sobre quando irás estar <i>online</i> novamente?	
Item 12: receias que a vida sem Internet seria chata, vazia e sem graça?	
Item 13: explodes, gritas ou ficas irritado(a) quando alguém te incomoda quando estás <i>online</i> ?	
Item 20: te sentes deprimido(a), mal-humorado(a) ou nervoso(a) quando estás desconectado(a) e, deixas de estar assim quando entras <i>online</i> novamente?	

Deste modo, ao observarmos os itens do factor um (ver Tabela 15), verificou-se que este contemplava tanto itens que pareciam avaliar o grau em que a Internet prejudica as relações inter-pessoais na vida real (e.g., Item 4, Item 5, Item 9 e Item 13), como itens que avaliam o poder e capacidade da dependência à Internet modular o humor do indivíduo (e.g., Item 10 e Item 20) ou até mesmo a saliência (e.g., Item 12) da dependência à Internet, bem como o efeito de antecipação que pode existir no indivíduo (e.g., Item 11).

Por seu turno, o segundo factor parece ser mais coerente em termos dos itens que saturaram suficientemente nesta dimensão. De um modo geral, os itens do segundo factor parecem avaliar o impacto negativo que a dependência à Internet tem nas actividades práticas do dia-a-dia dos indivíduos (e.g., Item 2), bem como a performance escolar (e.g., Item 6) e ocupacional (e.g., Item 8). Por outro lado, a inconsistência encontrada neste factor prendeu-se com o facto de o Item 17 ser um item que avalia claramente o grau em que a dependência à Internet afecta negativamente a qualidade das relações inter-pessoais reais do indivíduo, não tendo nada que ver por isso com a realização de tarefas e desempenho nestas.

Devido à presente incongruência em termos da alocação dos itens nos dois factores gerados, optámos por fazer uma sétima e última análise factorial exploratória, desta vez a forçar o número de factores para um, pois face à solução factorial apresentada anteriormente, embora do ponto de vista psicométrico apresentasse validade, do ponto de vista teórico e semântico não fazia sentido a forma como os itens estavam distribuídos pelas duas dimensões.

A solução unifactorial (ver Anexo D7) apresenta-se como a mais congruente neste estudo em particular, sendo que a sua justificação pode ser feita com base na literatura de outros estudos deste género a nível internacional onde também se verificou uma estrutura unidimensional para o mesmo instrumento (Hawi, 2013; Khazaal, et al., 2008). Além disso, visto estar assegurada a sua validade psicométrica, poder-se-á trabalhar com o modelo unidimensional.

Como tal, podemos observar através da Tabela 16, que à semelhança da última extracção de factores, os valores do KMO e do Teste de Esfericidade de Bartlett, não demonstraram qualquer problema em termos da adequação da amostra para o presente estudo. Um valor do KMO de 0.884 é uma medida boa, pelo que justifica o prosseguimento da análise factorial exploratória.

Tabela 16*Output com os Valores do KMO e do Teste de Esfericidade de Bartlett*

KMO e Teste de Esfericidade de Bartlett	
Kaiser-Meyer-Olkin Medida de Adequação da Amostra.	,884
Aprox. Qui-Square	1447,241
Teste de Esfericidade de Bartlett df	66
Sig.	,000

Posto isto, a Tabela 17 ilustra-nos que a estrutura unifactorial explica 43.232% da variância total da dependência à Internet. De igual modo, podemos concluir que a presente solução factorial é ajustada à evidência encontrada na literatura, e também aos dados obtidos da presente população em estudo.

Tabela 17

Valores Relativos à Sétima Extracção de Factores e a Percentagem da Variância Total Explicada pelo Modelo Unifactorial

Componentes	Variância Total Explicada					
	Eigenvalues Iniciais			Extraction Sums of Squared Loadings		
	Total	% da Variância	Cumulativa %	Total	% da Variância	Cumulativa %
1	5,188	43,232	43,232	5,188	43,232	43,232
2	1,287	10,725	53,958			
3	,923	7,689	61,647			
4	,845	7,043	68,690			
5	,671	5,593	74,283			
6	,612	5,099	79,382			
7	,580	4,835	84,217			
8	,456	3,800	88,017			
9	,444	3,702	91,719			
10	,393	3,272	94,991			
11	,358	2,987	97,978			
12	,243	2,022	100,000			

Método de Extracção: Principal Component Analysis.

3.3) Estudos da Fiabilidade do Instrumento

Em termos da fiabilidade, o seu estudo é feito através do cálculo do alfa de Cronbach como medida de consistência interna. Por seu turno, este baseia-se no número de itens e na média das correlações inter-itens do instrumento. Assim, se assumirmos que as questões dos itens medem um *score* verdadeiro (*true score*) (e.g., o verdadeiro nível de dependência à Internet), então, cada questão/item irá medir individualmente o verdadeiro *score* e o valor do erro associado a essa medição nos sujeitos (Hinton, Brownlow, McMurray & Cozens, 2004).

Quando a correlação entre diferentes itens que medem a mesma coisa é elevada, isto revela um reduzido erro de medição. Pelo contrário, quando a correlação entre os itens é reduzida, aumenta-se a medição do erro, sugerindo assim que os itens não são fiáveis e que não medem a mesma coisa (Hinton et al., 2004).

No presente estudo, tal como indica a Tabela 18, obteve-se um valor do alfa de Cronbach de 0.876, o que sugere um bom indicador da consistência interna do presente instrumento quando se tem em conta o conjunto total dos 12 itens que apresentaram um ajustamento satisfatório ao longo dos vários procedimentos executados em termos da análise factorial exploratória.

Tabela 18

Valores do Alfa de Cronbach (Consistência Interna)

Estatísticas da Fiabilidade	
Alfa de Cronbach	Nº de Itens
.876	12

Não obstante, a Tabela 19 permite-nos perceber que, mesmo face à exclusão de qualquer um dos 12 itens, os níveis de consistência interna não irão melhorar em função disso, pelo que justifica-se o valor apresentado de 0.876 (ver Anexo E1) e a presente estrutura factorial e conjunto de itens propostos.

Tabela 19*Estatísticas Item-Total, Valores do Alpha de Cronbach Face à Exclusão de Items*

Estatísticas Item-Total				
	Média da Escala face à Exclusão do Item	Variância da Escalas face à Exclusão do Item	Correlação Item- Total Corrigida	Alpha de Cronbach face à Exclusão do Item
Item 2 IAT	21,15	57,695	,530	,868
Item 4 IAT	21,71	59,554	,487	,871
Item 5 IAT	21,54	54,379	,651	,861
Item 6 IAT	21,76	56,241	,635	,862
Item 8 IAT	21,55	57,317	,577	,865
Item 9 IAT	21,72	59,801	,408	,876
Item 10 IAT	21,70	58,424	,507	,870
Item 11 IAT	21,94	58,010	,655	,862
Item 12 IAT	21,45	57,349	,511	,870
Item 13 IAT	21,94	57,517	,644	,862
Item 17 IAT	21,44	55,082	,663	,860
Item 20 IAT	22,17	59,238	,584	,866

Em síntese, um alfa de Cronbach de 0.876, revela uma boa consistência interna. Todavia, não é possível incrementar o presente valor do alfa de Cronbach eliminando items.

3.4) Epidemiologia: Avaliação Geral e Percentual dos Níveis de Dependência à Internet e Sintomatologia Depressiva

Relativamente aos níveis epidemiológicos percentuais da dependência à Internet e da severidade dos sintomas depressivos encontrados na amostra em estudo obtida, podemos observar os indicadores e resultados através da Tabela 20.

Tabela 20*Níveis de Dependência à Internet Observados na Amostra*

Níveis de Dependência à Internet		
	Frequência	Percentagem (Válida)
Válidos	Utilização Normal	259 47,5
	Utilização Suave	199 36,5
	Utilização Moderada	85 15,6
	Utilização Severa	2 ,4
	Total	545 100,0

De um modo geral, observa-se que 16% (n = 87) dos participantes apresentam níveis problemáticos de utilização da Internet, ao nível da dependência quando se tem em conta o ponto de corte de referência utilizado (i.e., 30). Não obstante, cerca de 47.5% (n = 259) dos participantes utilizam a Internet de um modo controlado e sem prejuízos (i.e., “Utilização Normal”), enquanto que outros 36.5% (n = 199) apresentam níveis de utilização normais da Internet.

Quanto à severidade dos sintomas depressivos observados na amostra, a Tabela 22 dá-nos a saber que, 15.8% (n = 86) dos participantes estão acima do ponto de corte estipulado (i.e., 17 pontos), pelo que a severidade dos sintomas depressivos nestes sujeitos pode ser considerada significativa. Não obstante, a Tabela 21 permite-nos perceber melhor os diferentes níveis dos sintomas entre os participantes.

Tabela 21

Níveis de Sintomatologia Depressiva Observados na Amostra

Níveis de Depressão		
	Frequência	Percentagem (Válida)
Sintomatologia Mínima	414	76,0
Sintomatologia Suave	76	13,9
Válidos Sintomatologia Moderada	43	7,9
Sintomatologia Severa	12	2,2
Total	545	100,0

Como podemos observar, 76% (n = 414) apresentam níveis mínimos de sintomatologia depressiva, sendo que 13.9% (n = 76) apresentam níveis suaves. A um nível mais elevado, 7.9% (n = 43) apresentam níveis moderados e 2.2% (n = 12) níveis severos de sintomatologia depressiva.

Em síntese, no presente estudo quer os níveis de dependência à Internet, quer os níveis da incidência de sintomas depressivos parecem partilhar uma percentagem relativamente aproximada quando se tem em conta a totalidade dos participantes deste estudo. Por outras palavras, enquanto 16% (n = 87) revelam problemas significativos relacionados com o uso da

Internet, outros 15.8% (n = 66) também apresentam a presença de uma significativa sintomatologia depressiva (ver Anexo F1).

3.5) Dependência à Internet e Factores Sócio-Demográficos Relevantes

Nesta secção do presente trabalho, iremos analisar a importância e contribuição dos factores sócio-demográficos avaliados através da metodologia utilizada, na ocorrência da dependência à Internet.

3.5.1) A Dependência à Internet e Sexo

Através da Tabela 22, podemos observar que as diferenças observadas entre os níveis de dependência à Internet nos dois grupos são significativamente ($p\text{-value} < 0.000$) diferentes. Sabendo que há diferenças estatisticamente significativas entre os dois sexos, em termos dos níveis médios de dependência à Internet, resta-nos perceber em que direcção ocorre a diferença observada.

Tabela 22

Estatística de Teste para Diferenças das Médias nos Níveis de Dependência à Internet entre Homens e Mulheres

Estatística de Teste ^a	
	Score Total IAT
Mann-Whitney U	21640,000
Wilcoxon W	95560,000
Z	-5,533
Asymp. Sig. (2-tailed)	,000

a. Grouping Variable: Sexo

A correlação *point-biserial* pode ser utilizada quando se quer calcular a correlação entre uma variável quantitativa (discreta) e outra dicotómica (Pestana & Gageiro, 2008), por isso, utilizou-se este teste para saber o sentido da correlação dos níveis de dependência à Internet e o sexo, tal como podemos ver pela Tabela 23.

Tabela 23

Correlação entre o Score Total no IAT e o Sexo do Participante

Correlações			
		Sexo	Score total IAT
	Correlação Pearson	1	-,228**
Sexo	Sig. (2-tailed)		,000
	N	545	545
	Correlação Pearson	-,228**	1
Score total IAT	Sig. (2-tailed)	,000	
	N	545	545

** . A correlação é significativa a 0.01 (2-tailed).

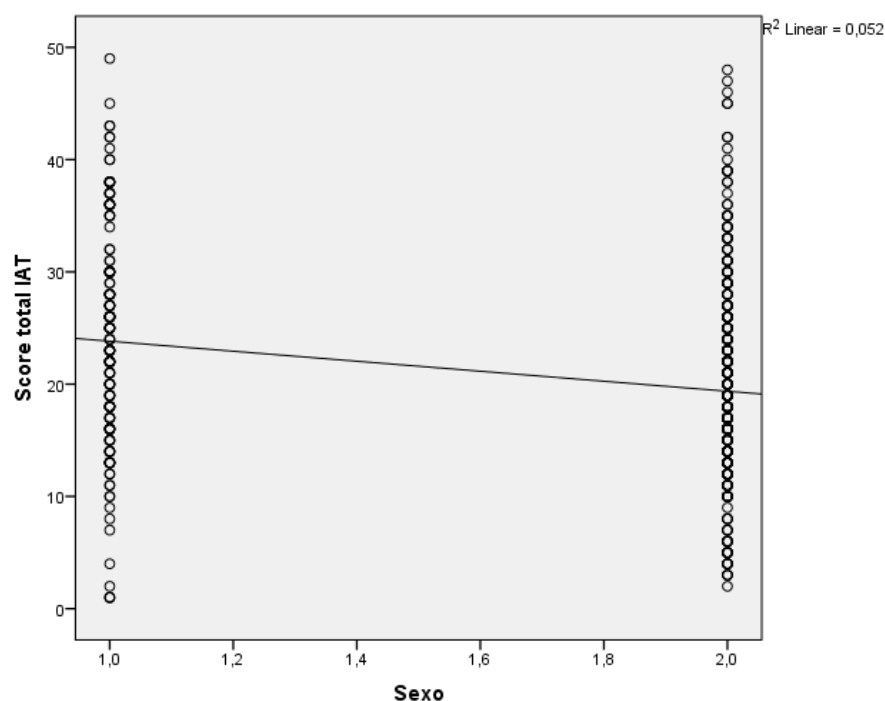


Figura 1. Gráfico *Scatter* com o Sentido da Correlação entre os *Scores* no IAT e o Sexo.

Podemos concluir que existe uma relação estatisticamente significativa, baixa e inversa entre o sexo e o *score* total obtido no IAT, sendo que 5.20% do total da variabilidade da dependência à Internet, parece dever-se ao sexo em si.

Como podemos observar na Figura 1, tendo sido a variável sexo codificada do seguinte modo: 1 = masculino e 2 = feminino, uma vez que as diferenças nas médias são significativas, observa-se que os níveis de dependência à Internet são ligeiramente superiores nos homens comparativamente às mulheres.

3.5.2) A Dependência à Internet e o Estado Civil

Em função das hipóteses de estudo levantadas, para averiguarmos quais as relações entre o estado civil dos participantes e a maior ou menor incidência da dependência à Internet, procedemos num primeiro plano no “agrupamento” dos participantes que estavam numa relação de compromisso (i.e., grupo 1: solteiros, a namorar, casados) vs. os participantes que não estavam numa relação de compromisso (i.e., grupo 2: divorciados e viúvos).

Tal recodificação deveu-se ao facto de em certos grupos haver uma quantidade muito reduzida de participantes (e.g., Casados e Divorciados) ou até mesmo ausência destes (e.g., Viúvos), o que iria acabar por influenciar negativamente na comparação entre outros grupos com mais participantes (ver Anexo F2).

Tal como podemos observar na Tabela 24, rejeitámos a hipótese nula para a não existência de diferenças estatisticamente significativas ao nível das médias nestes dois grupos. De forma a melhor percebermos a natureza desta observação, realizámos o cálculo do coeficiente de correlação Biserial por fim a melhor compreender este fenómeno.

Tabela 24

Teste de Mann-Whitney U Para Participantes que Estavam Numa Relação de Compromisso vs. Os Participantes Que Não Estavam Numa Relação de Compromisso

Estatística de Teste^a	
	Score total IAT
Mann-Whitney U	31340,000
Wilcoxon W	56316,000
Z	-2,471
Asymp. Sig. (2-tailed)	,013

a. Grouping Variable: Tipo de Relacionamento

Tabela 25*Correlação Biserial Entre os Níveis de Dependência à Internet e o Tipo de Relacionamento*

Correlações			
		Tipo de Relacionamento	Score total IAT
	Correlação de Pearson	1	-,111**
Tipo de Relacionamento	Sig. (2-tailed)		,009
	N	544	544
	Correlação de Pearson	-,111**	1
Score total IAT	Sig. (2-tailed)	,009	
	N	544	545

** . A correlação é significativa a 0.01 (2-tailed).

Através da Tabela 25 podemos observar face ao coeficiente de correlação obtido, que existe uma associação estatisticamente significativa e inversa entre as duas variáveis. Apesar desta correlação observada ser bastante fraca, verificou-se que apenas 1.23% da variância total da dependência à Internet é explicada pelo tipo de relacionamento. De igual modo, podemos observar que os participantes que se encontram numa relação apresentam níveis de dependência à Internet inferiores comparativamente aos que se encontram numa relação.

4.5.3) A Dependência à Internet e a Idade

Ao calcularmos o coeficiente de correlação de Spearman, podemos observar através da Tabela 26 podemos observar que os níveis de dependência à Internet são inversamente proporcionais à idade (i.e., correlação negativa baixa), ou seja, quanto mais novo for o sujeito, maiores os níveis de dependência à Internet observados.

Tabela 26*Coefficiente de Correlação Ró De Spearman para as Variáveis Idade e Score Total Obtido No IAT*

Correlações			
		Score total IAT	Valor da Idade em Anos
	Coefficiente de Correlação	1,000	-,282**
Score total IAT	Sig. (2-tailed)	.	,000
	N	545	545
	Coefficiente de Correlação	-,282**	1,000
Ró de Spearman	Sig. (2-tailed)	,000	.
	N	545	545

** . A Correlação é significativa a um nível de 0.01 level (2-tailed).

A seguir, apresenta-se a Figura 2 que consiste no gráfico *scatter* que nos ajuda a ilustrar melhor o sentido do valor do coeficiente de correlação do Ró de Spearman, que sugere a existência de uma correlação em sentido inverso entre as duas variáveis.

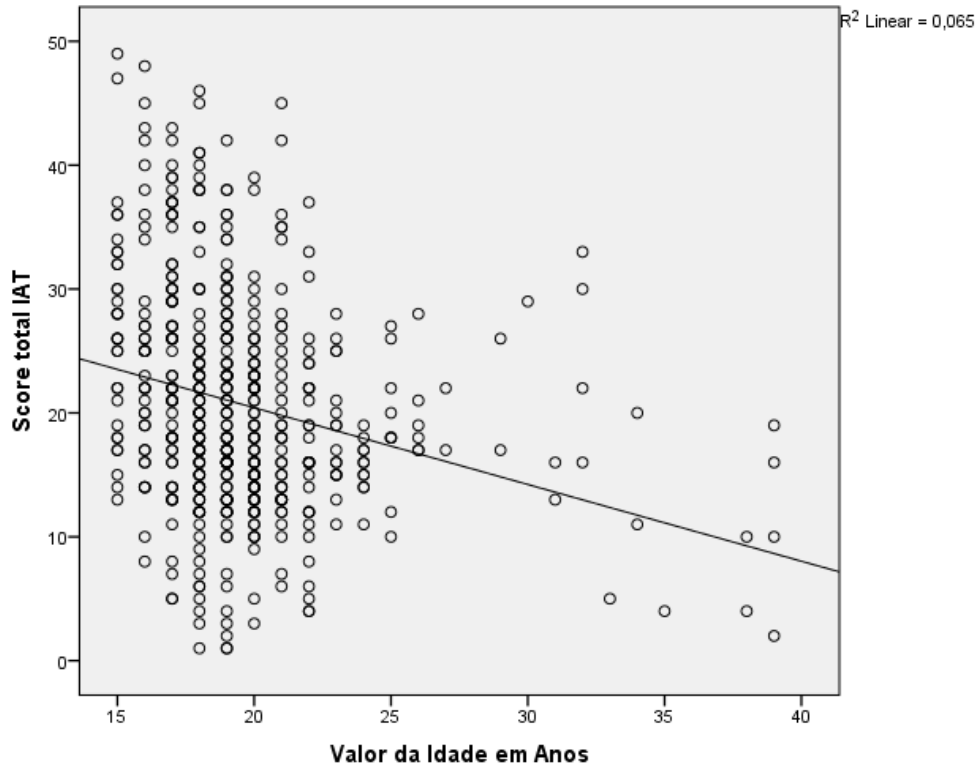


Figura 2. Gráfico *Scatter* a Ilustrar o Sentido da Correlação Entre os Níveis de Dependência à Internet e a Idade dos Participantes.

Com base nos resultados obtidos, podemos concluir que se verifica uma correlação estatisticamente significativa, ainda que baixa, entre os níveis de dependência à Internet e a idade do participante. Além disso, a magnitude desta correlação sugere que apenas cerca de 7.95% da variabilidade nos níveis de dependência à Internet ocorre em função da idade do participante.

3.5.4) A Dependência à Internet e a Prática de *Hobbies*

Tendo por base a necessidade de perceber se a prática de *hobbies* poderia ou não constituir-se como um factor importante a ter em conta na dependência à Internet, procurámos analisar se existiria alguma associação entre estas duas variáveis.

Através da Tabela 27 podemos observar a ausência de qualquer relação estatisticamente significativa entre estas duas variáveis, pois a estatística de teste obtido ($R_{pb} = -0.005$; $p\text{-value} = 0.904$) não nos permite a rejeição da hipótese nula para ausência de correlação entre as duas variáveis.

Tabela 27

Correlação Entre o Score Total no IAT e a Prática de Hobbies

Correlações			
		Score total IAT	Pratica algum Hobby?
	Correlação Pearson	1	-,005
Score total IAT	Sig. (2-tailed)		,904
	N	545	545
	Correlação Pearson	-,005	1
Pratica algum Hobby?	Sig. (2-tailed)	,904	
	N	545	545

Como tal, nenhuma outra análise em relação a estas duas variáveis foi conduzida devido ao facto de não se ter encontrado qualquer relação entre ambas que nos permitissem uma maior compreensão da natureza subjacente a esse processo.

3.5.5) A Dependência à Internet e o Ano Académico

Tal como a questão do sexo, também procurámos averiguar se os níveis médios de dependência à Internet diferiram significativamente entre os alunos do ensino secundário e universitário (ver Anexo F3). Estes dados poderão ser uma mais-valia em termos de estratégias de intervenção para os psicólogos e profissionais de saúde ou sociais que procuram intervir no âmbito da dependência à Internet no meio escolar.

Tabela 28

Estatística do Teste de Kruskal-Wallis para a Comparação Múltipla das Médias entre Alunos do 10º Ano do Ensino Secundário até o 5º Ano do Ensino Universitário

Estatísticas do Teste ^{a,b}	
Score total IAT	
Qui-Quadrado	61,113
df	7
Asymp. Sig.	,000

a. Teste de Kruskal Wallis

b. Grouping Variable: Qual ano o

participante encontra-se a frequentar?

Como podemos observar através da Tabela 28, a estatística do teste permite-nos rejeitar a hipótese nula quanto à não diferença significativa entre pelo menos um grupo em relação aos níveis de dependência à Internet. Como tal, face aos resultados obtidos, podemos afirmar que em pelo menos dois anos se verificam diferenças significativas em termos da dependência à Internet. Face à rejeição da hipótese nula, utilizámos o teste *post-hoc* não paramétrico de Dunn para estimarmos em quais dos grupos as diferenças observadas diferiram significativamente.

Deste modo, após execução do teste não paramétrico de Dunn, verificámos que as médias que diferiram significativamente entre vários académicos diziam respeito aos seguintes anos: 5º ano (universitário) e 10º ano (secundário) (*p-value* = 0.001); 1º ano (universitário) e 12º ano (secundário) (*p-value* = 0.015); 1º ano (universitário) e 10º ano (secundário) (*p-value* = 0.000); 2º ano (universitário) e 10º ano (secundário) (*p-value* = 0.000); 3º ano (universitário) e 10º ano (secundário) (*p-value* = 0.000); e por fim, 12º ano (secundário) e 10º ano (secundário) (*p-value* = 0.025).

Como podemos pela na Figura 3, o gráfico *scatter* permite-nos contemplar de um modo mais intuitivo, a dispersão dos *scores* médios obtidos no IAT em função do ano académico do aluno, onde podemos verificar claramente uma tendência para uma maior incidência de níveis superiores de dependência à Internet nos alunos do ensino secundário comparativamente aos alunos do ensino universitário.

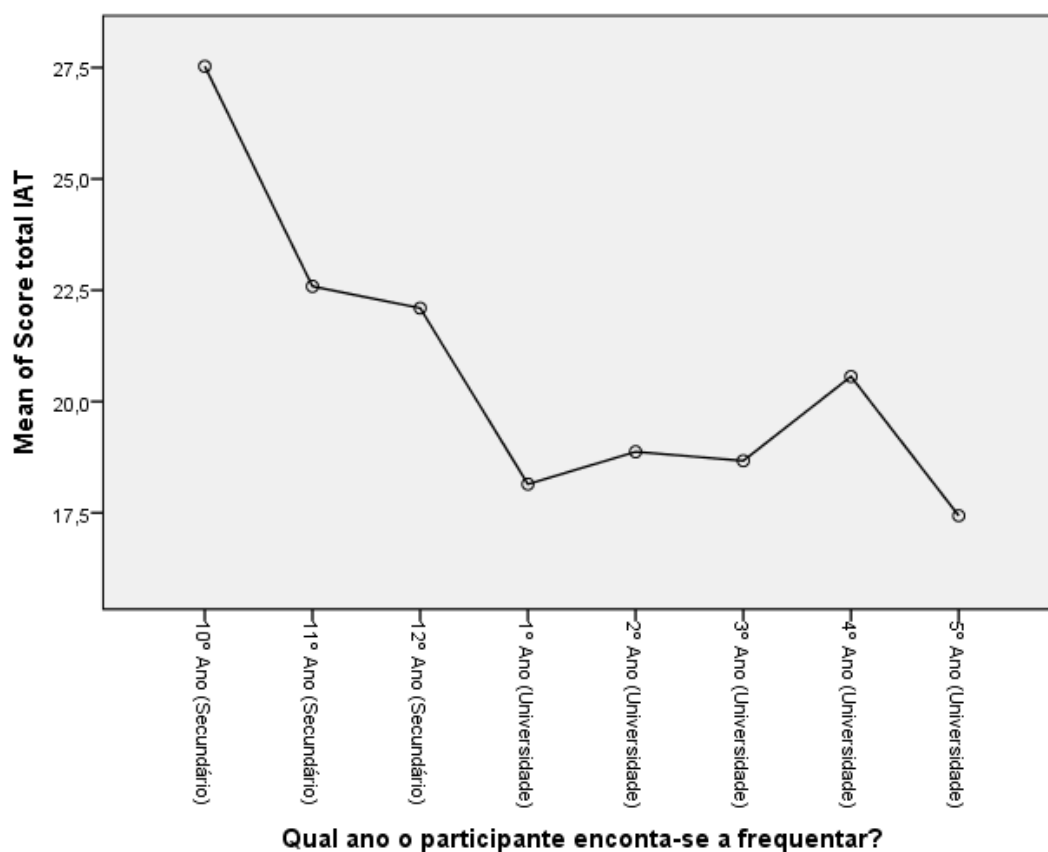


Figura 3. Níveis Médios de Dependência à Internet em Função do Ano Académico do Participante.

De outra perspectiva, quando temos em conta os níveis de dependência à Internet apenas entre o grupo dos alunos do ensino secundário e o grupo dos alunos do ensino universitário, face à constatação da diferença estatisticamente significativa entre as médias dos níveis de dependência à Internet nestes dois grupos (ver Anexo F4), tal como podemos observar através da Figura 4, verificam-se maiores níveis nos alunos do ensino secundário (operacionalizado pelo algoritmo 1) do que nos alunos do ensino universitário (operacionalizado pelo algoritmo 2).

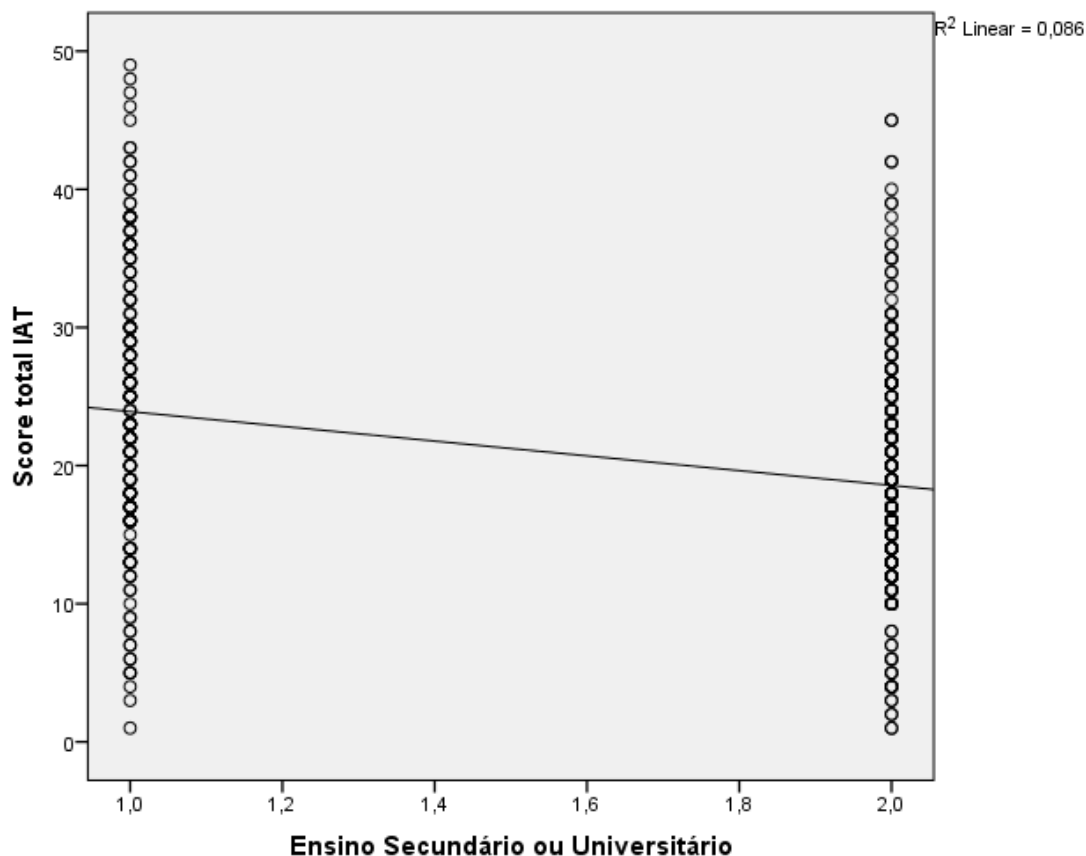


Figura 4. Gráfico *Scatter* com os Níveis de Dependência à Internet entre os Alunos do Ensino Secundário e Universitário Quando Considerados no seu Conjunto.

Em síntese, face à verificação de uma correlação estatisticamente significativa entre os níveis de dependência à Internet e os alunos do ensino secundário ou universitário ($Rpb = -0.293$; $p\text{-value} = 0.000$), verificamos que, à semelhança e de forma consistente com a análise feita anteriormente entre os níveis de dependência à Internet e a variável Idade, podemos concluir que os alunos do ensino secundário (i.e., os sujeitos mais novos) são os que apresentam níveis de dependência à Internet mais elevados em comparação aos alunos do ensino universitário. Além disso, a magnitude desta correlação sugere-nos que cerca de 8.58% do total da variância da dependência à Internet é explicada pelo facto do aluno estar no ensino secundário/universitário.

IV) Discussão

Através deste estudo onde conseguimos abordar a dependência à Internet de um modo amplo e exploratório, todavia necessário, por fim a iniciar esta nova área de investigação e dotá-la com evidências empíricas contextualizadas na literatura, e nos próprios resultados obtidos no presente trabalho.

Atendendo aos objectivos propostos e delineados no início deste estudo, conseguimos verificar que de um modo geral, na presente amostra, verifica-se uma associação positiva entre a dependência à Internet e a sintomatologia depressiva tal como prevíamos. Por outras palavras, quanto mais dependente à Internet for o sujeito, maior a incidência de sintomas depressivos experimentados por este.

Tendo por base todo um conjunto de literatura que suporta de um modo sistemático associações entre a dependência à Internet e a depressão (Ha et al., 2007; Hinić et al., 2010; Jenaabadi & Keikhayfarzaneh, 2011; Lam & Peng, 2010; Liberatore et al., 2011; Young, 1996, 1998; Young & Rodgers, 1998), procurámos testar essa mesma hipótese de investigação na presente amostra, onde de facto, foi possível corroborar a presença de uma maior incidência de sintomatologia depressiva ou níveis de depressão nos participantes com maiores níveis de dependência à Internet.

Ao atentarmos para a natureza da associação entre estas duas variáveis, vimos que apenas aproximadamente 5% da variância total da depressão é explicada pela dependência à Internet. Deste modo, ainda que se trate de uma associação relativamente baixa, não podemos menosprezar a importância de tal constatação, pois todo e qualquer comportamento exprime-se através de uma multiplicidade de causas e factores, muitas vezes não observáveis directamente.

Esta pequena percentagem verificada parece reflectir bem modelo teórico proposto por Yen et al. (2008), em que os autores referem que a dependência à Internet e a psicopatologia devem ser consideradas em função da influência que ambas exercem uma na outra, e ao facto de que outros factores de risco partilhados (i.e., genéticos e ambientais) podem igualmente levar ao desenvolvimento ou persistência da dependência à Internet e dos sintomas psiquiátricos. Por isso, seria algo inesperado encontrar associações elevadas entre a dependência à Internet e a depressão uma vez que isso poderia minimizar a importância de outros factores exógenos na etiologia destas perturbações.

Em termos de factores exógenos, poderíamos reflectir sobre alguns dados da literatura, em que estudos anteriores (Yen et al., 2007) sugeriram que o conflito familiar e famílias pouco funcionais aumentam o risco da dependência à Internet nos adolescentes. Além disso, nos adolescentes em particular, outro factor importante, tem que ver com a monitorização da família em relação ao tempo e actividades que estes desempenham na rede, pois a monitorização dos pais constituiu-se como um factor-chave para o desenvolvimento da dependência à Internet (Yen, Ko, Yen, Chang & Cheng, 2009).

Como nota, relativamente à dependência à Internet e depressão mais especificamente, sabemos que em estudos realizados mais recentemente (Lam & Peng, 2010), foram identificados não apenas associações entre estas duas variáveis em adolescentes saudáveis, como também uma sequência cronológica entre estas duas variáveis, onde os jovens com elevados níveis de utilização da Internet e sem qualquer complicação mental prévia, desenvolveram depressão posteriormente.

A Internet pode funcionar ainda como um meio ideal para o adolescente criar um *Self Virtual*, em que os adolescentes com depressão experimentam um certo prazer resultante do controlo e respeito de outros utilizadores na Internet, podendo por isso compensar eventuais imperfeições na vida real (Yen et al., 2009).

Posto isto, não podemos negar a importância de se estudar a dependência à Internet na população jovem, pois os adolescentes estão em maior situação de vulnerabilidade e risco de desenvolverem dependência à Internet (Christakis, Moreno, Jelenchick, Myaing & Zhou, 2011) face à crescente sobre-exposição e utilização desta, mais do que em qualquer outro grupo etário, e ao facto de exercerem menos controlo em todo o entusiasmo decorrente das actividades *online* (Ha et al., 2007).

Relativamente ao estudo das qualidades psicométricas e adaptação do *Internet Addiction Test* de Young (1998) para a população jovem portuguesa, de facto todo o processo de tradução-retroversão e análise estatística dos dados obtidos, resultaram numa versão reduzida do teste à semelhança do que já se tem vindo a desenvolver em outros países mais recentemente (Pawlikowski, Altstötter-Gleich & Brand, 2013).

Quanto a este objectivo, procurámos fornecer um instrumento válido para a população portuguesa de modo a que fosse possível obter indicadores quanto ao impacto do uso da Internet na vida das pessoas, indicadores esses que podem ser muito úteis para as futuras investigações que pretendam abordar a dependência à Internet.

A dimensão da amostra foi um factor que tivemos em conta neste estudo de adaptação, onde procuramos seguir as recomendações de Hawi (2013) que realizou, recentemente, um trabalho semelhante de adaptação do IAT no Líbano. Como tal, segundo o autor, o número de itens contidos no IAT (i.e., 20) requer pelo menos 400 participantes. Por isso, a presente amostra (i.e., N = 545) foi adequada para o estudo de adaptação, sendo que contamos com \approx 27 participantes por item, superando assim o mínimo exigido de 20 participantes por item.

À semelhança de outros estudos (Pawlikowski et al., 2013), embora inicialmente não tenha sido planeado o desenvolvimento de uma versão reduzida de 12 itens do IAT, verificámos através dos dados empíricos, que o presente conjunto reduzido de itens mostraram-se melhores do que a versão original do IAT na avaliação do fenómeno da dependência à Internet. A versão reduzida resulta da aplicação de critérios estatísticos mais exigentes no que respeita às cargas factoriais (*factor loadings*) e às cargas paralelas (*parallel loadings*) na inclusão e exclusão de itens da escala.

Por outras palavras, não considerámos itens com cargas factoriais inferiores a 0.50 e pesos factoriais paralelos superiores a 0.20 (Ferguson & Cox, 1993), pois quando se aplica estes critérios em estudos similares realizados anteriormente (e.g., Widyanto et al., 2011), podemos verificar que alguns itens incluídos no processo de adaptação não seriam incluídos atendendo ao presente critério estabelecido.

A propósito do estudo da sensibilidade dos itens, foi necessário a remoção dos seguintes itens: Item 3 (*Com que frequência preferes a excitação da Internet à Intimidade com o teu(tua) namorado?*) e o Item 15 (*Com que frequência te sentes preocupado(a) com a Internet quando estás desconectado ou fantasias estar online?*). Poderíamos especular a possível razão destes itens terem sido excluídos do estudo.

Se por um lado questões de desabilidade social possam estar na base da exclusão do item 3, por outro, o item 15 não parece possuir validade facial suficiente para os participantes compreenderem o que de facto está a ser avaliado, por isso, este item talvez pudesse ser reescrito de modo a obter uma maior validade facial, como por exemplo: “*Com que frequência te sentes preocupado(a) com a Internet quando estás desconectado e fantasias que estás online?*” Talvez esta sugestão possa ser implementada em futuros estudos que queiram estudar as propriedades psicométricas dos 20 itens da escala original.

Ao longo do processo de adaptação da escala, nomeadamente das extracções de factores que realizámos, verificámos que também os itens: 18, 19 (primeira extracção de factores), 14 (segunda extracção de factores), 16 (terceira extracção de factores), 1 (quarta extracção de factores) e 7 (quinta extracção de factores) tiveram que ser removidos em função da aplicação dos critérios supracitados em termos dos pesos factoriais.

Como vimos anteriormente, verifica-se uma grande inconsistência na literatura quanto à estrutura factorial ou as dimensões que constituem o fenómeno da dependência à Internet, onde podemos verificar estudos com propostas factoriais que vão de um modelo de 1 a 7 factores (Pezoa-Jares et al., 2012).

Atendendo ao presente estudo, à semelhança de outros realizados (Hawi, 2013; Khazaal et al., 2008; Panayides & Walker, 2012), verificámos que na presente amostra, o fenómeno da dependência à Internet pode ser compreendido numa estrutura unidimensional. Apesar do modelo factorial ter estabilizado em duas dimensões aquando da extracção de factores, o valor semântico e o conteúdo dos itens que foram alocados para os factores não eram congruentes, pelo que, a presente estrutura factorial de apenas um factor revelou-se como a mais adequada para o presente estudo.

Em termos da fiabilidade do presente instrumento, obtivemos um valor do alfa de Cronbach elevado ($\alpha = 0.876$), sugerindo por isso que a presente versão reduzida de 12 itens do IAT tem bons indicadores de consistência interna uma vez que todos os itens estão a medir o mesmo constructo.

Em síntese, face ao estudo das propriedades psicométricas realizada, acreditámos por isso, que do ponto de vista empírico, a versão de 12 itens do IAT é capaz de avaliar adequadamente a dependência à Internet na população jovem portuguesa, quer do ponto de vista metodológico, quer do ponto de vista do conteúdo relacionado com a expressão clínica e comportamental do presente fenómeno.

Como um dos objectivos deste estudo era avaliar igualmente os níveis percentuais de dependência à Internet e da sintomatologia depressiva na presente amostra, verificámos que, através dos resultados obtidos, relativamente à dependência à Internet, quando se tem em conta o ponto de corte (i.e., 30), 16% da amostra total apresentam níveis de utilização da Internet que poderiam ser considerados problemáticos. Não obstante, apenas 2 participantes (0.4% da amostra total) exibiram níveis extremos de dependência à Internet.

De um modo geral, ainda em relação ao uso da Internet, verificámos que 47.5% da amostra utiliza a Internet de um modo que não lhes resulta em nenhum prejuízo para as suas vidas, sendo que os restantes 52.5% utilizadores, de uma forma ou de outra, de um modo mais ou menos intenso, parecerem sofrer algum tipo de prejuízo ligeiro, moderado e/ou severo resultante do uso da Internet.

Em relação aos valores epidemiológicos da dependência à Internet, verifica-se uma discussão acesa na literatura quanto a esse respeito. A verdade é que ainda existe muita oscilação entre as percentagens de utilizadores dependentes da Internet vs. não-dependentes pelo globo. Se por um lado em países asiáticos o problema da dependência à Internet já se constitui como um problema de ordem pública, por outro, em alguns países os níveis de dependência à Internet são bastante reduzidos, fazendo com que não tenhamos de facto indicadores consistentes.

Tal inconsistência, poderá dever-se à utilização e aplicação de metodologias distintas na avaliação e determinação dessas percentagens, pois embora o IAT seja o instrumento mais utilizado amplamente, outros instrumentos também são utilizados na investigação da dependência à Internet. Não obstante, as percentagens em termos da dependência à Internet só poderá ser melhor compreendida quando o plano conceptual for melhor estabilizado e definido entre os investigadores.

De notar ainda, que em termos da sintomatologia depressiva, verificámos na presente amostra que aproximadamente 16% (n = 86) dos participantes deste estudo apresentaram níveis de sintomatologia depressiva acima do ponto de corte sugerido pelo autor original da escala (i.e., 17). Revelando assim, uma grande incidência de sintomas depressivos na presente amostra.

Ainda em relação a esta questão, é importante sublinhar que 10.1% (n = 55) participantes apresentaram níveis de sintomatologia depressiva preocupantes, que iam desde moderados a severos. Alertando-nos por isso, da grande incidência dos sintomas depressivos existentes na presente amostra em estudo. Ainda que os dados recolhidos não nos permitam dizer que estes participantes de facto encontravam-se deprimidos, não podemos negligenciar os valores observados.

Atendendo ao objectivo estabelecidos de verificar a forma como a dependência à Internet se relacionava com as variáveis sócio-demográficas avaliadas ao longo do estudo, verificámos que em termos do sexo, as diferenças observadas não foram significativas, sendo o sexo masculino o que apresentou níveis mais elevados de dependência à Internet comparativamente ao sexo feminino. Este resultado vai ao encontro de resultados semelhantes em outros estudos (Esen & Gündogdu , 2010; Ko et al., 2006; Morrison & Gore, 2010; Yoo et

al., 2004), contrariamente a outros estudos (Cao & Su, 2006; Lam & Peng, 2010; Lam, Peng, Mai e Jing, 2009; Wang et al., 2011).

Relativamente ao estado civil, verificámos anteriormente que de facto quando consideramos os participantes que estão numa relação de compromisso *vs.* os participantes sem uma relação de compromisso, observam-se diferenças estatisticamente significativas entre estes dois grupos. Além disso, os participantes que se encontravam numa relação, apresentaram níveis de dependência à Internet inferiores comparativamente aos que não se encontravam numa relação, outro aspecto interessante foi que apenas 1.23% da variância total da dependência à Internet era explicada pelo relacionamento ou ausência deste.

Apesar do peso e influência que a relação de compromisso parece exercer na dependência à Internet, ser bastante baixa, ainda que significativa, podemos assumir com alguma segurança em função dos dados deste estudo, que as relações de compromisso parecem funcionar como um factor de protecção ou de risco para a dependência à Internet.

Não obstante, há que mencionar que são escassos, senão nulos os estudos que procuraram perceber o peso das relações amorosas na dependência à Internet, sendo por isso, um dado novo que este estudo acrescenta à literatura.

Relativamente à idade dos participantes, verificámos que quanto mais novos eram os respondentes, maiores eram os níveis de dependência à Internet verificados. Não obstante, aproximadamente 8% da variabilidade da dependência à Internet ocorreu em função da Idade, o que acaba por ser uma percentagem bastante elevada tendo em conta que estamos a estudar um comportamento que tem múltiplas influências de outros tantos factores desconhecidos.

Relativamente à associação encontrada entre a dependência a Internet e a Idade no presente estudo, este resultado é consistente com uma parte da literatura existente (Morrison & Gore, 2010; Ni, Yan, Chen & Liu, 2009; Smahel, Helsper, et al., 2012) e inconsistente com outro conjunto de estudos onde essas não se verificou (Jenaabadi & Keikhayfarzaneh, 2011; Lam et al., 2009; Lam & Peng, 2010; Simkova & Cincera, 2004).

Embora os dados relativamente a esta variável seja inconclusivo, acreditamos ser extremamente útil e importante que toda e qualquer intervenção na área da dependência à Internet seja feita o mais cedo quanto possível, pois ainda que em alguns estudos a idade não esteja associada à dependência à Internet, a verdade é que em muitos outros essa associação existe.

Quanto à prática de *hobbies* pelos participantes e os níveis de dependência à Internet medidos, nenhuma relação estatisticamente significativa foi observada na amostra. De facto, não seria difícil imaginar que pessoas com estilos de vida menos activo e mais sedentário, sem práticas de *hobbies* estariam mais predispostas a desenvolverem a dependência à Internet. Contudo, na nossa amostra não conseguimos verificar qualquer efeito entre estas variáveis.

Uma das possíveis razões pela qual não conseguimos verificar qualquer relação entre estas duas variáveis, poderá ter que ver com a dificuldade encontrada na operacionalização da própria variável. Em função disso, verificámos que aquando do preenchimento desta questão, muitos participantes indicaram como *hobbies* actividades que fundo estão relacionadas com o uso da Internet (e.g., navegar em *websites*; jogar jogos *online*), levando os investigadores a não considerarem tais actividades como *hobbies*.

Por fim, constatámos também existência de diferenças significativas entre os níveis de dependência à Internet e o ano académico em que o participante se encontrava. A este respeito, procurámos perceber em quais anos é que os níveis de dependência à Internet eram mais elevados. Tal como o esperado e sem surpresas, os níveis mais elevados de dependência à Internet incidiram essencialmente, na sua grande maioria, nos alunos do ensino secundário, em especial nos alunos do 10º ano de escolaridade onde estes níveis foram bastante elevados.

Através destes resultados, conseguimos perceber a importância da intervenção nos utilizadores da Internet desta faixa etária. Sem excluir os alunos do ensino universitário, especialmente os alunos mais novos dos primeiros anos de curso, atenção especial deverá ser dada aos alunos do ensino secundário em termos de intervenção em meio escolar.

V) Considerações Finais

De um modo geral, os dados deste estudo chamam a atenção para a intervenção e despiste da dependência à Internet nos adolescentes, pois estes parecem constituir um grupo de risco elevado devido ao período do ciclo desenvolvimental em que se encontram, isto é, a maior necessidade de exploração exterior e do espaço virtual, criação de novos laços com outros pares, maior pressão dos grupos de pares e minimização da importância dos riscos psicossociais que são inerentes a este ciclo particular do desenvolvimento.

Todavia, em relação à intervenção direccionada aos alunos do ensino universitário, especial enfoque deverá ser dado para os alunos que estão a iniciar os seus cursos, pois todo o processo de transição de que são alvo estes alunos, especialmente quando vêm de lugares

distantes de onde estudam, pode fazer com que a sua qualidade de vida e saúde mental sejam reduzidas em função dos processos de separação e de mudança que estão sujeitos.

Se por um lado conseguimos suportar um amplo conjunto de estudos que defendem as associações existentes entre a dependência à Internet e a depressão, por outro lado, faria igualmente sentido estudar de que forma a Internet se relaciona com o isolamento de um modo geral, o isolamento social e o isolamento emocional. Neste mesmo sentido, poder-se-ia sugerir estudos que incidissem igualmente na avaliação do impacto causado pela dependência à Internet na qualidade e satisfação de vida das pessoas.

A este propósito, gostaríamos de sublinhar a importância da partilha e discussão de resultados e projectos de investigação/intervenção feito entre pares (*peer reviews*), pois o conhecimento construído nesta área beneficiará em grande medida do diálogo entre pares e de uma abordagem multidisciplinar que procure compreender o comportamento humano de vários prismas.

Por isso, tendo sido a discussão entre pares um ponto importante e essencial na realização do presente trabalho, há que mencionar os esforços feitos para a reflexão e discussão conjunta aquando da elaboração do presente trabalho em eventos importantes (e.g., III Fórum Internacional de Psicologia Clínica; 34th STAR Conference) onde foram submetidos e aceites *abstracts* para apresentação e discussão conjunta de aspectos e elementos desta investigação (Ver Anexo G1 e G2).

Não obstante, tal como outros estudos, este também não é excepção, pelo que algumas limitações deverão ser tidas em conta para futuros projectos que desejem trabalhar a dependência à Internet pelo presente instrumento.

Como limitação do presente estudo, poderíamos salientar o facto de o IAT revelar-se como um instrumento desactualizado e com problemas metodológicos a serem tidos em conta. A começar, pelo facto de a autora original do IAT não ter realizado um estudo psicométrico do instrumento por fim a fornecer os parâmetros e estrutura factorial a serem tidos em conta nos futuros estudos, o que acaba por gerar um certo “caos” em toda a investigação onde o IAT é utilizado.

Com base nisso, resultante do estudo das qualidades psicométricas do IAT realizadas neste estudo, sugerimos que em futuros estudos, o conteúdo dos itens deste instrumento seja actualizado e modificado com a devida autorização da autoria original, para um conjunto de itens que se ajuste ao fenómeno de dependência à Internet tal como ele se expressa hoje em dia, certamente diferente da forma como ocorria na década de 90 em função dos avanços maciços da tecnologia e da própria Internet.

Uma outra limitação metodológica a ser apontada neste estudo, teve que ver com o facto de não se ter estudado a presente estrutura factorial proposta (i.e., unidimensional) do ponto de vista confirmatório, pelo que, em futuros trabalhos desta dimensão, sugere-se a realização de estudos confirmatórios da dependência à Internet enquanto constructo unidimensional medida através da presente versão do IAT.

Em segundo lugar, como limitação poderíamos apontar o facto do presente estudo tratar-se de um estudo exploratório, com carácter correlacional. Por outras palavras, toda e qualquer inferência realizada deverá ser interpretada com cautela, pois as relações e associações observadas são apenas correlações, e não implicam qualquer causalidade entre as variáveis em causa. Por outro lado, uma terceira limitação terá que ver com a natureza da amostra, que poderia incluir sujeitos de todas as faixas etárias ou então de outros níveis de ensino (e.g., ensino básico, ensino profissional) e não se restringir apenas aos alunos do ensino secundário e universitário.

Como sugestão de estudo, torna-se necessário perceber em que medida o uso excessivo ou dependência à Internet configura-se como um fenómeno que prejudica as pessoas nas mais diversas áreas das suas vidas (e.g., académica, organizacional, relacional, familiar, etc...), pelo que, estudos que consigam avaliar a dependência à Internet e o seu impacto em relação ao desempenho académico; meios organizacionais; relações sociais e familiares, poderão ser uma mais-valia para a compreensão do comportamento *online* em geral.

Por outro lado, sendo este trabalho um ponto de partida e não de chegada, é importante que futuramente seja estudada a forma como a dependência à Internet surge e manifesta-se na vida das pessoas, por forma a que possamos repensar a causa deste comportamento.

Sendo esta, e não só, uma das preocupações desta investigação, após ter sido feito o estudo de adaptação do IAT, procurámos estender este estudo ao fenómeno do isolamento social e emocional já em alunos do ensino básico do 7º, 8º e 9º ano, pelo que, foram verificadas associações entre níveis de dependência à Internet e a solidão e solidão social nas crianças pré-adolescentes (Patrão et al., 2013), porém, não observámos nenhuma associação entre dependência à Internet e solidão emocional, o que faz-nos pensar na forma como a Internet poderá ser utilizada para compensar necessidades emocionais (ver Anexo G3).

Deste modo, sugere-se igualmente que futuros estudos possam desenvolver melhor as ideias do estudo realizado a propósito da dependência à Internet e a solidão, não só em crianças mas como também numa fatia da população mais ampla. Por outro lado, seria interessante cruzar e explorar a relação destes dados com outras variáveis de estudo.

Mais uma vez, todo e qualquer trabalho desta natureza, deverá sempre ter em conta a discussão e revisão feita por pares, pelo que, gostaríamos de chamar a atenção para a partilha e discussão de resultados em meios científicos diversificados e multidisciplinares, pois é importante uma compreensão ampla dos fenómenos comportamentais, motivacionais, afectivos e cognitivos que levam à dependência à Internet.

VI) Referências Bibliográficas

- Agudo, V. (2008). *A Transição para a Idade Adulta e Seus Marcos: Que Efeito na Sintomatologia Depressiva?*. Dissertação de mestrado integrado não publicada, Universidade de Lisboa, Portugal.
- American Psychiatric Association. (1994). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (4ª ed.). Washington, DC: Author.
- American Psychiatric Association. (2000). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (4ª ed., text rev.). Washington, DC: Author.
- Arnett, J. J. (2007). *Adolescence and Emerging Adulthood (3rd Ed)*. New Jersey: Pearson Education, Inc.
- Aronson, P. (2008). The Markers and Meanings of Growing Up: Contemporary Young Women's Transition from Adolescence to Adulthood. *Gender & Society*, 22(1), 56-82. doi:10.1177/0891243207311420.
- Barak, A., & Suler, J. (2008). Reflections on the Psychology and Social Science of Cyberspace. In A. Barak (Ed.), *Psychological Aspects of Cyberspace: Theory, Research, Applications* (pp. 1-12). New York: Cambridge University Press.
- Beard, K. W. (2005). Internet Addiction: A Review of Current Assessment Techniques and Potential Assessment Questions. *CyberPsychology & Behavior*, 8(1), 7-14.
- Beard, K. W., & Wolf, E. M. (2001). Modification in the Proposed Diagnostic Criteria for Internet Addiction. *CyberPsychology & Behavior*, 4(3), 377-383.
- Beck, A. T., Steer, R. A., & Brown, G. K. (1996). *Beck Depression Inventory-II*. San Antonio, TX: Harcourt Brace.
- Beck, A. T., Ward, C., Mendelson, M., Mock, J., & Erbaugh, J. (1961). An Inventory for Measuring Depression. *Archives of General Psychiatry*, 4, 561-571.
- Bell, S., & Lee, C. (2006). Does Timing and Sequencing of Transitions to Adulthood Make a Difference? Stress, Smoking, and Physical Activity Among Young Australian Women. *International Journal of Behavioral Medicine*, 13(3), 265-274. doi: 10.1207/s15327558ijbm1303_11

- Black, D. W., Belsare, G., & Schlosser, S. (1999). Clinical Features, Psychiatric Comorbidity, and Health-Related Quality of Life in Persons Reporting Compulsive Computer Use Behavior. *The Journal of Clinical Psychiatry*, *60*(12), 839-844.
- Blinka, L., & Smahel, D. (2011). Addiction to Online Role-Playing Games. In K. Young & C. Abreu (Eds.), *Internet Addiction: A Handbook and Guide to Evaluation and Treatment* (pp. 73-90). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Block, J. J. (2008). Issues for DSM-V: Internet Addiction. *American Journal of Psychiatry*, *165*, 306-307.
- Bowling, A. (1998). *Research Methods in Health*. Buckingham: Open University Press.
- Brace, N., Kemp, R., & Snelgar, R. (2006). *SPSS for Psychologists, Versions 12 and 13 (3rd Ed.)*. London: Palgrave MacMillan.
- Campos, R. C., & Gonçalves, B. (2011). The Portuguese Version of the Beck Depression Inventory-II (BDI-II): Preliminary Psychometric Data With Two Nonclinical Samples. *European journal of psychological assessment*, *27*(4), 258-264.
- Canan, F., Ataoglu, A., Nichols, L., Yildirim, T., & Ozturk, I. (2010). Evaluation of Psychometric Properties of the Internet Addiction Scale in a Sample of Turkish High School Students. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, *13*(3), 317-320. doi: 10.1089/cyber.2009.0160
- Cao, F., & Su, L. (2006). Internet Addiction Among Chinese Adolescents: Prevalence and Psychological Features. *Child: Care, Health and Development*, *33*(3), 275-281. doi:10.1111/j.1365-2214.2006.00715.x
- Caplan, S. E., & High, A. C. (2011). Online Social Interaction Psychosocial Well-Being, and Problematic Internet Use. In K. Young & C. Abreu (Eds.), *Internet Addiction: A Handbook and Guide to Evaluation and Treatment* (pp. 35-53). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Chak, K., & Leung, L. (2004). Shyness and Locus of Control as Predictors of Internet Addiction and Internet Use. *CyberPsychology & Behavior*, *7*(5), 559-570.
- Chou, C., & Hsiao, M-C. (2000). Internet Addiction, Usage, Gratification, and Pleasure Experience: The Taiwan College Students' Case. *Computers & Education*, *35*(1), 65-80. doi: 10.1016/S0360-1315(00)00019-1

- Christakis, D. A., Moreno, M. M., Jelenchick, L., Myaing, M. T., & Zhou, C. (2011). Problematic Internet Usage in US College Students: A Pilot Study. *BMC Medicine*, *9*(77), 1-6. doi:10.1186/1741-7015-9-77
- Coaley, K. (2010). *An Introduction to Psychological Assessment and Psychometrics*. London: SAGE Publications.
- Conti, M. A., Jardim, A. P., Hearst, N., Cordás, T. A., Tavares, H., & Abreu, C. N. (2012). Avaliação da Equivalência Semântica e Consistência Interna de uma Versão em Português do Internet Addiction Test (IAT). *Revista de Psiquiatria Clínica*, *39*(3), 106-110.
- Cooper, A. L. (1998). Sexuality and the Internet: Surfing into the New Millennium. *CyberPsychology & Behavior*, *1*(2), 187-193.
- Davis, R. A. (2001). A Cognitive-Behavioral Model of Pathological Internet Use. *Computers in Human Behavior*, *17*(2), 187-195. doi: 10.1016/S0747-5632(00)00041-8
- Doan, A. P. (2012). *Hooked On Games: The Lure and Cost of Video Game and Internet Addiction*. Corallville: F.E.P. International, Inc.
- Dong, G., Lu, Q., Zhou, H., & Zhao, X. (2011). Precursor or Sequela: Pathological Disorders in People with Internet Addiction Disorder. *Plos ONE*, *6*(2), 1-5.
- Dunkel, C., & Sefcek, J. (2009). Eriksonian Lifespan Theory and Life History Theory: Na Integration Using the Example of Identity Formation. *Review of General Psychology*, *13*(1), 13-23. doi: 10.1037/a00137/a0013687
- Elmes, D. G., Kantowitz, B. H., & Roediger, H. L. (2011). *Research Methods in Psychology (9th ed.)*. Belmont: Wadsworth.
- Erikson, E. (1950). *Childhood and Society*. New York: Norton.
- Esen, B. K., & Gündogdu, M. (2010). The Relationship Between Internet Addiction, Peer Pressure and Perceived Social Support Among Adolescents. *The International Journal of Educational Researchers*, *2*(1), 29-36.
- Ferguson, E., & Cox, T. (1993). Exploratory Factor Analysis: A Users' Guide. *International Journal of Selection and Assessment*, *1*, 84-94.

- Ferraro, G., Caci, B., D'Amico, A., & Di Blasi, M. (2007). Internet Addiction Disorder: An Italian Study. *CyberPsychology & Behavior, 10*(2), 170-175. doi: 10.1089/cpb.2006.9972
- Fife-Schaw, C. (2006). Principles of Statistical Inference Tests. In G. M. Breakwell, S. Hammond, C. Fife-Schaw, & J. A. Smith (Eds.), *Research methods in Psychology (3rd Ed.)* (pp. 388-413). London: Sage Publications LTD.
- Francisco, R., & Crespo, C. (2012, Outubro). *Adolescentes “na net e no face”*: Estudo da Relação entre o Ambiente Familiar e a Utilização da Internet e das Redes Sociais. In J. Ortega (Chair), *Adolescência. Rutura ou “mais do mesmo”?*. 2º Congresso Ibérico de Terapia Familiar, Lisboa.
- Frangos, C. C., Frangos, C. C., & Kiohos, A. P. (2010). Internet Addiction Among Greek University Students: Demographic Associations with the Phenomenon, using the Greek version of Young's Internet Addiction Test. *International Journal of Economic Sciences and Applied Research, 3*(1), 49-74.
- Fu, K-A., Chan, W. S., Wong, P. W., & Yip, P. S. (2010). Internet Addiction: Prevalence, Discriminant Validity and Correlates among Adolescents in Hong Kong. *The British Journal of Psychiatry, 196*, 486-492. doi: 10.1192/bjp.bp.109.075002
- Gaspar, M. J., & Carvalheira, A. (2012). O Consumo de Pornografia na Internet numa Amostra de Mulheres Portuguesas. *Psychology, Community & Health, 1*(2), 163-171. doi: 10.5964/pch.v12.27
- Gavancha, S., & Marques, M. E. (2009). O Conflito Estético na Adolescência. *Análise Psicológica, 3*(27), 269-279.
- Gencer, S. L., & Koc, M. (2012). Internet Abuse Among Teenagers and its Relations to Internet Usage Patterns and Demographics. *Educational Technology & Society, 15*(2), 25-36.
- Ghassemzadeh, L., Shahraray, M., & Moradi, A. (2008). Prevalence of Internet Addiction and Comparison of Internet Addicts and Non-Addicts in Iranian High Schools. *CyberPsychology & Behavior, 11*(6), 731-733.
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (1993). *O Inquérito: Teoria e Prática*. Lisboa: Celta Editora.
- Goldberg, I. (1996). Internet Addiction Disorder. Retirado de <http://www.psychom.net/iasg.html>

- Greenfield, D. N. (1999). *Virtual Addiction: Help for Netheads, Cyberfreaks, and Those Who Love Them*. Oakland: New Harbinger.
- Griffiths, M. D. (1995a). Technological Addictions. *Clinical Psychology Forum*, 76, 14-19.
- Griffiths, M. D. (1995b). Towards a Risk Factor Model of Fruit Machine Addiction: A Brief Note. *Journal of Gambling Studies*, 11(3), 343-346.
- Griffiths, M. D. (2000). Does Internet and Computer “Addiction” Exist? Some Case Study Evidence. *CyberPsychology & Behavior*, 3(2), 211-218.
- Griffiths, M. D. (2003). Internet Gambling: Issues, Concerns, and Recommendations. *CyberPsychology & Behavior*, 6(6), 557-568.
- Ha, J. H., Kim, S. Y., Bae, S. C., Bae, S., Kim, H., Sim, M., Lyoo, I. K., & Cho, S. C. (2007). Depression and Internet Addiction in Adolescents. *Psychopathology*, 40(6), 424-430.
- Hall, A. S., & Parsons, J. (2001). Internet Addictions: College Students Case Study Using Best Practices in Cognitive Behavior Therapy. *Journal of Mental Health Counselling*, 23(4), 312-327.
- Hanson, G. R., Venturelli, P. J., & Fleckenstein, A. E. (2011). *Drugs and Society (11th ed)*. London: Jones & Bartlett Learning International.
- Hartmann, D. & Swartz, T.T. (2007). The New Adulthood? The Transition to Adulthood from the Perspective of Transitioning Young Adults. In *Constructing Adulthood: Agency and Subjectivity in Adolescence and Adulthood*. Ross MacMillan, Ed. Amsterdam: Elsevier.
- Hasanzadeh, R., Beydokhti, A., & Zadeh, D. (2012). The Prevalence of Internet Addiction Among University Students: A General or Specific Problem?. *Journal of Basic and Applied Scientific Research*, 2(5), 5264-5271.
- Haslam, S. A., & McGarty, C. (2003). *Research Methods and Statistics in Psychology*. London: Sage Publications.
- Hawi, N. S. (2013). Arabic Validation of the Internet Addiction Test. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 16(3), 200-204. doi: 10.1089/cyber.2012.0426
- Hinić, D., Mihajlović, G., & Đukić-Dejanović, S. (2010). ‘Internet Addiction’ In Relation to Cognitive or Somatic Depression. *Journal of Cognitive and Behavioral Psychotherapies*, 10(2), 187-197.

- Hinton, P., Brownlow, C., McMurray, I., & Cozens, B. (2004). *SPSS Explained*. East Sussex: Routledge.
- Hurlock, E. B. (1979). *Desenvolvimento do Adolescente*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil.
- Instituto Nacional de Estatística (INE). (2011). *Sociedade da Informação e do Conhecimento, Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. Retirado de http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=107940220&DESTAQUESmodo=2
- Internet World Stats (IWS). (2012). *World Internet Usage and Population Statistics*. Retirado de <http://www.internetworldstats.com/stats.htm>
- Jelenchick, L. A., Becker, T., & Moreno, M. A. (2012). Assessing the Psychometric Properties of the Internet Addiction Test (IAT) in US College Students. *Psychiatry Research*, *196*(2), 296-301. doi: 10.1016/j.psychres.2011.09.007
- Jenaabadi, H., & Keikhayfarzaneh, M. M. (2011). Relationship Between Internet Using Mental Health of Internet Users. *International Journal of Scientific & Engineering Research*, *2*(9), 1-5.
- Johansson, A., & Götestam, K. G. (2004). Internet Addiction: Characteristics of a Questionnaire and Prevalence in Norwegian Youth (12-18 years). *Scandinavian Journal of Psychology*, *45*(3), 223-229. doi: 10.1111/j.1467-9450.2004.00398.x
- Kandell, J. J. (1998). Internet Addiction on Campus: The Vulnerability of College Students. *CyberPsychology & Behavior*, *1*(1), 11-17.
- Karaiskos, D., Tzavellas, E., Balta, G., Paparrigopoulos, T. (2010). P02-232 - Social Network Addiction: A New Clinical Disorder?. *European Psychiatry*, *25*(1), 855. doi: 10.1016/S0924-9338(10)70846-4
- Kesici, S., & Sahin, I. (2010). Turkish Adaptation Study of Internet Addiction Scale. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, *13*(2), 185-189. doi: 10.1089/cyber.2009.0067
- Khazaal, Y., Billieux, J., Thorens, G., Khan, R., Louati, Y., Scarlatti, E., Theintz, F., Lederrey, J., Linden, M., & Zullino, D. (2008). French Validation of the Internet Addiction Test. *CyberPsychology & Behavior*, *11*(6), 703-706. doi: 10.1089/cpb.2007.0249

- Kline, R. (2011). *Principles and Practice of Structural Equation Modeling (3rd Ed.)*. New York: Guilford Press.
- Ko, C-H., Yen, J-Y., Chen, C-C., Chen, S-H., Wu, K., & Yen, C-F. (2006). Tridimensional Personality of Adolescents With Internet Addiction and Substance Use Experience. *Canadian Journal of Psychiatry, 51(14)*, 887-894.
- Ko, C-H., Yen, J-Y., Chen, C-C., Chen, S-H., & Yen, C-F. (2005). Proposed Diagnostic Criteria of Internet Addiction for Adolescents. *The Journal of Nervous and Mental Disease, 193(11)*, 728-733. doi: 10.1097/01.nmd.0000185891.13719.54
- Ko, C-H., Yen, C-F., Yen, C-N., Yen, J-Y., Chen, C-C., & Chen, S-H. (2005). Screening for Internet Addiction: An Empirical Study on Cut-off Points for the Chen Internet Addiction Scale. *The Kaohsiung Journal of Medical Sciences, 21(12)*, 545-551. doi: 10.1016/S1607-551X(09)70206-2
- Kraut, R., Patterson, M., Lundmark, V., Kiesler, S., Mukopadhyay, T., & Scherlis, W. (1998). Internet Paradox: A Social Technology That Reduces Social Involvement and Psychological Well-Being?. *American Psychologist, 53(9)*, 1017-1031.
- Kuss, D. J., & Griffiths, M. D. (2011). Excessive Online Social Networking: Can Adolescents Become Addicted to Facebook?. *Education and Health, 29(4)*, 68-71.
- Kwon, J-H. (2011). Toward The Prevention of Adolescent Internet Addiction. In K. Young & C. Abreu (Eds.), *Internet Addiction: A Handbook and Guide to Evaluation and Treatment* (pp. 223-243). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Lam, L. T., & Peng, Z-W. (2010). Effect of Pathological Use of the Internet on Adolescent Mental Health: A Prospective Study. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine, 9*, 901-916. doi: 10.1001/archpediatrics.2010.159
- Lam, L. T., Peng, Z-W., Mai, J-C., & Jing, J. (2009). Factors Associated with Internet Addiction Among Adolescents. *CyberPsychology & Behavior, 12(5)*, 551-555. doi: 10.1089=cbp.2009.0036
- Latorre, J., & Montañés, J. (2004). Ansiedad, Inteligencia Emocional y Salud en la Adolescencia. *Ansiedad y Estrés, 10(1)*, 111-125.
- Law, S. P. M., & Chang, M. K. (2008). Factor Structure for Internet Addiction Test: A Confirmatory Approach. *Computers in Human Behavior, 24(6)*, 2597-2619. doi: 10.1016/j.chb.2008.03.001

- Levinson, D. (1977). *The Seasons of a Man's Life*. New York: Albert A. Knopf.
- Liberatore, K. A., Rosario, K., Martí, L. N. C-D., & Martínez, K. G. (2011). Prevalence of Internet Addiction in Latino Adolescents with Psychiatric Diagnosis. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking, 14(6)*, 399-402. doi: 10.1089/cyber.2010.0252
- Liu, T., & Potenza, M. N. (2007). Problematic Internet Use: Clinical Implications. *CNS Spectrums, 12(6)*, 453-466.
- Lin, M-P., Ko, H-C., & Wu, J. Y-W. (2011). Prevalence and Psychosocial Risk Factors Associated with Internet Addiction in a Nationally Representative Sample of College Students in Taiwan. *Behavior, and Social Networking, 14(2)*, 741-746.
- Lin, S., & Tsai, C-C. (2002). Sensation Seeking and Internet Dependence of Taiwanese High School Adolescents. *Computers in Human Behavior, 18(4)*, 411-426. doi: 10.1016/S0747-5632(01)00056-5
- Lu, H-Y. (2008). Sensation-Seeking, Internet Dependency, and Online Interpersonal Deception. *CyberPsychology & Behavior, 11(2)*, 227-231. doi: 10.1089/cpb.2007.0053
- Lu, D., Wang, J., Huang, A. (2010). Differentiation of Internet Addiction Risk Level Based on Autonomic Nervous Responses: The Internet-Addiction Hypothesis of Autonomic Activity. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking, 13(4)*, 371-378. doi: 10.1089/cyber.2009.0254
- Marcelli, D. (2002). *Os Estados Depressivos na Adolescência*. Lisboa: Climepsi.
- Maroco, J. (2011). *Análise Estatística com o SPSS Statistics (5ª Ed.)*. Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- McMurrin, M. (1994). *The Psychology of Addiction*. London: Taylor & Francis.
- Milani, L., Osualdella, D., & Blasio, P. (2009). Quality of Interpersonal Relationships and Problematic Internet Use in Adolescence. *CyberPsychology & Behavior, 12(6)*, 681-684.
- Morrison, C. M., & Gore, H. (2010). The Relationship Between Excessive Internet Use and Depression: A Questionnaire-Based Study of 1,319 Young People and Adults. *Psychopathology, 43*, 121-126. Doi: 10.1159/000277001
- Moss, A. C., & Dyer, K. R. (2010). *Psychology of Addictive Behaviour*. London: Palgrave MacMillan.

- Nalwa, K., & Anand, A. P. (2003). Internet Addiction in Students: A Cause of Concern. *CyberPsychology & Behavior*, 6(6), 653-656. doi: 10.1089/109493103322725441
- Nazir, S. H. (2013). Arabic Validation of the Internet Addiction Test. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 16(3), 200-204. doi: 10.1089/cyber.2012.0426
- Ni, X., Yan, H., Chen, S., & Liu, Z. (2009). Factors Influencing Internet Addiction in a Sample of Freshmen University Students in China. *CyberPsychology & Behavior*, 12(3), 327-330. doi: 10.1089=cpb.2008.0321
- O'Reilly, M. (1996). Internet Addiction: A New Disorder Enters The Medical Lexicon. *Canadian Medical Association Journal*, 154(12), 1882-1883.
- Panayides, P., & Walker, M. K. (2012). Evaluation of the Psychometric Properties of the Internet Addiction Test (IAT) in a Sample of Cypriot High School Students: The Rasch Measurement Perspective. *Europe's Journal of Psychology*, 8(3), 327-351. doi: 10.5964/ejop.v8i3.474
- Papalia, D. E., & Olds, S. W. (1995). *Human Development (6th Ed)*. New York: McGraw-Hill, Inc.
- Patrão, I., Rita, J., & Pontes, H. (2013). Internet Addiction And Loneliness Among Portuguese Elementary School Students: An Exploratory Quantitative Study [Abstract]. *Atenção Primaria*, 45, 160.
- Pawlikowski, M., Altstötter-Gleich, & Brand, M. (2013). Validation and Psychometric Properties of a Short Version of Young's Internet Addiction Test. *Computers in Human Behavior*, 29, 1212-1223. doi 10.1016/j.chb.2012.10.014
- Peng, Y., & Zhou, S-J. (2009). Regressive Analysis of Social Risk Factors of Internet Addiction in Adolescents. *Chinese Journal of Clinical Psychology*, 17(4), 649-651.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2008). *Análise de Dados para Ciências Sociais: A Complementaridade do SPSS (5ª Ed.)*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Pezoa-Jares, R., Espinoza-Luna, I., & Vasquez-Medina, J. (2012). Internet Addiction: A Review. *Journal of Addiction Research & Therapy*, S6(004). doi: 10.4172/2155-6105.S6-004
- Ponciano, E., Cardoso, I., & Pereira, A. (2004). Adaptação de uma Versão Experimental em Língua Portuguesa do Beck Depression Inventory – Second Edition (BDI-II) em

- Estudantes do Ensino Superior. In. A. Pereira e D. Motta (Eds.). *Ação Social e Aconselhamento Psicológico no Ensino Superior e Intervenção*. Coimbra: Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra (pp. 329-337).
- Ré, A. (2011). Crescimento, Maturação e Desenvolvimento na Infância e Adolescência: Implicações para o Esporte. *Motricidade*, 7(3), 55-67.
- Regier, D. A., Era, D. S., Narrow, W. E., Kaelber, C. T., & Schatzberg, A. F. (1998). Prevalence of Anxiety Disorders and their Comorbidity with Mood and Addictive Disorders. *British Journal of Psychiatry*, 173(34), 24-28.
- Ribeiro, J. L. P. (2007). *Metodologia de Investigação em Psicologia e Saúde*. Porto: Legis Editora/Livpsic.
- Rutter, M. (1996). Transitions and Turning Points in Developmental Psychopathology: As Applied to the Age Span Between Childhood and Midadulthood. *International Journal of Behavioral Development*, 19(3), 603-626. doi:10.1080/016502596385712.
- Shapira, N. A., Lessig, M. C., Goldsmith, T. D., Szabo, S., Lazoritz, M., Gold, M. S., & Stein, D. J. (2003). Problematic Internet Use: Proposed Classification and Diagnostic Criteria. *Depression & Anxiety*, 17(4), 207-216. doi: 10.1002/da.10094
- Sherer, K. (1997). College Life Online: Healthy and Unhealthy Internet Use. *Journal of College Student Development*, 38(6), 655-665.
- Shotton, M. A. (1989). *Computer Addiction? A Study of Computer Dependency*. London: Taylor & Francis, Inc.
- Shotton, M. A. (1991). The Costs and Benefits of “Computer Addiction”. *Behaviour & Information Technology*, 10, 219-230.
- Simkova, B., & Cincera, J. (2004). Internet Addiction Disorder and Chatting in the Czech Republic. *CyberPsychology & Behavior*, 7(5), 536-539.
- Siomos, K. E., Dafouli, E. D., Braimiotis, D. A., Mouzas, O. D., & Angelopoulos, N. V. (2008). Internet Addiction Among Greek Adolescent Students. *CyberPsychology & Behavior*, 11(6), 653-657.
- Smahel, D., Brown, B., & Blinka, L. (2012). Associations Between Online Friendship and Internet Addiction Among Adolescents and Emerging Adults. *Developmental Psychology*, 48(2), 381-388. doi: 10.1037/a0027025

- Smahel, D., Helsper, E., Green, L., Kalmus, V., Blinka, L., & Ólafsson, K. (2012). *Excessive Internet Use Among European Children*. Retirado de <http://www2.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/EU%20Kids%20III/Reports/ExcessiveUse.pdf>
- Tang, Z-H., & Zhou, S-J. (2009). Psychological Risk Factors of the Youth with Internet Addiction. *Chinese Journal of Clinical Psychology, 17(1)*, 51-54.
- Tonioni, F., D'Alessandris, L., Lai, C., Martinelli, D., Corvino, S., Vasale, M., Fanella, F., Aceto, P., & Bria, P. (2012). Internet Addiction: Hours Spent Online, Behaviors and Psychological Symptoms. *General Hospital Psychiatry, 34*, 80-87. doi: 10.1016/j.genhosppsych.2011.09.013
- Tsai, C. C., & Lin, S. S. (2001). Analysis of Attitudes Toward Computer Networks and Internet Addiction of Taiwanese Adolescents. *CyberPsychology & Behavior, 4(3)*, 373-376.
- Tsai, H., Cheng, S., Yeh, T., Shih, C-C., Chen, K., Yang, Y., & Yang, Y. (2009). The Risk Factors of Internet Addiction: A Survey of University Freshmen. *Psychiatry Research, 167(3)*, 294-299.
- Walker, J. T. (1999). *Statistics in Criminal Justice: Analysis and Interpretation*. Maryland: Aspen Publishers, Inc.
- Wang, W. (2001). Internet Dependency and Psychosocial Maturity Among College Students. *International Journal of Human-Computer Studies, 55(6)*, 919-938.
- Wang, H., Zhou, X., Lu, C., Wu, J., Deng, X., & Hong, L. (2011). Problematic Internet Use in High School Students in Guangdong Province, China. *Plos ONE, 6(5)*, 1-8. doi:10.1371/journal.pone.0019660
- Whang, L. S-M., Lee, S., & Chang, G. (2003). Internet Over-User's Psychological Profiles: A behavior Sampling Analysis on Internet Addiction. *CyberPsychology & Behavior, 6(2)*, 143-150.
- Widyanto, L., & Griffiths, M. D. (2006). "Internet Addiction": A Critical Review. *International Journal of Mental Health and Addiction, 4*, 31-51. doi: 10.1007/s11469-006-9009-9
- Widyanto, L., Griffiths, M. D., & Brunsten, W. (2011). A Psychometric Comparison of the Internet Addiction Test the Internet-Related Problem Scale, and Self-Diagnosis. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking, 14(3)*, 141-149. doi: 10.1089/cyber.2010.0151

- Widyanto, L., & McMurrin, M. (2004). The Psychometric Properties of the Internet Addiction Test. *CyberPsychology & Behavior, 7*(4), 443-450.
- Yang, S. C., & Tung, C-J. (2007). Comparison of Internet Addicts and Non-Addicts in Taiwanese High School. *Computers in Human Behavior, 23*, 79-96.
- Yen, C-F., Ko, C-H., Yen, J-Y., Chang, Y-P., & Cheng, C-P. (2009). Multi-dimensional Discriminative Factors for Internet Addiction Among Adolescents Regarding Gender and Age. *Psychiatry and Clinical Neurosciences, 63*, 357-364. doi: 10.1111/j.1440-1819.2009.01969.x
- Yen, J-Y., Ko, C-H., Yen, C-F., Chen, S-H., Chung, W-L., & Chen, C-C. (2008). Psychiatric Symptoms in Adolescents with Internet Addiction: Comparison with Substance Use. *Psychiatry and Clinical Neurosciences, 62*, 9-16. doi: 10.1111/j.1440-1819.2007.01770.x
- Yen, J-Y., Yen, C-F., Chen, C-C., Chen, S-H., & Ko, C-H. (2007). Family Factors of Internet Addiction and Substance Use Experience in Taiwanese Adolescents. *CyberPsychology & Behavior, 10*(3), 323-329. doi: 10.1089/cbp.2006.9948
- Yip, S. W., & Potenza, M. N. (1994). Understanding "Behavioral Addictions:" Insights from Research. In R. Ries, D. Fiellin, S. Miller, & R. Saitz (Eds.), *Principles of Addiction Medicine (4th ed)* (pp. 45-61). Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins.
- Yoo, H. K., Churl, S., Ha, J., Yune, S. K., Kim, S. J., Hwang, J., Chung, A., Sung, Y. H., & Lyoo, I. K. (2004). Attention Deficit Hyperactivity Symptoms and Internet Addiction. *Psychiatry and Clinical Neurosciences, 58*, 487-494.
- Young, K. S. (1996). Internet Addiction: The Emergence of a New Clinical Disorder. *CyberPsychology & Behavior, 1*(3), 237-244. doi: 10.1089/cpb.1998.1.237
- Young, K. S. (1998). *Caught in The Net*. New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Young, K. S. (2004). Internet Addiction: A New Clinical Phenomenon and Its Consequences. *American Behavioral Scientist, 48*(4), 402-415.
- Young, K. S. (2011). Clinical Assessment of Internet-Addicted Clients. In K. Young & C. Abreu (Eds.), *Internet Addiction: A Handbook and Guide to Evaluation and Treatment* (pp. 19-34). New Jersey: John Wiley & Sons.

- Young, K. S., Cooper, A. L., Griffiths-Shelley, E., O'Mara, J., & Buchanan, J. (2000). Cybersex and Infidelity Online: Implications for Evaluation and Treatment. *Sexual Addiction and Compulsivity, 7(10)*, 59-74.
- Young, K. S., Klausning, P. (2007). *Breaking Free of the Web: Catholics and Internet Addiction*. Cincinnati: St. Anthony Messenger Press.
- Young, K. S., Pistner, M., O'Mara, J., & Buchanan, J. (2000). Cyber-Disorders: The Mental Health Concern for the New Millennium. *CyberPsychology & Behavior, 3(5)*, 475-479. doi: 10.1089/cpb.1999.2.475
- Young, K. S., & Rodgers, R. C. (1998). The Relationship Between Depression and Internet Addiction. *CyberPsychology & Behavior, 1(1)*, 25-28.
- Young, K. S., Yue, X. D., & Ying, L. (2011). Prevalence Estimates and Etiologic Models of Internet Addiction. In K. Young & C. Abreu (Eds.), *Internet Addiction: A Handbook and Guide to Evaluation and Treatment* (pp. 3-17). New Jersey: John Wiley & Sons.

VII) Anexos

Anexo A1: Instrumentos Finais



LSPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Estudo Sobre os Comportamentos Online dos Jovens

Projecto de investigação inserido no âmbito da conclusão do Mestrado em Psicologia Clínica

Desde já obrigado por participares neste importante estudo! Antes de começares a responder: 1) *lê com atenção as instruções*; 2) *não te esqueças de responder a todas as perguntas*.

Obrigado!

Questionário Sócio Demográfico

Qual a tua nacionalidade?

- Portuguesa Portuguesa e Outra Outras Nacionalidades

Sexo

- Masculino Feminino

Estado Civil

- Sou solteiro(a) Estou a namorar Sou casado(a)
 Sou divorciado(a) Sou viúvo(a)

Idade

_____ anos.

Praticas ou possuis algum *hobbie*? Se sim, especifica qual:

Em que ano estás?

- 10º Ano (Secundário) 11º Ano (Secundário) 12º Ano (Secundário)
 1º Ano (Universidade) 2º Ano (Universidade) 3º Ano (Universidade)
 4º Ano (Universidade) 5º Ano (Universidade)

Caso estejas na universidade, qual é o curso que frequentas?

Qual o teu distrito de residência?

- Aveiro Açores Beja Braga Bragança
 Castelo Branco Coimbra Évora Faro Guarda
 Leiria Lisboa Madeira Portalegre Porto
 Santarém Setúbal Viana do Castelo Vila Real Viseu

BDI-II

(Beck, 1996, versão portuguesa Ponciano et al., 2004)

INSTRUÇÕES

Este questionário é constituído por 21 grupos de afirmações. Leia cuidadosamente cada grupo e escolha a frase, **apenas uma frase**, em cada grupo que melhor descreve a maneira como se tem sentido nas **últimas duas semanas, incluindo hoje**. Faça um círculo em torno do algarismo junto da afirmação que escolheu. Se várias afirmações, no mesmo grupo, lhe parecem igualmente adequadas assinale o algarismo mais elevado para esse grupo. Verifique se só respondeu a uma afirmação em cada grupo, incluindo o grupo 16 (Alterações do Padrão do Sono) ou o grupo 18 (Alterações do Apetite).

1. **Tristeza**

- 0 Não me sinto triste.
- 1 Sinto-me triste a maior parte do tempo.
- 2 Estou sempre triste.
- 3 Estou tão triste ou infeliz que não consigo suportar.

2. **Pessimismo**

- 0 Não estou desanimado(a) quanto ao futuro.
- 1 Sinto-me mais desanimado(a) quanto ao futuro do que habitualmente.
- 2 Não tenho esperança que as coisas se resolvam para mim.
- 3 Não tenho esperança no meu futuro e penso que só pode piorar.

3. **Fracasso**

- 0 Não me sinto um fracasso.
- 1 Falhei mais do que devia.
- 2 Quando olho para trás o que vejo é um monte de fracassos.
- 3 Acho que, como pessoa, sou um fracasso total.

4. **Perda de Prazer**

- 0 Tiro prazer das coisas de que gosto como sempre tirei.
- 1 Não tiro prazer das coisas como costumava tirar.
- 2 Tiro muito pouco prazer das coisas de que costumava gostar.
- 3 Não consigo tirar nenhum prazer das coisas de que costumava gostar.

5. **Sentimentos de Culpa**

- 0 Não me sinto particularmente culpado(a).
- 1 Sinto-me culpado(a) por muitas coisas que fiz ou que deveria ter feito.
- 2 Sinto-me culpado(a) na maior parte do tempo.
- 3 Sinto-me permanentemente culpado(a).

6. **Sentimentos de Punição**

- 0 Não acho que esteja a ser punido(a).
- 1 Acho que posso ser punido(a).
- 2 Estou à espera de ser punido(a).
- 3 Acho que estou a ser punido(a).

7. **Auto-Depreciação**

- 0 Sinto o que sempre senti em relação a mim mesmo.
- 1 Perdi a confiança em mim mesmo.
- 2 Estou decepcionado(a) comigo mesmo.
- 3 Não gosto de mim.

8. **Auto-Crítica**

- 0 Não me critico ou culpo mais do que o habitual.
- 1 Sou mais crítico(a) comigo do que costumava ser.
- 2 Critico-me por todas as minhas faltas.
- 3 Culpo-me por tudo o que de mal me acontece.

9. **Pensamentos ou Desejos Suicidas**

- 0 Não tenho quaisquer ideias de me matar.
- 1 Tenho ideias de me matar, mas não as executaria.
- 2 Gostaria de me matar.
- 3 Matava-me se tivesse oportunidade

10. **Choro**

- 0 Não choro mais do que o costume.
- 1 Choro mais do que costumava.
- 2 Choro por pequenas coisas.
- 3 Sinto vontade de chorar mas não consigo.

11. **Agitação**

- 0 Não estou mais inquieto(a) ou agitado(a) do que o costume.
- 1 Sinto-me mais inquieto(a) do que o costume.
- 2 Estou tão inquieto(a) ou agitado(a) que é difícil manter-me quieto.
- 3 Estou tão inquieto(a) ou agitado(a) que tenho de estar constantemente a mexer-me ou a fazer alguma coisa.

12. **Perda de Interesse**

- 0 Não perdi o interesse por outras pessoas ou actividades.
- 1 Estou menos interessado(a) noutras pessoas ou coisas do que costumava estar.
- 2 Perdi a maior parte do interesse por outras pessoas ou coisas.
- 3 É difícil interessar-me por qualquer coisa.

13. Incapacidade de Decidir

- 0 Tomo decisões tão bem como sempre.
- 1 Acho mais difícil tomar decisões do que o costume.
- 2 Tenho muito mais dificuldade em tomar decisões do que costumava ter.
- 3 Tenho dificuldade em tomar qualquer decisão.

14. Falta de valor pessoal

- 0 Sinto que não sou um inútil.
- 1 Não me considero tão valioso(a) como antes.
- 2 Sinto-me inútil quando me comparo com outras pessoas.
- 3 Sinto-me completamente inútil.

15. Perda de energia

- 0 Tenho tanta energia como sempre tive.
- 1 Tenho menos energia do que costumava ter.
- 2 Não tenho energia suficiente para fazer grande coisa.
- 3 Não tenho energia suficiente para fazer qualquer coisa, seja o que for.

16. Alterações do Padrão do Sono

- 0 Não sofri nenhuma alteração do meu padrão de sono.
- 1a Durmo um pouco mais que o habitual.
- 1b Durmo um pouco menos que o habitual.
- 2a Durmo bastante menos que o habitual.
- 2b Durmo bastante mais que o habitual.
- 3a Durmo a maior parte do dia.
- 3b Acordo 1 a 2 horas mais cedo e não consigo voltar a adormecer.

17. Irritabilidade

- 0 Não ando mais irritável do que o costume.
- 1 Ando mais irritável do que o costume.
- 2 Ando muito mais irritável do que o costume.
- 3 Ando permanentemente irritável.

18. Alterações do Apetite

- 0 Não notei nenhuma mudança no meu apetite.
- 1a Tenho um pouco menos de apetite do que o costume.
- 1b Tenho um pouco mais de apetite do que o costume.
- 2a Tenho muito menos apetite do que antes.
- 2b Tenho muito mais apetite do que antes.
- 3a Não tenho apetite nenhum.
- 3b Tenho um desejo constante de comer.

19. Dificuldade de Concentração

- 0 Consigo concentrar-me tão bem como sempre.
- 1 Não consigo concentrar-me tão bem como de costume.
- 2 É difícil manter a minha atenção, nalguma coisa, por muito tempo.
- 3 Noto que não me consigo concentrar em nada.

20. Cansaço ou Fadiga

- 0 Não estou mais cansado ou fatigado do que o costume.
- 1 Canso-me ou fatigo-me mais do que o costume.
- 2 Estou demasiado cansado ou fatigado para fazer muitas das coisas que costumava fazer.
- 3 Estou demasiado cansado ou fatigado para fazer a maior parte das coisas que costumava fazer.

21. Perda de interesse em Sexo

- 0 Não notei qualquer mudança recente no meu interesse por sexo.
- 1 Estou menos interessado(a) por sexo do que costumava.
- 2 Estou muito menos interessado(a) por sexo, agora.
- 3 Perdi completamente o interesse por sexo

IAT

(Young, 1998)

As perguntas que se seguirão, irão avaliar alguns dos teus hábitos em relação ao uso do computador, mais concretamente da Internet. Por isso, ao responder às perguntas debes ter em consideração **SOMENTE** o tempo que passas online por **MOTIVOS RECREACIONAIS** ou **DIVERSÃO**, e não o tempo gasto na Internet com trabalhos escolares ou laborais.

0	=	Não Aplicável
1	=	Nunca
2	=	Raramente
3	=	Ocasionalmente
4	=	Várias vezes
5	=	Sempre

1. Com que frequência ficas online mais tempo do que pretendias?

0 1 2 3 4 5

2. Com que frequência deixas de fazer as tarefas em casa para poderes ficar mais tempo online?

0 1 2 3 4 5

3. Com que frequência preferes a excitação da Internet à intimidade com o teu(tua) namorado(a)?

0 1 2 3 4 5

4. Com que frequência crias novas relações com outros utilizadores online?

0 1 2 3 4 5

5. Com que frequência as outras pessoas se queixam em relação à quantidade de tempo que passas online?

0 1 2 3 4 5

6. Com que frequência as tuas notas ou trabalhos escolares são prejudicados devido à quantidade de tempo que passas online?

0 1 2 3 4 5

7. Com que frequência verificas o teu e-mail ou sites como o facebook ou twitter antes de fazeres qualquer outra coisa que precisas?

0 1 2 3 4 5

8. Com que frequência o teu desempenho ou produtividade no trabalho são prejudicados por causa da Internet?

0 1 2 3 4 5

9. Com que frequência te tornas defensivo(a) ou guardas segredo quando alguém te pergunta o que estás a fazer online?

0 1 2 3 4 5

10. Com que frequência bloqueias pensamentos perturbadores sobre a tua vida com pensamentos calmantes da Internet?

0 1 2 3 4 5

11. Com que frequência dás por ti a pensar sobre quando irás estar online novamente?

0 1 2 3 4 5

12. Com que frequência receias que a vida sem Internet seria chata, vazia e sem graça?

0 1 2 3 4 5

13. Com que frequência é que explodes, gritas ou ficas irritado(a) quando alguém te incomoda quando estás online?

0 1 2 3 4 5

14. Com que frequência perdes o sono por estares online até tarde durante a noite?

0 1 2 3 4 5

15. Com que frequência te sentes preocupado(a) com a Internet quando estás desconectado ou fantasias estar online?

0 1 2 3 4 5

16. Com que frequência dás por ti a dizer “só mais alguns minutos” quando estás online?

0 1 2 3 4 5

17. Com que frequência tentas reduzir a quantidade de tempo que passas online e não consegues?

0 1 2 3 4 5

18. Com que frequência tentas esconder a quantidade de tempo que passaste online?

0 1 2 3 4 5

19. Com que frequência preferes ficar mais tempo online do que ir sair com outras pessoas?

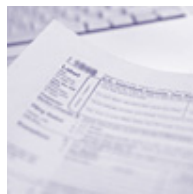
0 1 2 3 4 5

20. Com que frequência é que te sentes deprimido(a), mal-humorado(a) ou nervoso(a) quando estás desconectado(a) e, deixas de estar assim quando entras online novamente?

0 1 2 3 4 5

Obrigado pela participação!

Anexo A2: Autorização Inquérito em Meio Escolar (DGE)



Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar

[Início](#) » [Consultar inquéritos](#) » **Ficha de inquérito**

Identificação da Entidade / Interlocutor

Nome da entidade:

Halley de Oliveira Miguel Pontes

Nome do Interlocutor:

Halley de Oliveira Miguel Pontes

E-mail do interlocutor:

halleypontes@gmail.com

Halley de Oliveira Miguel Pontes

Sair

Área reservada

- Dados da entidade
- Consultar inquéritos
- Registrar inquérito
- Instruções

- Início
- Pesquisar inquéritos

Dados do Inquérito

Número de registo:

034280001

Designação:

Estudo Sobre os Hábitos Online e Características da Personalidade dos Adolescentes e Estudantes Universitários

Descrição:

O estudo em causa, será realizado por um aluno do 5º Ano do Curso de Psicologia Clínica do Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA), sob a orientação da Drª Ivone Patrão. Através deste estudo, ir-se-á elaborar uma tese para a obtenção do grau de mestre na área supracitada. Para tal, ir-se-á utilizar dois instrumentos psicométricos de recolha de dados (anónima): O Inventário de Depressão de Beck - II (Beck 1996) adaptado para a população portuguesa, e, o Teste de Dependência à Internet que será adaptado à população mediante a conclusão do estudo. Por fim, também iremos proceder ao levantamento sócio-demográfico dos participantes através das seguintes questões: nacionalidade; sexo; idade; ano (escolar) que frequenta; distrito de residência.

Objectivos:

O objectivo deste estudo são dois: 1) validar para Portugal um instrumento de mensuração e diagnóstico da dependência à internet, estudo não existe até o momento; 2) perceber a nível teórico-prático em que medida os participantes (adolescentes do ensino secundário e estudantes universitários) com elevados níveis de dependência à internet apresentam elevados indicadores da sintomatologia depressiva (não se irá diagnosticar depressão, apenas medir a severidade da mesma).

Periodicidade:

Data do início do período de recolha de dados:

15-10-2012

Data do fim do período de recolha de dados:

15-10-2013

Universo:

Lisboa

Unidade de observação:

Escola Secundária Dom Pedro V e Qualquer Outra que for Autorizada.

Método de recolha de dados:

Entrega pessoal dos questionários em contexto escolar.

Inquérito registado no Sistema Estatístico Nacional:

Não

Inquérito aplicado pela entidade:

Sim

Instrumento de inquirição:

[03428_201210171717_Documento1.pdf](#) (PDF - 271,92 KB)

Nota metodológica:

Outros documentos:

[03428_201210162144_Documento3.pdf](#) (PDF - 425,39 KB)

Data de registo:

17-10-2012

Versão:

2 (2)

Dados adicionais

Estado:

Aprovado

Avaliação:

Exmo(a) Senhor(a) Dr(a)Halley de Oliveira Miguel Pontes
Venho por este meio informar que o pedido de realização de inquérito em meio escolar é autorizado uma vez que, submetido a análise, cumpre os requisitos de qualidade técnica e metodológica para tal devendo, no entanto, ter em atenção as observações aduzidas.
Com os melhores cumprimentos
José Vítor Pedroso
Diretor de Serviços
DSPE/ DGE

Observações:

a) A realização do Inquérito fica sujeita a autorização prévia da Direcção do Agrupamento/Escola.
b) Deverá ser obtida a autorização dos encarregados de educação dos alunos a inquirir com menos de 18 anos.
As autorizações assinadas pelos EE devem ficar em poder da Escola à qual pertencem os alunos.

Outras observações:

Sem observações.

[| Voltar](#) | [Versão 1](#) | [Versão 2](#) |

Anexo A2: Pedido de Autorização aos Alunos do Secundário

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o meu educando (nome) _____,
(nº) ____ da turma ____ do ____ ano, a responder a um questionário relativo a um estudo
do Centro de Saúde de Odivelas, sob o tema “Dependência à internet”. Esta iniciativa está
devidamente autorizada pela Direção Geral de Educação de Lisboa.

Odivelas, 09.04.13

O/A Diretor/a de Turma

O Encarregado de Educação

Anexo B1: Correlação Dependência à Internet e Sintomas Depressivos

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Score Total BDI	310	56,9%	235	43,1%	545	100,0%
IAT_ScoreTotal	310	56,9%	235	43,1%	545	100,0%

Tests of Normality

	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Score Total BDI	,102	310	,000	,911	310	,000
IAT_ScoreTotal	,099	310	,000	,941	310	,000

a. Lilliefors Significance Correction

Correlations

		IAT_ScoreTotal	Score Total BDI
Spearman's rho	Correlation Coefficient	1,000	,259**
	IAT_ScoreTotal Sig. (2-tailed)	.	,000
	N	310	310
Score Total BDI	Correlation Coefficient	,259**	1,000
	Sig. (2-tailed)	,000	.
	N	310	545

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Anexo B2: Teste da Normalidade Dependência à Internet e Sexo

Case Processing Summary

	Sexo	Cases					
		Valid		Missing		Total	
		N	Percent	N	Percent	N	Percent
Score total IAT	Masculino	161	100,0%	0	0,0%	161	100,0%
	Feminino	384	100,0%	0	0,0%	384	100,0%

Tests of Normality

	Sexo	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Score total IAT	Masculino	,060	161	,200	,989	161	,242
	Feminino	,110	384	,000	,958	384	,000

*. This is a lower bound of the true significance.

a. Lilliefors Significance Correction

Test of Homogeneity of Variance

		Levene			
		Statistic	df1	df2	Sig.
Score total IAT	Based on Mean	6,077	1	543	,014
	Based on Median	6,916	1	543	,009
	Based on Median and with adjusted df	6,916	1	542,689	,009
	Based on trimmed mean	6,552	1	543	,011

Anexo B3: Teste de Normalidade, Homogeneidade e Mann-Whitney U
Dependência à Internet e Tipo de Relacionamento

Case Processing Summary

1 = Está numa relação de Compromisso		Cases					
		Valid		Missing		Total	
		N	Percent	N	Percent	N	Percent
Score total IAT	Com Relação de Compromisso	223	100,0%	0	0,0%	223	100,0%
	Sem Relação de Compromisso	321	100,0%	0	0,0%	321	100,0%

Tests of Normality

1 = Está numa relação de Compromisso		Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Score total IAT	Com Relação de Compromisso	,090	223	,000	,971	223	,000
	Sem Relação de Compromisso	,094	321	,000	,973	321	,000

a. Lilliefors Significance Correction

Test of Homogeneity of Variance

		Levene	df1	df2	Sig.
		Statistic			
Score total IAT	Based on Mean	1,652	1	542	,199
	Based on Median	1,454	1	542	,228
	Based on Median and with adjusted df	1,454	1	541,994	,228
	Based on trimmed mean	1,682	1	542	,195

Estadística de Teste^a

Score total IAT	
Mann-Whitney U	31340,000
Wilcoxon W	56316,000
Z	-2,471
Asymp. Sig. (2-tailed)	,013

a. Grouping Variable: Tipo de Relacionamento

Anexo B4: Teste de Normalidade Dependência à Internet e Idade

Case Processing Summary

		Cases					
		Valid		Missing		Total	
	Valor da Idade em Anos	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Score total IAT	15	32	100,0%	0	0,0%	32	100,0%
	16	37	100,0%	0	0,0%	37	100,0%
	17	66	100,0%	0	0,0%	66	100,0%
	18	94	100,0%	0	0,0%	94	100,0%
	19	99	100,0%	0	0,0%	99	100,0%
	20	81	100,0%	0	0,0%	81	100,0%
	21	42	100,0%	0	0,0%	42	100,0%
	22	31	100,0%	0	0,0%	31	100,0%
	23	16	100,0%	0	0,0%	16	100,0%
	24	11	100,0%	0	0,0%	11	100,0%
	25	9	100,0%	0	0,0%	9	100,0%
	26	6	100,0%	0	0,0%	6	100,0%
	27	2	100,0%	0	0,0%	2	100,0%
	29	2	100,0%	0	0,0%	2	100,0%
	30	1	100,0%	0	0,0%	1	100,0%
	31	2	100,0%	0	0,0%	2	100,0%
	32	4	100,0%	0	0,0%	4	100,0%
	33	1	100,0%	0	0,0%	1	100,0%
	34	2	100,0%	0	0,0%	2	100,0%
	35	1	100,0%	0	0,0%	1	100,0%
38	2	100,0%	0	0,0%	2	100,0%	
39	4	100,0%	0	0,0%	4	100,0%	

Tests of Normality^{c,d,e}

	Valor da Idade em Anos	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Score total IAT	15	,072	32	,200*	,960	32	,274
	16	,137	37	,076	,953	37	,117
	17	,073	66	,200*	,980	66	,361
	18	,111	94	,006	,951	94	,002
	19	,095	99	,028	,984	99	,275
	20	,125	81	,003	,959	81	,011
	21	,147	42	,023	,919	42	,006
	22	,110	31	,200*	,972	31	,572
	23	,150	16	,200*	,941	16	,361
	24	,138	11	,200*	,964	11	,819
	25	,208	9	,200*	,942	9	,605
	26	,261	6	,200*	,780	6	,038
	27	,260	2	.			
	29	,260	2	.			
	31	,260	2	.			
	32	,231	4	.	,948	4	,701
	34	,260	2	.			
	38	,260	2	.			
	39	,215	4	.	,953	4	,735

*. This is a lower bound of the true significance.

a. Lilliefors Significance Correction

c. Score total IAT is constant when Valor da Idade em Anos = 30. It has been omitted.

d. Score total IAT is constant when Valor da Idade em Anos = 33. It has been omitted.

e. Score total IAT is constant when Valor da Idade em Anos = 35. It has been omitted.

**Anexo B5: Teste de Normalidade, Homogeneidade das Variâncias e
Kruskal-Wallis Dependência à Internet e Ano_Acadêmico**

Case Processing Summary

	Qual ano o participante encontra-se a frequentar?	Cases					
		Valid		Missing		Total	
		N	Percent	N	Percent	N	Percent
Score total IAT	10º Ano (Secundário)	68	100,0%	0	0,0%	68	100,0%
	11º Ano (Secundário)	46	100,0%	0	0,0%	46	100,0%
	12º Ano (Secundário)	102	100,0%	0	0,0%	102	100,0%
	1º Ano (Universidade)	103	100,0%	0	0,0%	103	100,0%
	2º Ano (Universidade)	93	100,0%	0	0,0%	93	100,0%
	3º Ano (Universidade)	94	100,0%	0	0,0%	94	100,0%
	4º Ano (Universidade)	16	100,0%	0	0,0%	16	100,0%
	5º Ano (Universidade)	23	100,0%	0	0,0%	23	100,0%

Tests of Normality

	Qual ano o participante encontra-se a frequentar?	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Score total IAT	10º Ano (Secundário)	,081	68	,200*	,979	68	,319
	11º Ano (Secundário)	,093	46	,200*	,969	46	,260
	12º Ano (Secundário)	,067	102	,200*	,984	102	,266
	1º Ano (Universidade)	,099	103	,014	,958	103	,002
	2º Ano (Universidade)	,177	93	,000	,946	93	,001
	3º Ano (Universidade)	,110	94	,007	,964	94	,012
	4º Ano (Universidade)	,153	16	,200*	,967	16	,788
	5º Ano (Universidade)	,213	23	,008	,903	23	,029

*. This is a lower bound of the true significance.

a. Lilliefors Significance Correction

Test of Homogeneity of Variance

		Levene			
		Statistic	df1	df2	Sig.
Score total IAT	Based on Mean	2,797	7	537	,007
	Based on Median	2,437	7	537	,018
	Based on Median and with adjusted df	2,437	7	517,963	,018
	Based on trimmed mean	2,775	7	537	,008

Estatísticas do Teste^{a,b}

Score total IAT	
Qui-Quadrado	61,113
df	7
Asymp. Sig.	,000

a. Teste de Kruskal Wallis

b. Grouping Variable: Qual ano o participante encontra-se a frequentar?

Anexo C: Estudo da Sensibilidade dos Items do IAT

Item 1 IAT

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	30	5,5	5,6	5,6
	Raramente	118	21,7	22,2	27,9
	Ocasionalmente	157	28,8	29,6	57,4
	Várias vezes	165	30,3	31,1	88,5
	Sempre	61	11,2	11,5	100,0
	Total	531	97,4	100,0	
Missing	Não aplicável	14	2,6		
Total		545	100,0		

Item 2 IAT

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	111	20,4	21,7	21,7
	Raramente	175	32,1	34,2	55,9
	Ocasionalmente	123	22,6	24,0	79,9
	Várias vezes	89	16,3	17,4	97,3
	Sempre	14	2,6	2,7	100,0
	Total	512	93,9	100,0	
Missing	Não aplicável	33	6,1		
Total		545	100,0		

Item 3 IAT

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	251	46,1	83,4	83,4
	Raramente	35	6,4	11,6	95,0
	Ocasionalmente	10	1,8	3,3	98,3
	Várias vezes	2	,4	,7	99,0
	Sempre	3	,6	1,0	100,0
	Total	301	55,2	100,0	
Missing	Não aplicável	244	44,8		
Total		545	100,0		

Item 4 IAT

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	181	33,2	38,5	38,5
	Raramente	173	31,7	36,8	75,3
	Ocasionalmente	75	13,8	16,0	91,3
	Várias vezes	34	6,2	7,2	98,5
	Sempre	7	1,3	1,5	100,0
	Total	470	86,2	100,0	
Missing	Não aplicável	75	13,8		
Total		545	100,0		

Item 5 IAT

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	211	38,7	43,1	43,1
	Raramente	123	22,6	25,2	68,3
	Ocasionalmente	78	14,3	16,0	84,3
	Várias vezes	48	8,8	9,8	94,1
	Sempre	29	5,3	5,9	100,0
	Total	489	89,7	100,0	
Missing	Não aplicável	56	10,3		
Total		545	100,0		

Item 6 IAT

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	227	41,7	46,8	46,8
	Raramente	137	25,1	28,2	75,1
	Ocasionalmente	70	12,8	14,4	89,5
	Várias vezes	33	6,1	6,8	96,3
	Sempre	18	3,3	3,7	100,0
	Total	485	89,0	100,0	
Missing	Não aplicável	60	11,0		
Total		545	100,0		

Item 7 IAT

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	32	5,9	6,0	6,0
	Raramente	76	13,9	14,2	20,1
	Ocasionalmente	111	20,4	20,7	40,8
	Várias vezes	147	27,0	27,4	68,2
	Sempre	171	31,4	31,8	100,0
	Total	537	98,5	100,0	
Missing	Não aplicável	8	1,5		
Total		545	100,0		

Item 8 IAT

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	190	34,9	37,8	37,8
	Raramente	167	30,6	33,2	71,0
	Ocasionalmente	96	17,6	19,1	90,1
	Várias vezes	39	7,2	7,8	97,8
	Sempre	11	2,0	2,2	100,0
	Total	503	92,3	100,0	
Missing	Não aplicável	42	7,7		
Total		545	100,0		

Item 9 IAT

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	221	40,6	46,9	46,9
	Raramente	129	23,7	27,4	74,3
	Ocasionalmente	72	13,2	15,3	89,6
	Várias vezes	35	6,4	7,4	97,0
	Sempre	14	2,6	3,0	100,0
	Total	471	86,4	100,0	
Missing	Não aplicável	74	13,6		
Total		545	100,0		

Item 10 IAT

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	214	39,3	46,9	46,9
	Raramente	111	20,4	24,3	71,3
	Ocasionalmente	78	14,3	17,1	88,4
	Várias vezes	43	7,9	9,4	97,8
	Sempre	10	1,8	2,2	100,0
	Total	456	83,7	100,0	
Missing	Não aplicável	89	16,3		
Total		545	100,0		

Item 11 IAT

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	253	46,4	55,2	55,2
	Raramente	133	24,4	29,0	84,3
	Ocasionalmente	45	8,3	9,8	94,1
	Várias vezes	22	4,0	4,8	98,9
	Sempre	5	,9	1,1	100,0
	Total	458	84,0	100,0	
Missing	Não aplicável	87	16,0		
Total		545	100,0		

Item 12 IAT

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	175	32,1	35,0	35,0
	Raramente	157	28,8	31,4	66,4
	Ocasionalmente	93	17,1	18,6	85,0
	Várias vezes	43	7,9	8,6	93,6
	Sempre	32	5,9	6,4	100,0
	Total	500	91,7	100,0	
Missing	Não aplicável	45	8,3		
Total		545	100,0		

Item 13 IAT

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	265	48,6	56,4	56,4
	Raramente	129	23,7	27,4	83,8
	Ocasionalmente	47	8,6	10,0	93,8
	Várias vezes	23	4,2	4,9	98,7
	Sempre	6	1,1	1,3	100,0
	Total	470	86,2	100,0	
Missing	Não aplicável	75	13,8		
Total		545	100,0		

Item 14 IAT

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	219	40,2	44,7	44,7
	Raramente	122	22,4	24,9	69,6
	Ocasionalmente	85	15,6	17,3	86,9
	Várias vezes	47	8,6	9,6	96,5
	Sempre	17	3,1	3,5	100,0
	Total	490	89,9	100,0	
Missing	Não aplicável	55	10,1		
Total		545	100,0		

Item 15 IAT

		Frequency	Valid Percent
Valid	Nunca	314	71,7
	Raramente	84	19,2
	Ocasionalmente	30	6,8
	Várias vezes	7	1,6
	Sempre	3	,7
	Total	438	100,0
Missing	Não aplicável	107	
Total		545	

Item 16 IAT

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	113	20,7	22,2	22,2
	Raramente	136	25,0	26,7	48,9
	Ocasionalmente	118	21,7	23,2	72,1
	Várias vezes	100	18,3	19,6	91,7
	Sempre	42	7,7	8,3	100,0
	Total	509	93,4	100,0	
Missing	Não aplicável	36	6,6		
Total		545	100,0		

Item 17 IAT

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	173	31,7	36,1	36,1
	Raramente	149	27,3	31,1	67,2
	Ocasionalmente	88	16,1	18,4	85,6
	Várias vezes	52	9,5	10,9	96,5
	Sempre	17	3,1	3,5	100,0
	Total	479	87,9	100,0	
Missing	Não aplicável	66	12,1		
Total		545	100,0		

Item 18 IAT

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	306	56,1	67,4	67,4
	Raramente	84	15,4	18,5	85,9
	Ocasionalmente	28	5,1	6,2	92,1
	Várias vezes	31	5,7	6,8	98,9
	Sempre	5	,9	1,1	100,0
	Total	454	83,3	100,0	
Missing	Não aplicável	91	16,7		
Total		545	100,0		

Item 19 IAT

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	284	52,1	66,0	66,0
	Raramente	86	15,8	20,0	86,0
	Ocasionalmente	40	7,3	9,3	95,3
	Várias vezes	17	3,1	4,0	99,3
	Sempre	3	,6	,7	100,0
	Total	430	78,9	100,0	
Missing	Não aplicável	115	21,1		
Total		545	100,0		

Item 20 IAT

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	313	57,4	71,5	71,5
	Raramente	78	14,3	17,8	89,3
	Ocasionalmente	27	5,0	6,2	95,4
	Várias vezes	17	3,1	3,9	99,3
	Sempre	3	,6	,7	100,0
	Total	438	80,4	100,0	
Missing	Não aplicável	107	19,6		
Total		545	100,0		

Anexo D1: Primeira Análise Factorial Exploratória

Correlation Matrix

	Item 1 IAT	Item 2 IAT	Item 4 IAT	Item 5 IAT	Item 6 IAT	Item 7 IAT	Item 8 IAT	Item 9 IAT	Item 10 IAT	Item 11 IAT	Item 12 IAT	Item 13 IAT	Item 14 IAT	Item 16 IAT	Item 17 IAT	Item 18 IAT	Item 19 IAT	Item 20 IAT
Correlation	1,000	,391	,284	,452	,389	,272	,418	,293	,245	,393	,334	,399	,446	,538	,524	,305	,242	,228
Item 2 IAT	,591	1,000	,196	,435	,478	,292	,510	,181	,243	,365	,268	,333	,468	,532	,494	,334	,276	,187
Item 4 IAT	,284	,196	1,000	,450	,235	,093	,215	,343	,307	,349	,351	,355	,218	,348	,295	,218	,212	,330
Item 5 IAT	,452	,435	,450	1,000	,457	,176	,428	,352	,337	,451	,390	,472	,350	,519	,477	,351	,358	,349
Item 6 IAT	,389	,478	,235	,457	1,000	,031	,738	,185	,314	,451	,263	,441	,404	,438	,448	,325	,203	,443
Item 7 IAT	,272	,292	,093	,176	,031	1,000	,167	,131	,134	,143	,161	,175	,136	,334	,255	,136	-.022	,020
Item 8 IAT	,418	,510	,215	,426	,738	,167	1,000	,206	,278	,397	,326	,420	,441	,456	,324	,458	,324	,324
Item 9 IAT	,253	,181	,343	,352	,185	,131	,206	1,000	,411	,303	,165	,372	,211	,352	,295	,378	,231	,231
Item 10 IAT	,245	,243	,307	,337	,314	,134	,278	,411	1,000	,457	,291	,349	,339	,367	,295	,316	,408	,408
Item 11 IAT	,393	,365	,349	,451	,451	,143	,397	,303	,457	1,000	,370	,415	,394	,496	,442	,445	,382	,382
Item 12 IAT	,334	,268	,351	,390	,263	,161	,236	,165	,291	,370	1,000	,415	,323	,365	,379	,315	,326	,326
Item 13 IAT	,339	,268	,355	,472	,441	,175	,420	,372	,349	,455	,415	1,000	,376	,442	,470	,425	,365	,451
Item 14 IAT	,446	,468	,348	,468	,404	,285	,441	,352	,367	,496	,365	,442	1,000	,573	,655	,442	,367	,399
Item 16 IAT	,538	,532	,169	,519	,438	,334	,456	,211	,339	,394	,323	,442	,573	1,000	,655	,442	,367	,399
Item 17 IAT	,524	,494	,295	,477	,448	,255	,458	,295	,295	,538	,379	,470	,495	,655	1,000	,539	,382	,427
Item 18 IAT	,305	,334	,218	,351	,335	,136	,349	,378	,316	,435	,315	,425	,495	,442	,539	1,000	,408	,380
Item 19 IAT	,242	,276	,212	,358	,303	-.022	,297	,231	,288	,445	,326	,365	,408	,367	,408	1,000	,445	,445
Item 20 IAT	,228	,187	,330	,349	,443	,020	,324	,179	,470	,553	,429	,451	,328	,399	,427	,445	1,000	,000
Sig. (1-tailed)		,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
Item 2 IAT																		
Item 4 IAT																		
Item 5 IAT																		
Item 6 IAT																		
Item 7 IAT																		
Item 8 IAT																		
Item 9 IAT																		
Item 10 IAT																		
Item 11 IAT																		
Item 12 IAT																		
Item 13 IAT																		
Item 14 IAT																		
Item 16 IAT																		
Item 17 IAT																		
Item 18 IAT																		
Item 19 IAT																		
Item 20 IAT																		

KMO and Bartlett's Test

Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.		,917
	Approx. Chi-Square	2262,234
Bartlett's Test of Sphericity	df	153
	Sig.	,000

Communalities

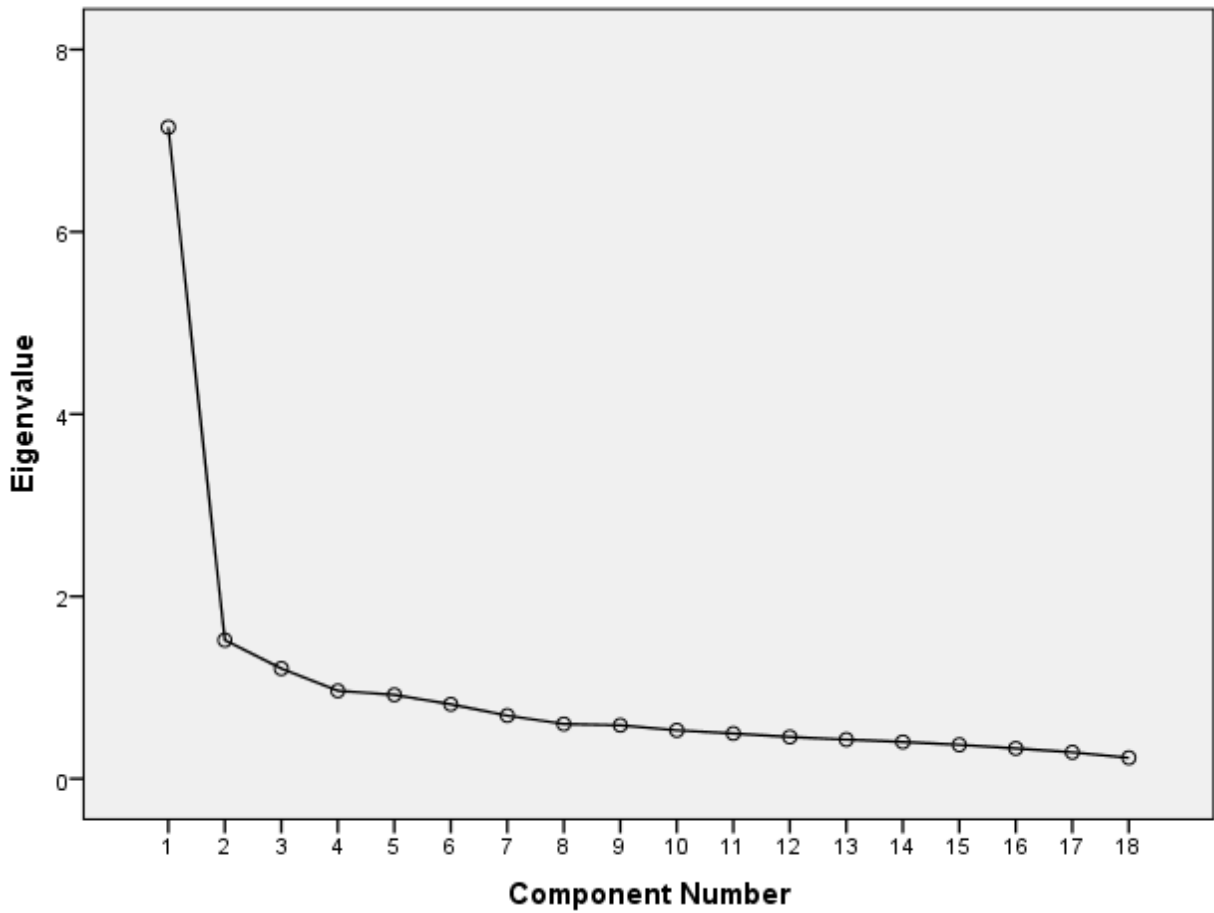
	Initial	Extraction
Item 1 IAT	1,000	,583
Item 2 IAT	1,000	,662
Item 4 IAT	1,000	,453
Item 5 IAT	1,000	,501
Item 6 IAT	1,000	,726
Item 7 IAT	1,000	,601
Item 8 IAT	1,000	,679
Item 9 IAT	1,000	,490
Item 10 IAT	1,000	,451
Item 11 IAT	1,000	,572
Item 12 IAT	1,000	,369
Item 13 IAT	1,000	,501
Item 14 IAT	1,000	,507
Item 16 IAT	1,000	,665
Item 17 IAT	1,000	,607
Item 18 IAT	1,000	,415
Item 19 IAT	1,000	,457
Item 20 IAT	1,000	,637

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	7,148	39,712	39,712	7,148	39,712	39,712	4,280	23,776	23,776
2	1,520	8,446	48,157	1,520	8,446	48,157	3,788	21,044	44,820
3	1,209	6,715	54,872	1,209	6,715	54,872	1,809	10,052	54,872
4	,964	5,356	60,228						
5	,921	5,114	65,343						
6	,817	4,538	69,880						
7	,692	3,846	73,727						
8	,601	3,337	77,064						
9	,586	3,255	80,319						
10	,530	2,947	83,266						
11	,496	2,754	86,020						
12	,459	2,547	88,567						
13	,429	2,385	90,952						
14	,404	2,245	93,197						
15	,372	2,066	95,263						
16	,333	1,850	97,113						
17	,290	1,611	98,723						
18	,230	1,277	100,000						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Scree Plot



Component Matrix^a

	Component		
	1	2	3
Item 16 IAT	,778		
Item 17 IAT	,767		
Item 11 IAT	,722		
Item 5 IAT	,701		
Item 13 IAT	,685		
Item 6 IAT	,675		-,511
Item 8 IAT	,667		
Item 14 IAT	,657		
Item 1 IAT	,652		
Item 2 IAT	,648		
Item 18 IAT	,633		
Item 20 IAT	,625		
Item 10 IAT	,563		

Item 12 IAT	,561		
Item 19 IAT	,558		
Item 4 IAT			
Item 9 IAT			
Item 7 IAT			,525

Extraction Method: Principal Component Analysis.

a. 3 components extracted.

Rotated Component Matrix^a			
	Component		
	1	2	3
Item 2 IAT	,805		
Item 1 IAT	,719		
Item 8 IAT	,687		
Item 16 IAT	,673		
Item 14 IAT	,657		
Item 17 IAT	,633		
Item 9 IAT		,674	
Item 4 IAT		,666	
Item 10 IAT		,633	
Item 13 IAT		,558	
Item 11 IAT		,556	
Item 12 IAT		,537	
Item 5 IAT		,515	
Item 18 IAT			
Item 6 IAT	,592		,600
Item 7 IAT	,502		-,562
Item 20 IAT		,553	,558
Item 19 IAT			

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

a. Rotation converged in 9 iterations.

Component Transformation Matrix			
Component	1	2	3
1	,701	,646	,303
2	-,707	,570	,419
3	-,098	,508	-,856

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

Anexo D2: Segunda Análise Factorial Exploratória

Correlation Matrix

Correlation	Item 1 IAT	Item 2 IAT	Item 4 IAT	Item 5 IAT	Item 6 IAT	Item 7 IAT	Item 8 IAT	Item 9 IAT	Item 10 IAT	Item 11 IAT	Item 12 IAT	Item 13 IAT	Item 14 IAT	Item 16 IAT	Item 17 IAT	Item 20 IAT
Item 1 IAT	1,000	,594	,305	,464	,399	,292	,424	,263	,254	,362	,346	,351	,449	,542	,529	,233
Item 2 IAT	,594	1,000	,210	,464	,490	,293	,511	,182	,254	,362	,289	,346	,474	,542	,510	,211
Item 4 IAT	,305	,210	1,000	,464	,249	,116	,219	,349	,307	,369	,369	,379	,192	,355	,311	,331
Item 5 IAT	,464	,440	,464	1,000	,473	,166	,427	,341	,342	,466	,398	,468	,347	,510	,492	,351
Item 6 IAT	,399	,490	,249	,473	1,000	,051	,733	,191	,321	,448	,285	,441	,417	,438	,468	,458
Item 7 IAT	,292	,293	,116	,166	,051	1,000	,179	,145	,142	,146	,181	,194	,302	,343	,261	,033
Item 8 IAT	,424	,511	,219	,427	,733	,179	1,000	,200	,286	,379	,242	,407	,437	,458	,457	,319
Item 9 IAT	,263	,182	,349	,341	,191	,145	,145	1,000	,405	,310	,194	,387	,228	,349	,306	,458
Item 10 IAT	,254	,254	,307	,342	,405	,286	,286	,405	1,000	,440	,382	,464	,346	,380	,460	,460
Item 11 IAT	,362	,362	,369	,466	,448	,146	,379	,310	,440	1,000	,382	,440	,403	,478	,544	,547
Item 12 IAT	,346	,289	,369	,398	,441	,181	,242	,194	,382	,440	1,000	,440	,403	,409	,458	,458
Item 13 IAT	,351	,346	,379	,468	,441	,194	,407	,387	,349	,464	,440	1,000	,403	,458	,486	,458
Item 14 IAT	,449	,474	,192	,347	,417	,302	,437	,228	,346	,379	,339	,403	1,000	,577	,500	,339
Item 16 IAT	,542	,542	,355	,510	,438	,343	,458	,349	,380	,478	,381	,458	,403	1,000	,656	,397
Item 17 IAT	,529	,510	,311	,492	,468	,261	,457	,306	,306	,544	,409	,486	,500	,656	1,000	,454
Item 20 IAT	,233	,211	,331	,351	,458	,033	,319	,207	,460	,547	,458	,458	,339	,397	,454	1,000
Sig. (1-tailed)	Item 1 IAT	Item 2 IAT	Item 4 IAT	Item 5 IAT	Item 6 IAT	Item 7 IAT	Item 8 IAT	Item 9 IAT	Item 10 IAT	Item 11 IAT	Item 12 IAT	Item 13 IAT	Item 14 IAT	Item 16 IAT	Item 17 IAT	Item 20 IAT
Item 2 IAT	,000		,000	,000	,000	,000	,000	,001	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
Item 4 IAT	,000	,000		,000	,000	,021	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
Item 5 IAT	,000	,000	,000		,000	,001	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
Item 6 IAT	,000	,000	,000	,000		,185	,000	,006	,006	,005	,001	,000	,000	,000	,000	,279
Item 7 IAT	,000	,000	,021	,001	,000		,001	,000	,006	,006	,000	,000	,000	,000	,000	,000
Item 8 IAT	,000	,001	,000	,000	,000	,001		,000	,200	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
Item 9 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,006	,000		,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
Item 10 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,006	,000	,000		,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
Item 11 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,005	,000	,000	,000		,000	,000	,000	,000	,000	,000
Item 12 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,001	,000	,000	,000	,000		,000	,000	,000	,000	,000
Item 13 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000		,000	,000	,000	,000
Item 14 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000		,000	,000	,000
Item 16 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000		,000	,000
Item 17 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000		,000
Item 20 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,279	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	

KMO and Bartlett's Test

Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.		,915
	Approx. Chi-Square	2099,885
Bartlett's Test of Sphericity	df	120
	Sig.	,000

Communalities

	Initial	Extraction
Item 1 IAT	1,000	,588
Item 2 IAT	1,000	,669
Item 4 IAT	1,000	,492
Item 5 IAT	1,000	,511
Item 6 IAT	1,000	,789
Item 7 IAT	1,000	,625
Item 8 IAT	1,000	,701
Item 9 IAT	1,000	,469
Item 10 IAT	1,000	,453
Item 11 IAT	1,000	,565
Item 12 IAT	1,000	,407
Item 13 IAT	1,000	,523
Item 14 IAT	1,000	,515
Item 16 IAT	1,000	,668
Item 17 IAT	1,000	,607
Item 20 IAT	1,000	,640

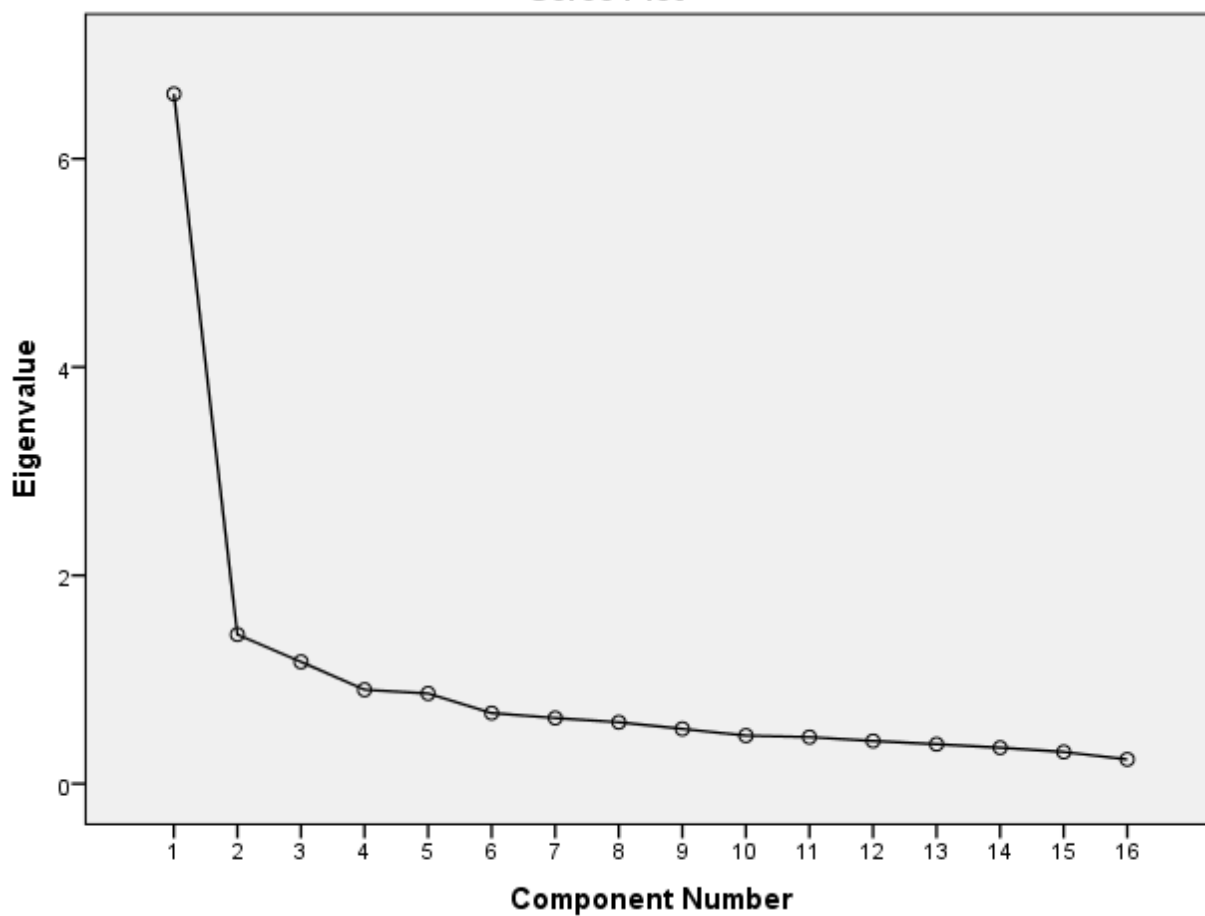
Extraction Method: Principal Component Analysis.

Total Variance Explained

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	6,623	41,392	41,392	6,623	41,392	41,392	3,636	22,728	22,728
2	1,432	8,950	50,342	1,432	8,950	50,342	3,459	21,621	44,349
3	1,170	7,312	57,654	1,170	7,312	57,654	2,129	13,305	57,654
4	,902	5,640	63,294						
5	,866	5,415	68,709						
6	,678	4,236	72,945						
7	,631	3,942	76,888						
8	,590	3,687	80,575						
9	,527	3,291	83,866						
10	,461	2,884	86,750						
11	,447	2,794	89,544						
12	,410	2,565	92,109						
13	,379	2,367	94,476						
14	,346	2,160	96,636						
15	,304	1,903	98,539						
16	,234	1,461	100,000						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Scree Plot



Component Matrix^a

	Component		
	1	2	3
Item 16 IAT	,782		
Item 17 IAT	,771		
Item 5 IAT	,710		
Item 11 IAT	,707		
Item 6 IAT	,693		-,542
Item 13 IAT	,692		
Item 1 IAT	,677		
Item 2 IAT	,669		
Item 8 IAT	,669		
Item 14 IAT	,666		
Item 20 IAT	,619		
Item 12 IAT	,583		
Item 10 IAT	,564		

Item 4 IAT	,527	
Item 9 IAT		
Item 7 IAT		,604

Extraction Method: Principal Component Analysis.

a. 3 components extracted.

Rotated Component Matrix^a			
	Component		
	1	2	3
Item 4 IAT	,685		
Item 20 IAT	,656		
Item 10 IAT	,645		
Item 9 IAT	,628		
Item 11 IAT	,614		
Item 13 IAT	,606		
Item 12 IAT	,576		
Item 5 IAT	,526		
Item 6 IAT		,852	
Item 8 IAT		,814	
Item 2 IAT		,623	,521
Item 17 IAT		,523	
Item 14 IAT			
Item 7 IAT			,786
Item 1 IAT			,562
Item 16 IAT			,530

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

a. Rotation converged in 6 iterations.

Component Transformation Matrix			
Component	1	2	3
1	,653	,643	,400
2	,726	-,383	-,571
3	,213	-,664	,717

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

Anexo D3: Terceira Análise Factorial Exploratória

Correlation Matrix

	Item 1 IAT	Item 2 IAT	Item 4 IAT	Item 6 IAT	Item 7 IAT	Item 8 IAT	Item 9 IAT	Item 10 IAT	Item 11 IAT	Item 12 IAT	Item 13 IAT	Item 16 IAT	Item 17 IAT	Item 20 IAT	Item 5 IAT
Correlation	Item 1 IAT	Item 2 IAT	Item 4 IAT	Item 6 IAT	Item 7 IAT	Item 8 IAT	Item 9 IAT	Item 10 IAT	Item 11 IAT	Item 12 IAT	Item 13 IAT	Item 16 IAT	Item 17 IAT	Item 20 IAT	Item 5 IAT
	1,000	,594	,305	,399	,292	,424	,253	,254	,396	,346	,351	,542	,529	,233	,464
	Item 2 IAT	1,000	,210	,490	,293	,511	,182	,254	,362	,289	,346	,542	,510	,211	,440
	Item 4 IAT	,305	,210	1,000	,249	,219	,349	,307	,369	,369	,379	,355	,311	,331	,464
	Item 6 IAT	,399	,490	,249	1,000	,733	,191	,321	,448	,285	,441	,438	,458	,233	,464
	Item 7 IAT	,282	,293	,249	,051	,179	,145	,142	,146	,181	,194	,343	,261	,233	,464
	Item 8 IAT	,424	,511	,219	,051	1,000	,200	,286	,379	,242	,407	,458	,454	,233	,464
	Item 9 IAT	,253	,182	,307	,191	,733	1,000	,405	,310	,294	,387	,349	,306	,233	,464
	Item 10 IAT	,254	,254	,307	,321	,286	,405	1,000	,440	,294	,440	,380	,306	,233	,464
	Item 11 IAT	,396	,362	,369	,448	,379	,310	,440	1,000	,382	,464	,478	,454	,233	,464
	Item 12 IAT	,346	,289	,369	,285	,382	,294	,294	,382	1,000	,440	,409	,454	,233	,464
	Item 13 IAT	,351	,441	,441	,441	,440	,349	,349	,440	,440	1,000	,458	,454	,233	,464
	Item 16 IAT	,542	,510	,311	,438	,458	,306	,306	,454	,409	,486	1,000	1,000	,233	,464
	Item 17 IAT	,529	,510	,311	,458	,457	,207	,460	,547	,458	,458	,397	1,000	,233	,464
	Item 20 IAT	,233	,211	,331	,458	,319	,207	,460	,454	,458	,468	,397	,454	1,000	,233
	Item 5 IAT	,464	,440	,464	,473	,427	,341	,342	,466	,398	,468	,510	,492	,351	1,000
Sig. (1-tailed)	Item 1 IAT	Item 2 IAT	Item 4 IAT	Item 6 IAT	Item 7 IAT	Item 8 IAT	Item 9 IAT	Item 10 IAT	Item 11 IAT	Item 12 IAT	Item 13 IAT	Item 16 IAT	Item 17 IAT	Item 20 IAT	Item 5 IAT
	Item 2 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,001	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	Item 4 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,021	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	Item 6 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,185	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	Item 7 IAT	,000	,000	,021	,000	,001	,185	,006	,005	,001	,000	,000	,000	,279	,000
	Item 8 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,001	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	Item 9 IAT	,000	,001	,000	,000	,000	,006	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	Item 10 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	Item 11 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,005	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	Item 12 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,001	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	Item 13 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	Item 16 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	Item 17 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	Item 20 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	Item 5 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,001	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000

KMO and Bartlett's Test

Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.		,907
	Approx. Chi-Square	1929,686
Bartlett's Test of Sphericity	df	105
	Sig.	,000

Communalities

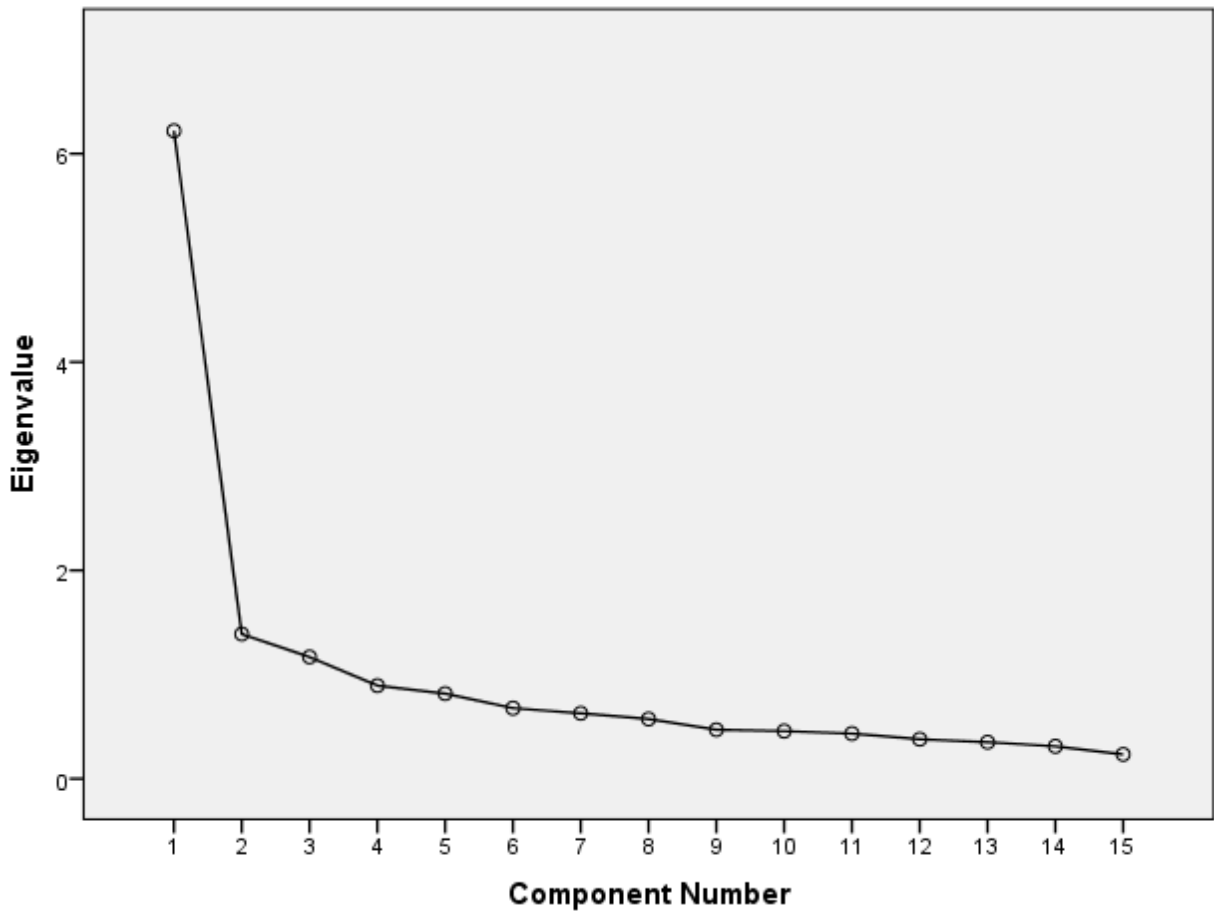
	Initial	Extraction
Item 1 IAT	1,000	,612
Item 2 IAT	1,000	,689
Item 4 IAT	1,000	,480
Item 6 IAT	1,000	,794
Item 7 IAT	1,000	,616
Item 8 IAT	1,000	,710
Item 9 IAT	1,000	,468
Item 10 IAT	1,000	,464
Item 11 IAT	1,000	,568
Item 12 IAT	1,000	,408
Item 13 IAT	1,000	,523
Item 16 IAT	1,000	,654
Item 17 IAT	1,000	,609
Item 20 IAT	1,000	,657
Item 5 IAT	1,000	,525

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Component	Initial Eigenvalues				Extraction Sums of Squared Loadings				Rotation Sums of Squared Loadings			
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	6,219	41,463	41,463	6,219	41,463	41,463	3,611	24,075	24,075	3,611	24,075	24,075
2	1,388	9,255	50,718	1,388	9,255	50,718	3,322	22,146	46,221	3,322	22,146	46,221
3	1,169	7,790	58,508	1,169	7,790	58,508	1,843	12,287	58,508	1,843	12,287	58,508
4	,894	5,962	64,470									
5	,817	5,448	69,918									
6	,677	4,512	74,430									
7	,628	4,184	78,613									
8	,573	3,822	82,435									
9	,470	3,135	85,570									
10	,457	3,045	88,615									
11	,433	2,890	91,505									
12	,379	2,525	94,029									
13	,350	2,337	96,366									
14	,311	2,075	98,441									
15	,234	1,559	100,000									

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Scree Plot



Component Matrix^a

	Component		
	1	2	3
Item 16 IAT	,772		
Item 17 IAT	,769		
Item 5 IAT	,723		
Item 11 IAT	,715		
Item 13 IAT	,697		
Item 6 IAT	,695		-,530
Item 1 IAT	,673		
Item 8 IAT	,667		
Item 2 IAT	,662	-,501	
Item 20 IAT	,626		
Item 12 IAT	,587		
Item 10 IAT	,566		
Item 4 IAT	,545		

Item 9 IAT	
Item 7 IAT	,615

Extraction Method: Principal Component Analysis.

a. 3 components extracted.

Rotated Component Matrix^a			
	Component		
	1	2	3
Item 4 IAT	,670		
Item 20 IAT	,669		
Item 10 IAT	,659		
Item 9 IAT	,624		
Item 11 IAT	,619		
Item 13 IAT	,611		
Item 12 IAT	,582		
Item 5 IAT	,514		
Item 6 IAT		,852	
Item 8 IAT		,823	
Item 2 IAT		,654	,502
Item 17 IAT		,539	
Item 7 IAT			,780
Item 1 IAT		,502	,554
Item 16 IAT			

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

a. Rotation converged in 6 iterations.

Component Transformation Matrix			
Component	1	2	3
1	,680	,646	,348
2	,709	-,456	-,538
3	,189	-,612	,768

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

Anexo D4: Quarta Análise Factorial Exploratória

Correlation Matrix

	Item 1 IAT	Item 2 IAT	Item 4 IAT	Item 6 IAT	Item 7 IAT	Item 8 IAT	Item 9 IAT	Item 10 IAT	Item 11 IAT	Item 12 IAT	Item 13 IAT	Item 17 IAT	Item 20 IAT	Item 5 IAT
Correlation	Item 1 IAT	Item 2 IAT	Item 4 IAT	Item 6 IAT	Item 7 IAT	Item 8 IAT	Item 9 IAT	Item 10 IAT	Item 11 IAT	Item 12 IAT	Item 13 IAT	Item 17 IAT	Item 20 IAT	Item 5 IAT
Item 1 IAT	1,000	,594	,305	,399	,282	,424	,253	,254	,396	,346	,351	,529	,233	,464
Item 2 IAT	,594	1,000	,210	,490	,293	,511	,182	,254	,362	,289	,346	,510	,211	,440
Item 4 IAT	,305	,210	1,000	,249	,116	,219	,349	,307	,369	,331	,379	,311	,331	,464
Item 6 IAT	,399	,490	,249	1,000	,051	,733	,191	,321	,448	,285	,441	,468	,458	,473
Item 7 IAT	,282	,293	,116	,051	1,000	,179	,145	,142	,181	,181	,194	,261	,033	,185
Item 8 IAT	,424	,511	,219	,733	,179	1,000	,200	,286	,379	,242	,310	,379	,319	,427
Item 9 IAT	,253	,182	,349	,191	,145	,200	1,000	,405	,387	,194	,387	,207	,341	,468
Item 10 IAT	,254	,254	,307	,321	,142	,286	,405	1,000	,440	,294	,440	,460	,342	,466
Item 11 IAT	,396	,362	,369	,448	,146	,379	,310	,440	1,000	,382	,464	,544	,454	,398
Item 12 IAT	,346	,289	,369	,285	,181	,242	,194	,294	,382	1,000	,440	,409	,458	,466
Item 13 IAT	,351	,346	,379	,441	,194	,407	,387	,349	,440	,440	1,000	,486	,454	,468
Item 17 IAT	,529	,510	,311	,468	,261	,457	,306	,306	,544	,409	,486	1,000	,454	,492
Item 20 IAT	,233	,211	,331	,458	,033	,319	,207	,460	,547	,458	,458	,454	1,000	,351
Item 5 IAT	,464	,440	,464	,473	,185	,427	,341	,342	,466	,398	,468	,492	,351	1,000
Sig. (1-tailed)	Item 1 IAT	Item 2 IAT	Item 4 IAT	Item 6 IAT	Item 7 IAT	Item 8 IAT	Item 9 IAT	Item 10 IAT	Item 11 IAT	Item 12 IAT	Item 13 IAT	Item 17 IAT	Item 20 IAT	Item 5 IAT
Item 1 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
Item 2 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,001	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
Item 4 IAT	,000	,000	,000	,000	,021	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
Item 6 IAT	,000	,000	,000	,000	,185	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
Item 7 IAT	,000	,000	,021	,185	,001	,001	,006	,006	,005	,001	,000	,000	,000	,000
Item 8 IAT	,000	,001	,000	,000	,006	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
Item 9 IAT	,000	,000	,000	,000	,006	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
Item 10 IAT	,000	,000	,000	,000	,005	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
Item 11 IAT	,000	,000	,000	,000	,001	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
Item 12 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
Item 13 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
Item 17 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
Item 20 IAT	,000	,000	,000	,000	,279	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
Item 5 IAT	,000	,000	,000	,000	,001	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000

KMO and Bartlett's Test

Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.		,892
	Approx. Chi-Square	1679,018
Bartlett's Test of Sphericity	df	91
	Sig.	,000

Communalities

	Initial	Extraction
Item 1 IAT	1,000	,624
Item 2 IAT	1,000	,696
Item 4 IAT	1,000	,487
Item 6 IAT	1,000	,792
Item 7 IAT	1,000	,629
Item 8 IAT	1,000	,713
Item 9 IAT	1,000	,472
Item 10 IAT	1,000	,464
Item 11 IAT	1,000	,571
Item 12 IAT	1,000	,414
Item 13 IAT	1,000	,528
Item 17 IAT	1,000	,590
Item 20 IAT	1,000	,666
Item 5 IAT	1,000	,534

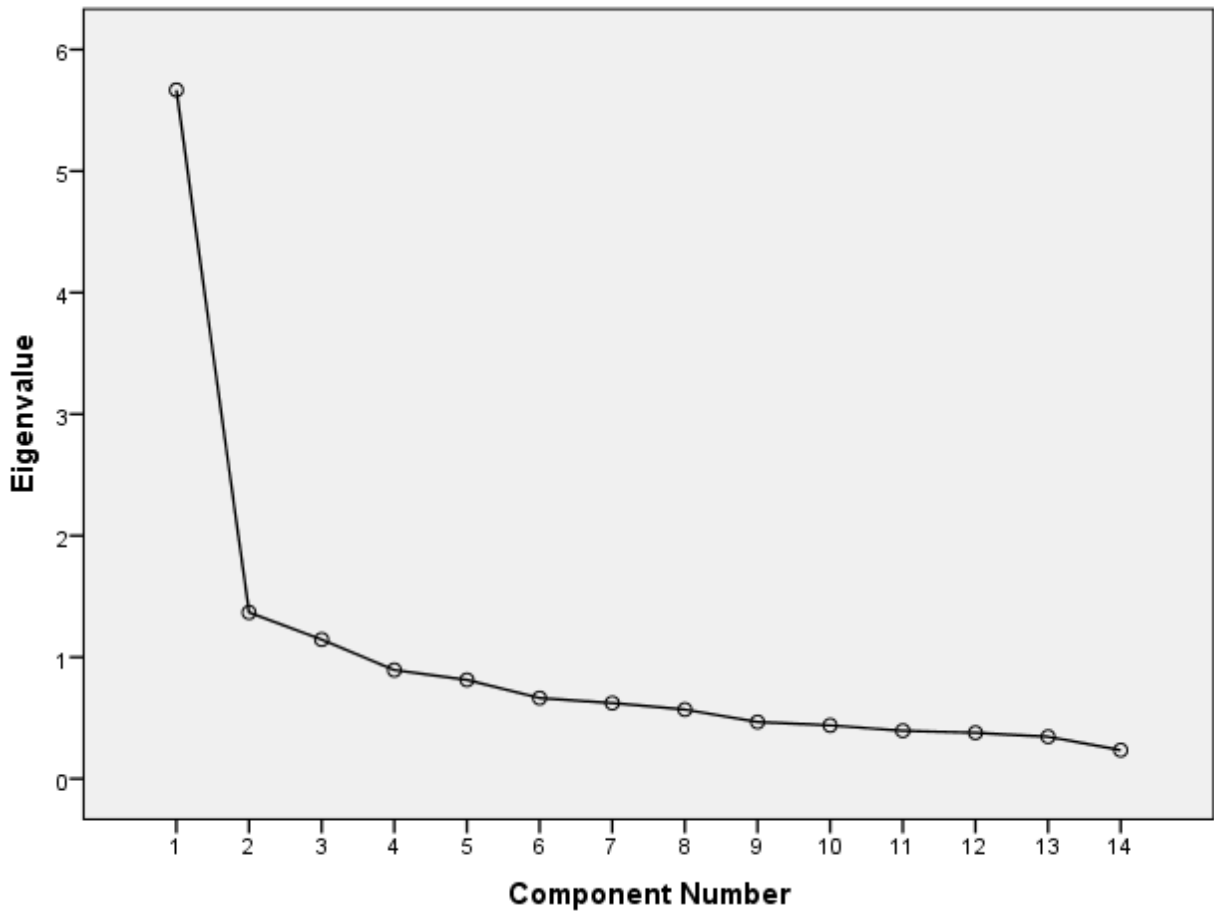
Extraction Method: Principal Component Analysis.

Total Variance Explained

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	5,667	40,481	40,481	5,667	40,481	40,481	3,472	24,800	24,800
2	1,368	9,770	50,251	1,368	9,770	50,251	3,224	23,027	47,827
3	1,145	8,179	58,430	1,145	8,179	58,430	1,484	10,603	58,430
4	,894	6,386	64,816						
5	,813	5,809	70,625						
6	,664	4,743	75,368						
7	,623	4,448	79,816						
8	,569	4,063	83,879						
9	,467	3,333	87,211						
10	,439	3,136	90,347						
11	,394	2,816	93,163						
12	,378	2,698	95,861						
13	,345	2,465	98,326						
14	,234	1,674	100,000						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Scree Plot



Component Matrix^a

	Component		
	1	2	3
Item 17 IAT	,755		
Item 5 IAT	,727		
Item 11 IAT	,724		
Item 6 IAT	,707		
Item 13 IAT	,707		
Item 8 IAT	,672		
Item 1 IAT	,665		
Item 2 IAT	,652	-,515	
Item 20 IAT	,638		
Item 12 IAT	,596		
Item 10 IAT	,573		
Item 4 IAT	,553		
Item 9 IAT			

Item 7 IAT ,661

Extraction Method: Principal Component Analysis.

a. 3 components extracted.

Rotated Component Matrix^a

	Component		
	1	2	3
Item 4 IAT	,674		
Item 20 IAT	,661		
Item 10 IAT	,659		
Item 9 IAT	,632		
Item 11 IAT	,621		
Item 13 IAT	,615		
Item 12 IAT	,587		
Item 5 IAT	,522		
Item 6 IAT		,846	
Item 8 IAT		,829	
Item 2 IAT		,686	
Item 17 IAT		,558	
Item 1 IAT		,538	,523
Item 7 IAT			,784

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

a. Rotation converged in 5 iterations.

Component Transformation Matrix

Component	1	2	3
1	,701	,667	,255
2	,695	-,558	-,453
3	,160	-,495	,854

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

Anexo D5: Quinta Análise Factorial Exploratória

Correlation Matrix

Correlation	Item 2 IAT	Item 4 IAT	Item 6 IAT	Item 7 IAT	Item 8 IAT	Item 9 IAT	Item 10 IAT	Item 11 IAT	Item 12 IAT	Item 13 IAT	Item 17 IAT	Item 20 IAT	Item 5 IAT
Item 2 IAT	1,000	,213	,492	,292	,505	,179	,253	,363	,291	,348	,512	,212	,443
Item 4 IAT	,213	1,000	,251	,115	,215	,348	,306	,370	,371	,380	,313	,332	,465
Item 6 IAT	,492	,251	1,000	,054	,730	,187	,320	,448	,285	,440	,469	,456	,475
Item 7 IAT	,292	,115	,054	1,000	,183	,139	,141	,143	,176	,192	,260	,030	,187
Item 8 IAT	,505	,215	,730	,183	1,000	,196	,285	,375	,236	,402	,452	,315	,426
Item 9 IAT	,179	,348	,187	,139	,196	1,000	,404	,310	,195	,387	,304	,209	,337
Item 10 IAT	,253	,306	,320	,141	,285	,404	1,000	,439	,293	,348	,305	,460	,466
Item 11 IAT	,363	,370	,448	,143	,375	,310	,439	1,000	,384	,465	,545	,548	,466
Item 12 IAT	,291	,371	,285	,176	,236	,195	,293	,384	1,000	,441	,410	,459	,397
Item 13 IAT	,348	,380	,440	,192	,402	,387	,348	,465	,441	1,000	,487	,459	,467
Item 17 IAT	,512	,313	,469	,260	,452	,304	,305	,545	,410	,487	1,000	,454	,493
Item 20 IAT	,212	,332	,456	,030	,315	,209	,460	,548	,459	,459	,454	1,000	,350
Item 5 IAT	,443	,465	,475	,187	,426	,337	,341	,466	,397	,467	,493	,350	1,000
Sig. (1-tailed)	Item 2 IAT	Item 4 IAT	Item 6 IAT	Item 7 IAT	Item 8 IAT	Item 9 IAT	Item 10 IAT	Item 11 IAT	Item 12 IAT	Item 13 IAT	Item 17 IAT	Item 20 IAT	Item 5 IAT
Item 2 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,001	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
Item 4 IAT	,000	,000	,000	,022	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
Item 6 IAT	,000	,022	,000	,170	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
Item 7 IAT	,000	,000	,170	,000	,001	,007	,007	,006	,001	,000	,000	,000	,000
Item 8 IAT	,000	,000	,000	,001	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
Item 9 IAT	,001	,000	,000	,007	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
Item 10 IAT	,000	,000	,000	,007	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
Item 11 IAT	,000	,000	,000	,006	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
Item 12 IAT	,000	,000	,000	,001	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
Item 13 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
Item 17 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
Item 20 IAT	,000	,000	,000	,299	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
Item 5 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000

KMO and Bartlett's Test

Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.		,881
	Approx. Chi-Square	1500,467
Bartlett's Test of Sphericity	df	78
	Sig.	,000

Communalities

	Initial	Extraction
Item 2 IAT	1,000	,662
Item 4 IAT	1,000	,488
Item 6 IAT	1,000	,797
Item 7 IAT	1,000	,755
Item 8 IAT	1,000	,733
Item 9 IAT	1,000	,477
Item 10 IAT	1,000	,453
Item 11 IAT	1,000	,573
Item 12 IAT	1,000	,417
Item 13 IAT	1,000	,534
Item 17 IAT	1,000	,585
Item 20 IAT	1,000	,657
Item 5 IAT	1,000	,535

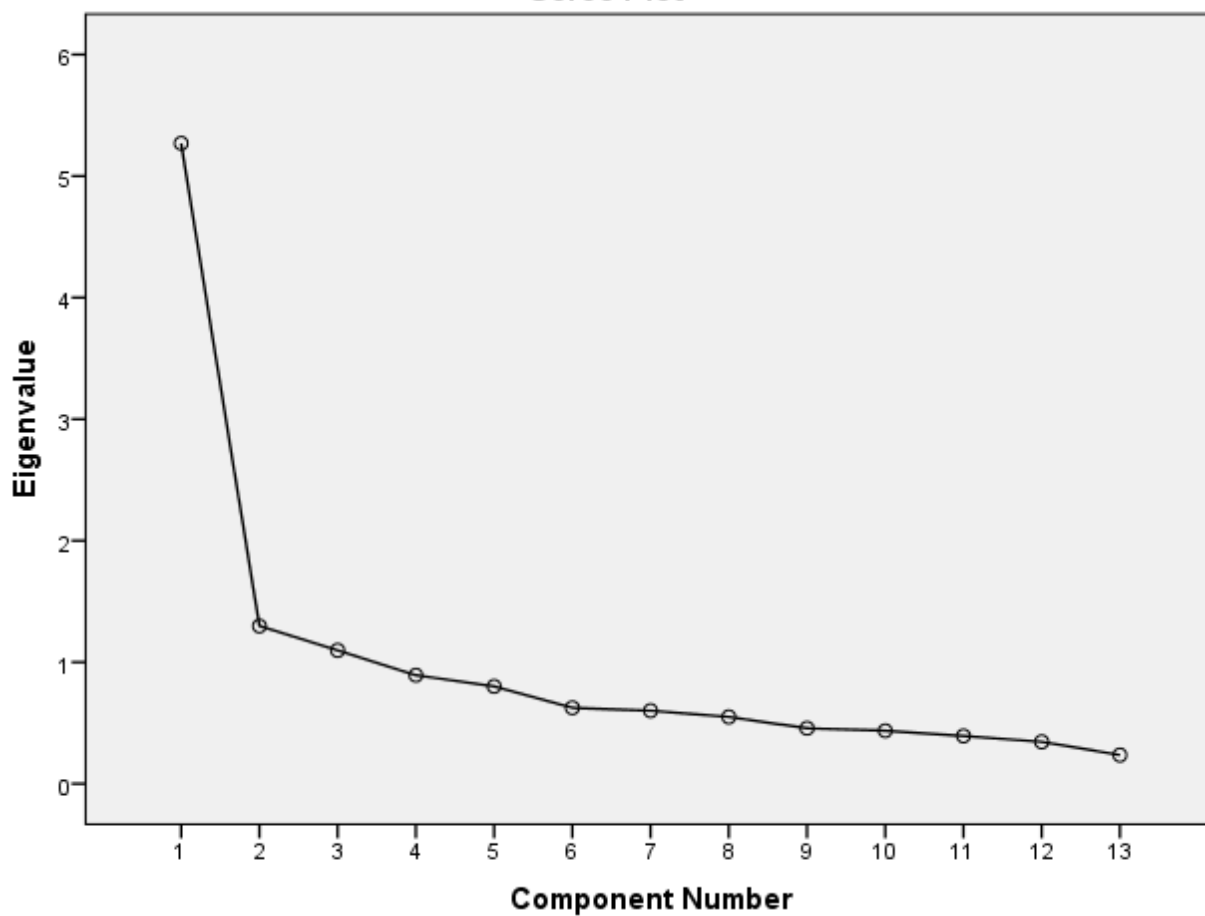
Extraction Method: Principal Component Analysis.

Total Variance Explained

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	5,270	40,535	40,535	5,270	40,535	40,535	3,436	26,434	26,434
2	1,298	9,982	50,517	1,298	9,982	50,517	3,043	23,409	49,843
3	1,098	8,442	58,960	1,098	8,442	58,960	1,185	9,117	58,960
4	,893	6,869	65,829						
5	,801	6,159	71,988						
6	,625	4,807	76,795						
7	,601	4,621	81,416						
8	,550	4,227	85,643						
9	,456	3,508	89,151						
10	,436	3,357	92,508						
11	,393	3,024	95,532						
12	,345	2,652	98,184						
13	,236	1,816	100,000						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Scree Plot



Component Matrix^a

	Component		
	1	2	3
Item 17 IAT	,747		
Item 11 IAT	,733		
Item 5 IAT	,725		
Item 13 IAT	,720		
Item 6 IAT	,713		
Item 20 IAT	,664		
Item 8 IAT	,664	-,518	
Item 2 IAT	,624		
Item 12 IAT	,601		
Item 10 IAT	,589		
Item 4 IAT	,562		
Item 9 IAT			
Item 7 IAT			,794

Extraction Method: Principal Component Analysis.

a. 3 components extracted.

Rotated Component Matrix^a

	Component		
	1	2	3
Item 4 IAT	,687		
Item 10 IAT	,649		
Item 9 IAT	,643		
Item 20 IAT	,642		
Item 11 IAT	,621		
Item 13 IAT	,612		
Item 12 IAT	,600		
Item 5 IAT	,531		
Item 6 IAT		,849	
Item 8 IAT		,845	
Item 2 IAT		,704	
Item 17 IAT		,572	
Item 7 IAT			,850

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

a. Rotation converged in 4 iterations.

Component Transformation Matrix

Component	1	2	3
1	,734	,665	,137
2	,678	-,703	-,217
3	,048	-,252	,967

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

Anexo D6: Sexta Análise Factorial Exploratória

Correlation Matrix

	Item 2 IAT	Item 4 IAT	Item 6 IAT	Item 8 IAT	Item 9 IAT	Item 10 IAT	Item 11 IAT	Item 12 IAT	Item 13 IAT	Item 17 IAT	Item 20 IAT	Item 5 IAT
Correlation	Item 2 IAT	Item 4 IAT	Item 6 IAT	Item 8 IAT	Item 9 IAT	Item 10 IAT	Item 11 IAT	Item 12 IAT	Item 13 IAT	Item 17 IAT	Item 20 IAT	Item 5 IAT
	Item 2 IAT	.208	.491	.503	.186	.248	.358	.289	.343	.510	.209	.444
	Item 4 IAT	Item 4 IAT	.250	.215	.339	.308	.372	.371	.381	.313	.333	.000
	Item 6 IAT	Item 6 IAT	Item 6 IAT	.730	.187	.319	.447	.285	.440	.469	.456	.000
	Item 8 IAT	Item 8 IAT	Item 8 IAT	Item 8 IAT	.194	.285	.375	.236	.380	.410	.460	.000
	Item 9 IAT	Item 9 IAT	Item 9 IAT	Item 9 IAT	Item 9 IAT	.395	.303	.193	.301	.204	.339	.000
	Item 10 IAT	Item 10 IAT	Item 10 IAT	Item 10 IAT	Item 10 IAT	Item 10 IAT	.440	.293	.350	.460	.338	.000
	Item 11 IAT	Item 11 IAT	Item 11 IAT	Item 11 IAT	Item 11 IAT	Item 11 IAT	Item 11 IAT	.384	.466	.548	.463	.000
	Item 12 IAT	Item 12 IAT	Item 12 IAT	Item 12 IAT	Item 12 IAT	Item 12 IAT	Item 12 IAT	Item 12 IAT	.441	.487	.460	.000
	Item 13 IAT	Item 13 IAT	Item 13 IAT	Item 13 IAT	Item 13 IAT	Item 13 IAT	Item 13 IAT	Item 13 IAT	Item 13 IAT	1.000	.487	.465
	Item 17 IAT	Item 17 IAT	Item 17 IAT	Item 17 IAT	Item 17 IAT	Item 17 IAT	Item 17 IAT	Item 17 IAT	Item 17 IAT	Item 17 IAT	Item 17 IAT	Item 17 IAT
	Item 20 IAT	Item 20 IAT	Item 20 IAT	Item 20 IAT	Item 20 IAT	Item 20 IAT	Item 20 IAT	Item 20 IAT	Item 20 IAT	Item 20 IAT	Item 20 IAT	Item 20 IAT
	Item 5 IAT	Item 5 IAT	Item 5 IAT	Item 5 IAT	Item 5 IAT	Item 5 IAT	Item 5 IAT	Item 5 IAT	Item 5 IAT	Item 5 IAT	Item 5 IAT	Item 5 IAT
	Item 2 IAT	Item 2 IAT	Item 2 IAT	Item 2 IAT	Item 2 IAT	Item 2 IAT	Item 2 IAT	Item 2 IAT	Item 2 IAT	Item 2 IAT	Item 2 IAT	Item 2 IAT
	Item 4 IAT	Item 4 IAT	Item 4 IAT	Item 4 IAT	Item 4 IAT	Item 4 IAT	Item 4 IAT	Item 4 IAT	Item 4 IAT	Item 4 IAT	Item 4 IAT	Item 4 IAT
	Item 6 IAT	Item 6 IAT	Item 6 IAT	Item 6 IAT	Item 6 IAT	Item 6 IAT	Item 6 IAT	Item 6 IAT	Item 6 IAT	Item 6 IAT	Item 6 IAT	Item 6 IAT
	Item 8 IAT	Item 8 IAT	Item 8 IAT	Item 8 IAT	Item 8 IAT	Item 8 IAT	Item 8 IAT	Item 8 IAT	Item 8 IAT	Item 8 IAT	Item 8 IAT	Item 8 IAT
	Item 9 IAT	Item 9 IAT	Item 9 IAT	Item 9 IAT	Item 9 IAT	Item 9 IAT	Item 9 IAT	Item 9 IAT	Item 9 IAT	Item 9 IAT	Item 9 IAT	Item 9 IAT
	Item 10 IAT	Item 10 IAT	Item 10 IAT	Item 10 IAT	Item 10 IAT	Item 10 IAT	Item 10 IAT	Item 10 IAT	Item 10 IAT	Item 10 IAT	Item 10 IAT	Item 10 IAT
	Item 11 IAT	Item 11 IAT	Item 11 IAT	Item 11 IAT	Item 11 IAT	Item 11 IAT	Item 11 IAT	Item 11 IAT	Item 11 IAT	Item 11 IAT	Item 11 IAT	Item 11 IAT
	Item 12 IAT	Item 12 IAT	Item 12 IAT	Item 12 IAT	Item 12 IAT	Item 12 IAT	Item 12 IAT	Item 12 IAT	Item 12 IAT	Item 12 IAT	Item 12 IAT	Item 12 IAT
	Item 13 IAT	Item 13 IAT	Item 13 IAT	Item 13 IAT	Item 13 IAT	Item 13 IAT	Item 13 IAT	Item 13 IAT	Item 13 IAT	Item 13 IAT	Item 13 IAT	Item 13 IAT
	Item 17 IAT	Item 17 IAT	Item 17 IAT	Item 17 IAT	Item 17 IAT	Item 17 IAT	Item 17 IAT	Item 17 IAT	Item 17 IAT	Item 17 IAT	Item 17 IAT	Item 17 IAT
	Item 20 IAT	Item 20 IAT	Item 20 IAT	Item 20 IAT	Item 20 IAT	Item 20 IAT	Item 20 IAT	Item 20 IAT	Item 20 IAT	Item 20 IAT	Item 20 IAT	Item 20 IAT
	Item 5 IAT	Item 5 IAT	Item 5 IAT	Item 5 IAT	Item 5 IAT	Item 5 IAT	Item 5 IAT	Item 5 IAT	Item 5 IAT	Item 5 IAT	Item 5 IAT	Item 5 IAT
Sig. (1-tailed)	Item 2 IAT	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	Item 4 IAT	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	Item 6 IAT	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	Item 8 IAT	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	Item 9 IAT	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	Item 10 IAT	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	Item 11 IAT	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	Item 12 IAT	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	Item 13 IAT	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	Item 17 IAT	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	Item 20 IAT	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	Item 5 IAT	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000	.000

KMO and Bartlett's Test

Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.		,884
	Approx. Chi-Square	1447,241
Bartlett's Test of Sphericity	df	66
	Sig.	,000

Communalities

	Initial	Extraction
Item 2 IAT	1,000	,583
Item 4 IAT	1,000	,480
Item 6 IAT	1,000	,734
Item 8 IAT	1,000	,733
Item 9 IAT	1,000	,398
Item 10 IAT	1,000	,448
Item 11 IAT	1,000	,555
Item 12 IAT	1,000	,420
Item 13 IAT	1,000	,533
Item 17 IAT	1,000	,568
Item 20 IAT	1,000	,498
Item 5 IAT	1,000	,525

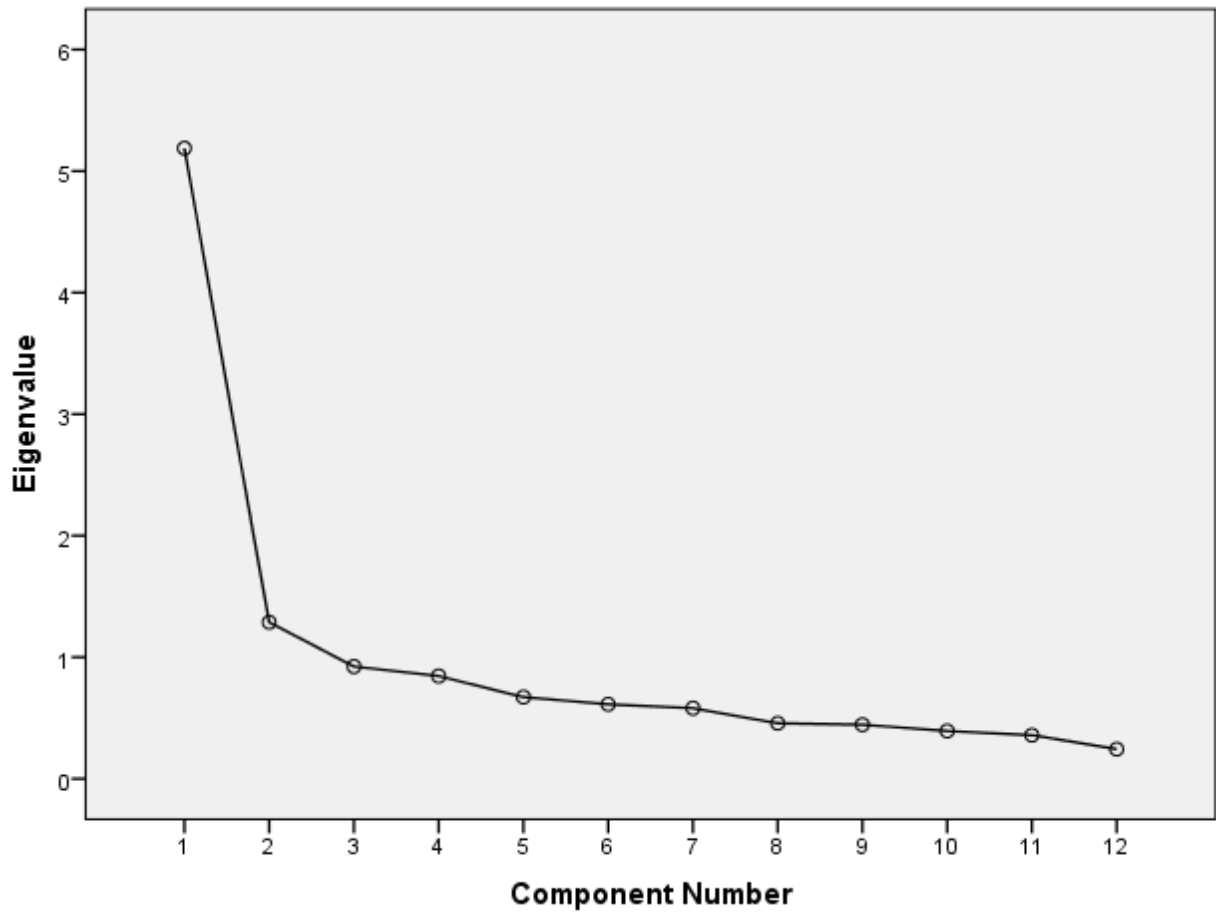
Extraction Method: Principal Component Analysis.

Total Variance Explained

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	5,188	43,232	43,232	5,188	43,232	43,232	3,397	28,310	28,310
2	1,287	10,725	53,958	1,287	10,725	53,958	3,078	25,647	53,958
3	,923	7,689	61,647						
4	,845	7,043	68,690						
5	,671	5,593	74,283						
6	,612	5,099	79,382						
7	,580	4,835	84,217						
8	,456	3,800	88,017						
9	,444	3,702	91,719						
10	,393	3,272	94,991						
11	,358	2,987	97,978						
12	,243	2,022	100,000						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Scree Plot



Component Matrix^a

	Component	
	1	2
Item 17 IAT	,743	
Item 11 IAT	,736	
Item 5 IAT	,724	
Item 6 IAT	,721	
Item 13 IAT	,720	
Item 20 IAT	,674	
Item 8 IAT	,664	-,541
Item 2 IAT	,613	
Item 12 IAT	,601	
Item 10 IAT	,590	
Item 4 IAT	,563	
Item 9 IAT		

Extraction Method: Principal Component Analysis.

a. 2 components extracted.

Rotated Component Matrix^a

	Component	
	1	2
Item 4 IAT	,688	
Item 10 IAT	,648	
Item 20 IAT	,636	
Item 9 IAT	,630	
Item 11 IAT	,620	
Item 13 IAT	,612	
Item 12 IAT	,607	
Item 5 IAT	,527	
Item 8 IAT		,847
Item 6 IAT		,829
Item 2 IAT		,750
Item 17 IAT		,594

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

a. Rotation converged in 3 iterations.

Component Transformation Matrix

Component	1	2
1	,735	,678
2	,678	-,735

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

Anexo D7: Sétima Análise Factorial Exploratória Forçada a 1 Factor

Correlation Matrix

	Item 2 IAT	Item 4 IAT	Item 5 IAT	Item 6 IAT	Item 8 IAT	Item 9 IAT	Item 10 IAT	Item 11 IAT	Item 12 IAT	Item 13 IAT	Item 17 IAT	Item 20 IAT
Correlation	Item 2 IAT	Item 4 IAT	Item 5 IAT	Item 6 IAT	Item 8 IAT	Item 9 IAT	Item 10 IAT	Item 11 IAT	Item 12 IAT	Item 13 IAT	Item 17 IAT	Item 20 IAT
	1,000	,208	,444	,491	,503	,186	,248	,358	,289	,343	,510	,209
	Item 4 IAT	1,000	,461	,250	,215	,339	,308	,372	,371	,381	,313	,333
	Item 5 IAT	,444	1,000	,475	,425	,339	,338	,463	,397	,465	,492	,348
	Item 6 IAT	,491	,250	1,000	,730	,187	,319	,447	,285	,440	,469	,456
	Item 8 IAT	,503	,215	,425	1,000	,194	,285	,375	,236	,402	,452	,315
	Item 9 IAT	,186	,339	,339	,187	1,000	,395	,303	,193	,380	,301	,204
	Item 10 IAT	,248	,308	,338	,319	,395	1,000	,440	,293	,350	,305	,460
	Item 11 IAT	,358	,372	,463	,447	,303	,440	1,000	,384	,466	,545	,548
	Item 12 IAT	,289	,371	,397	,285	,193	,293	,384	1,000	,441	,410	,459
	Item 13 IAT	,343	,381	,465	,440	,380	,350	,466	,441	1,000	,487	,460
	Item 17 IAT	,510	,313	,492	,469	,301	,305	,545	,410	,487	1,000	,454
	Item 20 IAT	,209	,333	,348	,456	,204	,460	,548	,459	,460	,454	1,000
Sig. (1-tailed)	Item 2 IAT	Item 4 IAT	Item 5 IAT	Item 6 IAT	Item 8 IAT	Item 9 IAT	Item 10 IAT	Item 11 IAT	Item 12 IAT	Item 13 IAT	Item 17 IAT	Item 20 IAT
	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	Item 4 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	Item 5 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	Item 6 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	Item 8 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	Item 9 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	Item 10 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	Item 11 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	Item 12 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	Item 13 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	Item 17 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	Item 20 IAT	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000

KMO and Bartlett's Test

Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.		,884
	Approx. Chi-Square	1447,241
Bartlett's Test of Sphericity	df	66
	Sig.	,000

Communalities

	Initial	Extraction
Item 2 IAT	1,000	,376
Item 4 IAT	1,000	,317
Item 5 IAT	1,000	,525
Item 6 IAT	1,000	,520
Item 8 IAT	1,000	,441
Item 9 IAT	1,000	,233
Item 10 IAT	1,000	,348
Item 11 IAT	1,000	,542
Item 12 IAT	1,000	,361
Item 13 IAT	1,000	,518
Item 17 IAT	1,000	,553
Item 20 IAT	1,000	,454

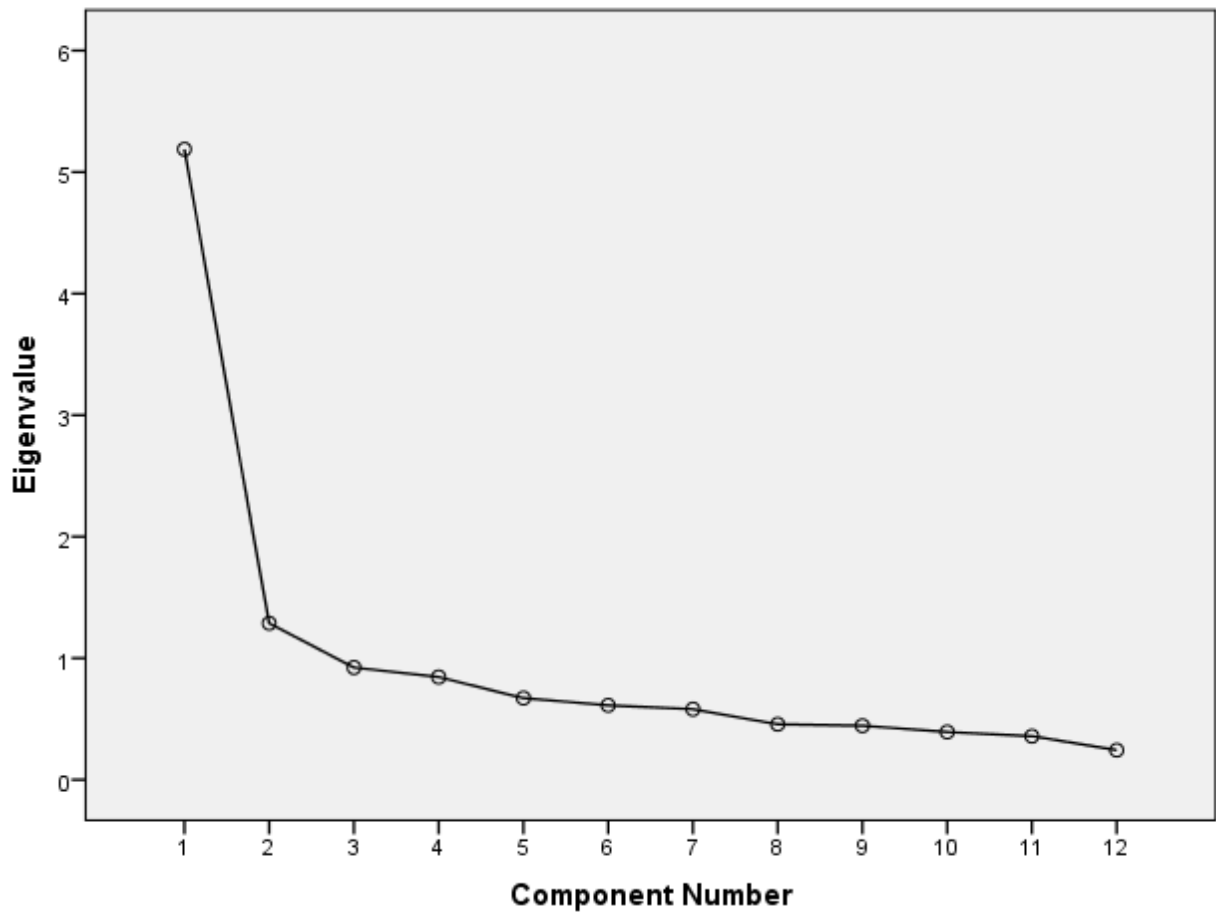
Extraction Method: Principal Component Analysis.

Total Variance Explained

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	5,188	43,232	43,232	5,188	43,232	43,232
2	1,287	10,725	53,958			
3	,923	7,689	61,647			
4	,845	7,043	68,690			
5	,671	5,593	74,283			
6	,612	5,099	79,382			
7	,580	4,835	84,217			
8	,456	3,800	88,017			
9	,444	3,702	91,719			
10	,393	3,272	94,991			
11	,358	2,987	97,978			
12	,243	2,022	100,000			

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Scree Plot



Component Matrix^a

	Component
	1
Item 17 IAT	,743
Item 11 IAT	,736
Item 5 IAT	,724
Item 6 IAT	,721
Item 13 IAT	,720
Item 20 IAT	,674
Item 8 IAT	,664
Item 2 IAT	,613
Item 12 IAT	,601
Item 10 IAT	,590
Item 4 IAT	,563
Item 9 IAT	

Extraction Method: Principal

Component Analysis.

a. 1 components extracted.

Component Score

Coefficient Matrix

	Component
	1
Item 2 IAT	,118
Item 4 IAT	,109
Item 5 IAT	,140
Item 6 IAT	,139
Item 8 IAT	,128
Item 9 IAT	,093
Item 10 IAT	,114
Item 11 IAT	,142
Item 12 IAT	,116
Item 13 IAT	,139
Item 17 IAT	,143
Item 20 IAT	,130

Extraction Method: Principal
Component Analysis.
Rotation Method: Varimax
with Kaiser Normalization.
Component Scores.

Anexo E1: Coeficiente do Alfa de Cronbach do Internet Addiction Test
Versão Reduzida de 12 itens Adaptada

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	310	56,9
	Excluded ^a	235	43,1
	Total	545	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,876	12

Item Statistics

	Mean	Std. Deviation	N
Item 2 IAT	2,49	1,096	310
Item 4 IAT	1,94	,963	310
Item 5 IAT	2,10	1,232	310
Item 6 IAT	1,88	1,083	310
Item 8 IAT	2,10	1,063	310
Item 9 IAT	1,92	1,074	310
Item 10 IAT	1,94	1,057	310
Item 11 IAT	1,70	,894	310
Item 12 IAT	2,19	1,166	310
Item 13 IAT	1,71	,952	310
Item 17 IAT	2,21	1,150	310
Item 20 IAT	1,47	,861	310

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Item 2 IAT	21,15	57,695	,530	,868
Item 4 IAT	21,71	59,554	,487	,871
Item 5 IAT	21,54	54,379	,651	,861
Item 6 IAT	21,76	56,241	,635	,862
Item 8 IAT	21,55	57,317	,577	,865
Item 9 IAT	21,72	59,801	,408	,876
Item 10 IAT	21,70	58,424	,507	,870

Item 11 IAT	21,94	58,010	,655	,862
Item 12 IAT	21,45	57,349	,511	,870
Item 13 IAT	21,94	57,517	,644	,862
Item 17 IAT	21,44	55,082	,663	,860
Item 20 IAT	22,17	59,238	,584	,866

Scale Statistics

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
23,64	67,726	8,230	12

Anexo F1: Percentagem de Participantes do Estudo Com Presença de Sintomas Depressivos a Ter em Conta (i.e., Acima do Ponto de Corte)

Statistics			
		Ponto de Corte BDI	Níveis de Depressão
N	Valid	545	545
	Missing	0	0
Minimum		1	1
Maximum		2	4
Percentiles			
25		1,00	1,00
50		1,00	1,00
75		1,00	1,00

Ponto de Corte BDI					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Below Cut Off Point		459	84,2	84,2	84,2
Valid	Above Cut Off Point	86	15,8	15,8	100,0
Total		545	100,0	100,0	

Níveis de Depressão					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Sintomatologia Mínima		414	76,0	76,0	76,0
Sintomatologia Suave		76	13,9	13,9	89,9
Valid	Sintomatologia Moderada	43	7,9	7,9	97,8
Sintomatologia Severa		12	2,2	2,2	100,0
Total		545	100,0	100,0	

Anexo F2: Tabela Com A Distribuição do Estado Civil dos Participantes

Statistics

Estado_Civil		
N	Valid	544
	Missing	1
Mode		1
	25	1,00
Percentiles	50	1,00
	75	2,00

Estado_Civil

Estado_Civil					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Solteiro(a)	319	58,5	58,6	58,6
	Comprometido(a)	215	39,4	39,5	98,2
Valid	Casado(a)	8	1,5	1,5	99,6
	Divorciado(a)	2	,4	,4	100,0
	Total	544	99,8	100,0	
Missing	System	1	,2		
Total		545	100,0		

**Anexo F3: Tratamento Estatístico Das Diferenças Múltiplas de Médias
Entre a Dependência à Internet e o Ano Acadêmico do Participante**

Case Processing Summary

	Qual ano o participante encontra-se a frequentar?	Cases					
		Valid		Missing		Total	
		N	Percent	N	Percent	N	Percent
Score total IAT	10º Ano (Secundário)	68	100,0%	0	0,0%	68	100,0%
	11º Ano (Secundário)	46	100,0%	0	0,0%	46	100,0%
	12º Ano (Secundário)	102	100,0%	0	0,0%	102	100,0%
	1º Ano (Universidade)	103	100,0%	0	0,0%	103	100,0%
	2º Ano (Universidade)	93	100,0%	0	0,0%	93	100,0%
	3º Ano (Universidade)	94	100,0%	0	0,0%	94	100,0%
	4º Ano (Universidade)	16	100,0%	0	0,0%	16	100,0%
	5º Ano (Universidade)	23	100,0%	0	0,0%	23	100,0%

Tests of Normality

	Qual ano o participante encontra-se a frequentar?	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Score total IAT	10º Ano (Secundário)	,081	68	,200 [*]	,979	68	,319
	11º Ano (Secundário)	,093	46	,200 [*]	,969	46	,260
	12º Ano (Secundário)	,067	102	,200 [*]	,984	102	,266
	1º Ano (Universidade)	,099	103	,014	,958	103	,002
	2º Ano (Universidade)	,177	93	,000	,946	93	,001
	3º Ano (Universidade)	,110	94	,007	,964	94	,012
	4º Ano (Universidade)	,153	16	,200 [*]	,967	16	,788
	5º Ano (Universidade)	,213	23	,008	,903	23	,029

*. This is a lower bound of the true significance.

a. Lilliefors Significance Correction

Test of Homogeneity of Variance

		Levene Statistic	df1	df2	Sig.
Score total IAT	Based on Mean	2,797	7	537	,007
	Based on Median	2,437	7	537	,018
	Based on Median and with adjusted df	2,437	7	517,963	,018
	Based on trimmed mean	2,775	7	537	,008

**Anexo F4: Dependência à Internet Entre Grupo dos Alunos do Ensino
Secundário vs. Grupo dos Alunos Universitários em Geral**

Case Processing Summary

		Cases					
		Valid		Missing		Total	
		N	Percent	N	Percent	N	Percent
Score total IAT	Ensino Secundário	216	100,0%	0	0,0%	216	100,0%
	Ensino Universitário	329	100,0%	0	0,0%	329	100,0%

Tests of Normality

		Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Score total IAT	Ensino Secundário	,061	216	,052	,990	216	,118
	Ensino Universitário	,107	329	,000	,964	329	,000

a. Lilliefors Significance Correction

Test of Homogeneity of Variance

		Levene Statistic	df1	df2	Sig.
Score total IAT	Based on Mean	17,072	1	543	,000
	Based on Median	16,820	1	543	,000
	Based on Median and with adjusted df	16,820	1	537,972	,000
	Based on trimmed mean	17,504	1	543	,000

Correlations

		Secundário ou Universitário	Score total IAT
Secundário ou Universitário	Pearson Correlation	1	-,293**
	Sig. (2-tailed)		,000
	N	545	545
Score total IAT	Pearson Correlation	-,293**	1
	Sig. (2-tailed)	,000	
	N	545	545

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

**Anexo G1: Submissão do Abstract da Parte Teórica do Presente Estudo
Para Discussão Entre Pares no III Fórum Internacional de Psicologia
Clínica**

Abstract

A Dependência à Internet na Actualidade: Qual o Estado da Arte ?

Pontes, H. & Patrao, I.

ISPA - IU

A presente comunicação procurará dar a conhecer alguns dos aspectos-chave bem como o estado da arte no panorama internacional, europeu e nacional sobre a investigação realizada no âmbito das novas dependências, nomeadamente da dependência à Internet. Para tal, torna-se necessário a exposição de indicadores sobre as actuais tendências quanto ao acesso e uso à Internet, assim como, proceder ao enquadramento e conceptualização teórico-científico sobre este recente fenómeno.

A par da contextualização teórica de algumas das principais perspectivas actuais, os objectivos desta comunicação estarão igualmente relacionados com a promoção e a partilha do conhecimento quanto aos limites desta nova patologia no âmbito de uma discussão salutar.

**Anexo G2: Submissão do Abstract Relativamente ao Estudo Psicométrico
do IAT Para Discussão Entre Pares no 34th STAR Conference**

A Contribute to the Portuguese Validation of the Internet Addiction Test

Halley Pontes (BSc)¹ & Ivone Patrão (PhD)²

Abstract

The presented study aimed to examine the psychometric properties of a Portuguese version of the Internet Addiction Test (IAT) (Young, 1998). The study was conducted in four phases: a) translation, b) retroversion, c) validity and reliability and d) exploratory and confirmatory analysis in order to ascertain the test's adequacy to the Portuguese population. The IAT was developed in Young's early works where she adapted criteria of pathological gambling as in DSM-IV (APA, 1994). As so, the IAT was designed to evaluate which areas of an individual's life might be affected by their excessive Internet use (Widyant, Griffiths & Brunnsden, 2011).

The Portuguese version of Young's Internet Addiction Test (IAT) was administered to a sample of 500 Portuguese adolescents and young adults students ranging from secondary to university level. The subjects participated in the study by either filling in the online version of the test at their home (online condition) or at the academic context in the classroom or auditorium (offline condition). The results of the present study shall give us some more data regarding the factorial structure of IAT since it remains unclear in the literature, and also reveal its properties for the current version adapted.

Key-words: Internet Addiction; Internet Addiction Test; Validation; Portugal.

¹ ISPA - Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Lisbon, Portugal

² ISPA - Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Lisbon, Portugal.

**Anexo G3: Abstract Publicado em Revista Internacional do com Um
Futuro Estudo Sobre A Dependência à Internet e a Solidão em Crianças do
7º,8º e 9º ano do Ensino Básico**

Internet Addiction and Loneliness Among Portuguese Elementary School Students: An Exploratory Quantitative Study

Ivone Patrão ⁽¹⁾, Joana Rita ⁽²⁾, Halley Pontes ⁽³⁾

⁽¹⁾ ISPA-IU; Arslvt ivone_patrao@ispa.pt;

⁽²⁾ ESTSEL; Arslvt joana.rita@estesl.ipl.pt;

⁽³⁾ ISPA-IU halleypontes@hotmail.com

ABSTRACT

Introduction: The internet has become an essential tool of the modern life. People use it to search for information and perform many other activities, although for a great majority of its users the primary purpose for going online is to connect with others (Pezoa-Jares et al., 2012). Despite its obvious benefits, the Internet is not without its problems, especially when its use becomes excessive leading people to increased levels of isolation and other psychiatric comorbidities.

Objective: To assess the level of Internet Addiction among the students of a portuguese elementary school and to test the relationships between the sociodemographic variables and the measures of loneliness (social and emotional isolation).

Methods: The study follows a quantitative methodology with a non-probability convenience sample of 400 students attending an elementary school in Lisbon. The present study includes a sociodemographic questionnaire, the Internet Addiction Test (Young, 1998) and The 6-item De Jong Gierveld Loneliness Scales (De Jong Gierveld & Tilburg, 2006). **Results:** As the present study is still being undertaken, we expect to give a general overview of the extent of Internet Addiction among our sample and to test the viability of the proposed hypothesis assessments that the authors aim to further investigate.

Conclusions: The results will help us to enlight the scientific community to better understand the needs of the portuguese children in regard to their Internet usage habits, giving us further hints on which areas the information dissemination towards health and pedagogical practioneers and Internet users or caratakers shall be oriented.

Keywords – Internet Addiction Social Emotional Loneliness

Supplementary Information to Provide:

Full name of the author who presents and will maintain contact with the organization:

Dr^a Ivone Patrão

Author Email for future contact: ivone_patrao@ispa.pt

Anexo H: Traduções e Retroversões do Internet Addiction Test

The Internet Addiction Test

(I.A.T. – Young, 1998¹)

0	=	Not Applicable
1	=	Rarely
2	=	Occasionally
3	=	Frequently
4	=	Often
5	=	Always

1. How often do you find that you stay online longer than you intended?
2. How often do you neglect household chores to spend more time online?
3. How often do you prefer the excitement of the Internet to intimacy with your partner?
4. How often do you form new relationships with your fellow online users?
5. How often do others in your life complain to you about the amount of time you spend online?
6. How often do your grades or schoolwork suffer because of the amount of time you spend online?
7. How often do you check your e-mail before something else that you need to do?
8. How often does your job performance or productivity suffer because of the Internet?
9. How often do you become defensive or secretive when anyone asks you what you do online?
10. How often do you block out disturbing thoughts about your life with soothing thoughts of the Internet?
11. How often do you find yourself anticipating when you will go online again?
12. How often do you fear that life without the Internet would be boring, empty, and joyless?
13. How often do you snap, yell, or act annoyed if someone bothers you while you are online?
14. How often do you lose sleep due to late-night log-ins?
15. How often do you feel preoccupied with the Internet when offline, or fantasize about being online?
16. How often do you find yourself saying “Just a few more minutes” when online?
17. How often do you try to cut down the amount of time you spend online and fail?
18. How often do you try to hide how long you’ve been online?
19. How often do you choose to spend more time online over going out with others?
20. How often do you feel depressed, moody, or nervous when you are offline, which goes away once you are back online?

¹ Young, K. S. (1998). *Caught in The Net: How to Recognize the Signs of Internet Addiction and a Winning Strategy for Recovery*. New York: John Wiley & Sons, Inc.

The Internet Addiction Test

(I.A.T. – Young, 1998¹)

0	=	Not Applicable
1	=	Rarely
2	=	Occasionally
3	=	Frequently
4	=	Often
5	=	Always

1. Fico online mais tempo do que pretendia.
2. Negligencio tarefas domésticas para ficar mais tempo online.
3. Prefiro a excitação da Internet face à intimidade com o meu parceiro(a).
4. Crio novos relacionamentos com outros utilizadores online.
5. As pessoas que me rodeiam reclamam acerca da quantidade de tempo que passo online.
6. As minhas notas ou trabalhos escolares são prejudicados devido à quantidade de tempo que passo online.
7. Verifico o meu e-mail antes de qualquer outra tarefa que preciso de fazer.
8. O meu desempenho ou produtividade são prejudicados devido à Internet.
9. Torno-me defensivo(a) ou reservado(a) quando alguém me questiona o que faço online.
10. Bloqueio pensamentos perturbadores relacionados com a minha vida através de pensamentos relaxantes da Internet.
11. A Internet ajuda-me a relaxar e a bloquear pensamentos perturbadores relacionados com a minha vida.
12. Dou por mim a antecipar quando estarei online novamente.
13. Receio que a vida sem Internet seria aborrecida, vazia e sem graça.
14. “Passo-me da cabeça”, grito ou fico irritado(a) se alguém me perturba enquanto estou online.
15. Perco tempo de sono devido às horas tardias em que estou online.
16. Sinto-me preocupado com a Internet quando estou offline, ou fantasio que estou online.
17. Dou por mim a dizer “só mais uns minutos” quando estou online.
18. Tento reduzir a quantidade de tempo que passo online e não consigo.
19. Tento esconder há quanto tempo estou online.
20. Prefiro passar mais tempo online do que sair com outras pessoas.
21. Sinto-me depressivo(a), com mau humor ou nervoso(a) quando estou offline, e melhora assim que volto a estar online.

¹ Young, K. S. (1998). *Caught in The Net: How to Recognize the Signs of Internet Addiction and a Winning Strategy for Recovery*. New York: John Wiley & Sons, Inc.

Teste de Dependência de Internet

(I.A.T. - Young, 1998¹)

0	=	Não aplicável
1	=	Raramente
2	=	Ocasionalmente
3	=	Frequentemente
4	=	Muitas vezes
5	=	Sempre

- 1 – Com que frequência acha que fica online mais tempo do que pretendia?
- 2 – Com que frequência negligencia as tarefas domésticas para passar mais tempo online?
- 3 – Com que frequência prefere o divertimento da internet á intimidade com o seu parceiro?
- 4 – Com que frequência cria novas relações com os seus colegas utilizadores da internet?
- 5 - Com que frequência as pessoas que fazem parte da sua vida se queixam do excesso de tempo que passa online?
- 6 – Com que frequência as suas notas ou trabalhos escolares sofrem por causa do tempo que passa online?
- 7 – Com que frequência vai verificar o seu e-mail antes de fazer qualquer outra coisa que precise?
- 8 – Com que frequência a sua prestação no trabalho ou produtividade sofrem por causa do tempo que passa online?
- 9 - Com que frequência se torna defensivo ou reservado quando alguém lhe pergunta o que faz online?
- 10 - Com que frequência bloqueia pensamentos destrutivos sobre a vida com pensamentos tranquilizadores sobre a internet?
- 11 - Com que frequência se depara a antecipar quando vai estar online outra vez?
- 12 – Com que frequência teme que a vida sem internet se torne aborrecida, vazia e sem alegria?
- 13 – Com que frequência você resmunga, grita ou age de forma chateada se alguém o incomoda quando está online?

¹ Young, K. S. (1998). *Caught in The Net: How to Recognize the Signs of Internet Addiction and a Winning Strategy for Recovery*. New York: John Willey & Sons, Inc.

- 14 – Com que frequência perde tempo de sono devido a loggins tardios durante a noite?
- 15 – Com que frequência se sente preocupado com a internet quando está offline ou fantasia acerca de estar online?
- 16 – Com que frequência dá por si a dizer “Só mais uns minutinhos” quando está online?
- 17 – Com que frequência tenta diminuir o tempo que passa na internet e não corre bem?
- 18 – Com que frequência tenta esconder o tempo que esteve online?
- 19 – Com que frequência decide passar mais tempo online em vez de sair com outras pessoas?
- 20 – Com que frequência se sente deprimido, mal humorado ou nervoso quando está offline, sentimentos esses que desaparecem uma vez que esteja online?

Teste de adição à internet

(I.A.T. – Young, 1998¹)

0	=	Não aplicável
1	=	Raramente
2	=	Ocasionalmente
3	=	Frequentemente
4	=	Geralmente
5	=	Sempre

1. Com que frequência sentes que ficaste conectado à internet mais tempo do que querias?
2. Com que frequência negligencias as tuas tarefas em casa para passar mais tempo conectado?
3. Com que frequência preferes a excitação da internet à intimidade com o(a) teu(tua) parceiro(a)?
4. Com que frequência formas novas relações com outros utilizadores na internet?
5. Com que frequência é que os outros se queixam do tempo que passas conectado?
6. Com que frequência é que as tuas notas ou trabalhos de casa são afectados pelo tempo que passas conectado?
7. Com que frequência vês o teu e-mail antes de fazeres algo que precisas fazer?
8. Com que frequência é que o teu desempenho ou produtividade são afectados pela internet?
9. Com que frequência é que te tornas defensivo ou reservado quando alguém te pergunta o que fazes conectado?
10. Com que frequência é que bloqueias ideias perturbadoras sobre a tua vida com ideias calmantes da internet?
11. Com que frequência costumavas antecipar a próxima ida à internet?
12. Com que frequência sentes que a vida sem a internet seria chata, vazia e sem alegria?
13. Com que frequência é que rebentas, gritas ou ficas chateado se alguém te incomodar quando estás online?
14. Com que frequência perdes sono devido a ires à internet tardiamente?
15. Com que frequência te sentes preocupado com a internet quando estás desconectado, ou fantasias acerca de estar online?
16. Com que frequência é que te sentes a dizer “Só mais uns minutos” quando estás conectado?
17. Com que frequência é que tentas cortar no tempo que passas conectado e não consegues?
18. Com que frequência tentas esconder quanto tempo passaste conectado?
19. Com que frequência escolhes passar mais tempo conectado a sair de casa com outros?
20. Com que frequência te sentes deprimido, mal-humorado ou nervoso quando estás desconectado, o que desaparece quando te voltas a conectar?

¹ Young, K. S. (1998). *Caught in The Net: How to Recognize the Signs of Internet Addiction and a Winning Strategy for Recovery*. New York: John Wiley & Sons, Inc.

Teste de Adição à Internet

(Young, 1998)

Para avaliar o seu nível de adição, responda às seguintes questões utilizando esta escala:

1	=	Nunca
2	=	Raramente
3	=	Ocasionalmente
4	=	Várias vezes
5	=	Sempre

1. Com que frequência permanece on-line mais tempo do que pretendia?
2. Com que frequência deixa de fazer as tarefas de casa para poder ficar mais tempo on-line?
3. Com que frequência prefere a excitação da internet em relação à intimidade com o seu parceiro(a)?
4. Com que frequência faz novas relações com outras pessoas on-line?
5. Com que frequência as outras pessoas que lhe são próximas se queixam a si em relação à quantidade de tempo que passa on-line?
6. Com que frequência as suas notas ou trabalhos escolares sofrem por causa da quantidade de tempo que passa on-line?
7. Com que frequência verifica o seu e-mail antes de realizar qualquer tarefa à qual tenha que fazer?
8. Com que frequência a sua performance ou produtividade no trabalho sofre por causa da internet?
9. Com que frequência adota uma atitude defensiva ou de secretismo quando alguém lhe pergunta o que está a fazer on-line?
10. Com que frequência bloqueia os seus pensamentos mais perturbadores sobre a sua vida com os pensamentos apaziguadores sobre a internet?
11. Com que frequência dá por si a pensar sobre quando será a próxima vez que irá estar on-line?
12. Com que frequência receia que a vida sem internet seja entediante, vazia e sem alegria?
13. Com que frequência refila, grita e se irrita quando alguém o incomoda quando está on-line?
14. Com que frequência perde o sono por estar na internet até altas horas?
15. Com que frequência se sente preocupado com a internet ou fantasia sobre estar on-line quando está off-line?
16. Com que frequência dá por si a dizer “só mais alguns minutos” quando está on-line?
17. Com que frequência tenta reduzir a quantidade de tempo que passa on-line e falha ao fazê-lo?
18. Com que frequência tenta esconder a quantidade de tempo que esteve on-line?
19. Com que frequência prefere estar mais tempo on-line comparativamente ao sair com outras pessoas?
20. Com que frequência se sente deprimido, irritado ou nervoso quando está off-line e, deixa de estar assim quando está on-line?

Matching das Traduções

1. Com que frequência ficas online mais tempo do que pretendias?
2. Com que frequência deixas de fazer as tarefas de casa para poderes ficar mais tempo online?
3. Com que frequência preferes a excitação da internet à intimidade com o teu(tua) namorado(a)?
4. Com que frequência crias novas relações com outros utilizadores online?
5. Com que frequência as outras pessoas se queixam em relação à quantidade de tempo que passas online?
6. Com que frequência as tuas notas ou trabalhos escolares são prejudicados devido à quantidade de tempo que passas online?
7. Com que frequência verificas o teu e-mail ou sites como facebook ou o tweeter antes de fazeres qualquer outra coisa que precisas?
8. Com que frequência o teu desempenho ou produtividade no trabalho são prejudicados por causa da Internet?
9. Com que frequência te tornas defensivo(a) ou guardas segredo quando alguém te pergunta o que estás a fazer online?
10. Com que frequência bloqueias pensamentos perturbadores sobre a tua vida com pensamentos calmantes da Internet?
11. Com que frequência dás por ti a pensar sobre quando irás estar online novamente?
12. Com que frequência receias que a vida sem internet seria chata, vazia e sem graça?
13. Com que frequência é que explodes, gritas ou ficas irritado(a) quando alguém te incomoda enquanto estás online?
14. Com que frequência perdes o sono por estares online até tarde durante a noite?
15. Com que frequência te sentes preocupado com a Internet quando estás desconectado ou fantasias estar online?
16. Com que frequência dás por ti a dizer “só mais alguns minutos” quando estás online?
17. Com que frequência tentas reduzir a quantidade de tempo que passas online e não consegues?

18. Com que frequência tentas esconder a quantidade de tempo que passaste online?
19. Com que frequência preferes ficar mais tempo online do que ir sair com outras pessoas?
20. Com que frequência é que te sentes deprimido(a), mal-humorado(a) ou nervoso(a) quando estás desconectado(a), e deixas de estar assim quando entras online novamente?

Retroversão

- 1) How often do you stay online longer than you intended to?
- 2) How often don't you do your homework so that you can stay online for longer?
- 3) How often do you prefer the excitement of the internet to intimacy with your boy/girl friend?
- 4) How often do you create new relationships with other online users?
- 5) How often other people complain about the amount of time you spend online?
- 6) How often your scores or your homework are prejudiced by the time you spend online?
- 7) How often do you check your e-mail or sites like facebook or twitter before you do anything else you need to do?
- 8) How often your performance or your productivity at work are prejudiced because of the internet?
- 9) How often do you become defensive or keep secret when somebody asks you what you are doing online?
- 10) How often do you block disturbing thoughts about your life with calming thoughts about the internet?
- 11) How often do you catch yourself thinking about when you will be online again?
- 12) How often do you fear that life without internet would be boring, empty and without fun?
- 13) How often do you explode, shout or get angry when somebody bothers you while you are online?

- 14) How often do you lose out on sleep because your are online until late at night?

- 15) How often do you become worried about the internet when you are disconnected or imagines being online?

- 16) How often are you telling yourself "just a few more minutes" when you are online?

- 17) How often do you try to reduce the time you spend online and don't achieve to?

- 18) How often do you try to hide the length of time you spent online?

- 19) How often do you prefer spending more time online rather than going out with other people?

- 20) How often do you feel depressed, in a bad mood or nervous when you are disconnected and stop feeling like that when you are online again?